



REGENERAÇÃO URBANA

O Edifício Híbrido como articulação entre o novo parque e o tecido urbano existente no Rio Seco

João Henrique de Melo Alves
(Licenciado)

Projecto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura
(Mestrado Integrado em Arquitectura)

Orientação Científica:
Professor Doutor Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus
Professor Doutor José Luis Crespo

Júri:
Presidente Doutor/Especialista Filipa Roseta
Vogal Doutor/Especialista Alessia Alegri

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, Janeiro, 2016

AGRADECIMENTOS

Simbolizando o presente trabalho o encerramento de uma etapa académica e pessoal, queria deixar uma palavra de agradecimento aos que me acompanharam e me apoiaram ao longo da mesma.

Em primeiro lugar às minhas antigas professoras Maria João Müller e Mafalda Simas, por me terem desafiado a seguir o caminho da arquitectura antes de sequer imaginar a riqueza de conteúdos que compreendia.

Ao meu orientador, o professor Nuno Mateus, que procurou sempre suscitar em mim a curiosidade de reflectir sobre soluções diferentes, mas relevantes, e quebrar ideias pré-concebidas sem perder a racionalidade. E ao meu co-orientador, o professor José Crespo, que foi incansável no apoio à componente teórica, ajudando-me a encaminhar e consolidar os conteúdos de forma lógica e coerente, e estando sempre disponível.

Aos meus amigos que me acompanharam na primeira parte do meu percurso académico, André Bengochea, João Timóteo, Nuno Neto e Pedro Moutinho. Foram companheiros de viagem em tantas noites de trabalho, partilhámos frustrações e alegrias, esses laços não se esquecem, o meu obrigado.

Àqueles que me acolheram de braços abertos na parte final deste percurso, Miguel Viegas, Maria João Pereira, Adriana Curado, Margarida Caldeira, Inês Barroso e Armando Dourado. Sem vocês os obstáculos teriam sido maiores e mais difíceis de ultrapassar, e não levaria comigo uma quantidade incontável de bons momentos e amizades para a vida. Obrigado é pouco.

À minha família, os meus irmãos, por terem sempre mostrado preocupação comigo e com o meu trabalho, mesmo quando estavam longe, e me terem incentivado na procura constante de conhecimento, dentro e fora da arquitectura.

E aos meus pais, por toda a paciência e confiança, pelo apoio incondicional e por terem sabido abrir-me os olhos nos momentos em que não via o caminho, as palavras serão sempre poucas para vos agradecer.

RESUMO

Partindo de uma necessidade de regeneração de um território na cidade de Lisboa, este trabalho centrou-se na procura e desenvolvimento de uma solução para atingir o objetivo referido. Após um primeiro momento de investigação, a opção tomada foi a conceção de um edifício híbrido, uma vez que estes criam relações a vários níveis, interligando-os fortemente com o local em que se implantam.

Recorrendo a uma organização faseada e que assenta na combinação de elementos teóricos e práticos, procurou-se compreender de forma aprofundada o que caracteriza a arquitetura híbrida. Analisando autores e exemplos de vários períodos e contextos, estabeleceram-se as bases conceptuais para a intervenção propriamente dita.

Posteriormente, foi apresentada a área mais vasta onde está localizado o terreno de intervenção, demonstrando a necessidade de um plano urbano para a mesma, que a transformasse e criasse as bases para propostas de menor escala. Recorrendo a um parque urbano linear, é definida a premissa de transformação do território, dando significado a novas intervenções nos seus limites.

Desta forma, o presente trabalho culmina na materialização do edifício híbrido proposto para o antigo quartel do Rio Seco, na Ajuda, em Lisboa. Apresentando as suas características físicas e conceptuais, este edifício revelará a sua pertinência e adequação ao contexto específico, salientando o seu carácter mediador de realidades (em confronto) e estabelecendo novas relações com o lugar.

Palavras-chave: Regeneração Urbana, Arquitectura Híbrida, Rio Seco, Parque Urbano.

ABSTRACT

Starting from the need to regenerate a territory within the city of Lisbon, the current work was organised around the search and development of a solution to reach this goal. After a first moment of investigation, the adopted solution was the conception of a hybrid building, since these models establish relations at various levels, creating strong bonds with the place where they are built.

Based on a step by step process using theoretical and practical elements, there was an effort to understand at a deeper level what defines hybrid architecture. Analysing authors and examples of various periods and contexts, the foundations were established for the architectural proposal.

Afterwards, the larger site was presented, demonstrating the need for an urban plan that would transform it and create the base for a smaller scale proposal. Through a linear urban park, we define the premise for the territorial transformation, giving meaning to future interventions along its limits.

Given this, the current work ends with the materialisation of the proposed hybrid building in the old army quarters of Rio Seco, in Ajuda, Lisbon. Revealing its physical and conceptual characteristics, this building will present its pertinence and adequacy to its respective context, highlighting its mediating character and establishing new relations with the site.

Keywords: Urban Regeneration, Hybrid Architecture, Rio Seco, Urban Park.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	III
Resumo	IV
Abstract	V
Índice geral	VII
Índice de figuras	VIII
I. Introdução	15
II. Arquitectura Híbrida	21
2.1. A Hibridez	24
2.2. Evolução dos Edifícios Híbridos	25
2.3. O Híbrido Arquitectónico Contemporâneo	29
2.4. Os Híbridos como estratégia urbana	33
III. Casos de Estudo	37
3.1. Auditorium Building, Adler & Sullivan, 1887-1889	39
3.2. The Barbican, Chamberlin, Powell and Bon, 1957-1983	41
IV. O Novo Parque Urbano do Rio Seco	45
4.1. Enquadramento territorial	47
4.2. Estratégia urbana: o novo Parque Urbano do Rio Seco	50
V. O Híbrido do Rio Seco	55
5.1. O Lugar	57
5.2. Relações Urbanas	59
5.3. Opções Programáticas	60
5.4. Materialidade	63
VI. Conclusões	67
Bibliografia	71
Anexos	75

ÍNDICE DE FIGURAS

II. Arquitectura Híbrida

- Fig 1.** Fotografia da Esfinge de Gizé, 1929 24
Fonte: <http://www.freemaninstitute.com/Sphinx-1929photo.JPG>
- Fig 2.** Esquema de hibridização e vigor híbrido 24
Fonte: <http://bulbnrose.x10.mx/Hereditiy/SweetCorn1937/SweetCorn01.jpg>
- Fig 3.** Representação de Jerusalém, Konrad Grünenberg, 1487 25
Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/de/Konrad_von_Grünenberg_-_Beschreibung_der_Reise_von_Konstanz_nach_Jerusalem_-_Blatt_35v-36r.jpg
- Fig 4.** Ponte Vecchio, Florença 25
Fonte: <https://maninamsterdam.files.wordpress.com/2012/09/flo58.jpg>
- Fig 5.** Diagrama do custo do solo em *Manhattan*, Nova Iorque, em 1914 e 1923 26
Fonte: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/f3/4c/dc/f34cdcee88fbf6460d972abf97d92662.jpg>
- Fig 6.** Desenho do *Home Insurance Building*, William LeBaron Jenney, Chicago, 1885-1931 (demolido) 26
Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/86/Chicago_NY_Life_bldg_1912.jpg
- Fig 7.** *Dom Narkomfin*, Moisei Ginzburg e Ignatis Militis, 1928-1932 27
Fonte: http://40.media.tumblr.com/74f92b510186d58e0459ba48bc6a998d/tumblr_mu7d0wNDSn1qmwcxto1_1280.jpg
- Fig 8.** Volume destinado aos espaços partilhados no *Dom Narkomfin* 27
Fonte: <https://rosswolfe.files.wordpress.com/2013/10/d0bdd0bed0b2d0b8d0bdd181d0bad0b8d0b9-d0b1d183d0bbd18cd0b2d0b0d18025-d0b4d0bed0bc-d0bdd0b0d180d0bad0bed0bcd184d0b8d0bdd0b0-d0bcd18b-d0b41.jpg?w=700&h=&crop=1>
- Fig 9.** 1a Edição do C.I.A.M., *La Sarraz*, Suíça, 1928 28
Fonte: http://36.media.tumblr.com/b9b967006e8ef1fa46a854d4c79a0da5/tumblr_nekcqbdhQc1sj1mgbo1_r1_1280.jpg
- Fig 10.** Esquema de Classificação de Híbridos de Fenton 30
Fonte: http://faculty.virginia.edu/arch202/202_hybrid_files/slide0067_image025.jpg
- Fig 11.** Esquema de híbridos interligados (D), adaptada pelo autor 30
Fonte: http://www.archello.com/sites/default/files/imagecache/header_detail_large/GeothermalBW.jpg

Fig 12. Missouri Athletic Club	30
<i>Fonte: http://mw2.google.com/mw-panoramio/photos/medium/81198803.jpg</i>	
Fig 13. Bryghusprojektet, 2008-2014	30
<i>Fonte: http://www.blox.dk/~-/media/bryghus/top.jpg?mw=4000</i>	
Fig 14. John Hancock Center, 1965-1960	30
<i>Fonte: http://4everstatic.com/pictures/674xX/buildings/cities/chicago,-skyscrapers,-john-hancock-center-180551.jpg</i>	
Fig 15. Linked Hybrid, 2003-2009	30
<i>Fonte: https://robertacucchiario.files.wordpress.com/2011/12/146946-050-c6899f9f.jpg</i>	
Fig 16. Regeneração do braço de uma salamandra	33
<i>Fonte: http://getdefault.com/wp-content/uploads/2012/01/regeneration-stages-40-days.png</i>	
III. Casos de Estudo	
Fig 17. Fotografia do Auditorium Building, adaptada pelo autor	39
<i>Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cd/Auditorium_Building17.jpg</i>	
Fig 18. Planta piso térreo Auditorium Building	40
<i>Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f2/Auditorium_Building2.JPG</i>	
Fig 19. Alçado Oeste Auditorium Building	40
<i>Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/93/Auditorium_Building.JPG</i>	
Fig 20. Axonometria do Auditorium Building, adaptada pelo autor	40
<i>Fonte: http://41.media.tumblr.com/189b9b6775128209a87b018309539486/tumblr_nk1s6ytfKC1rk4fayo1_1280.jpg</i>	
Fig 21. Fotografia do Auditorium Building, J.W. Taylor, 1893	40
<i>Fonte: https://archistdaily.files.wordpress.com/2012/09/auditorium-theatre.jpg</i>	
Fig 22. Fotografia exterior do conjunto Barbican, adaptada pelo autor	43
<i>Fonte: http://www.pastscape.org.uk/NewsImages/Images%20by%20James%20.%20Davies/DP100590%20-%20Barbican.jpg</i>	
Fig 23. Planta de coberturas do complexo Barbican	44
<i>Fonte: http://housingprototypes.org/images/barbican_20.gif</i>	

Fig 24. Fotografia de uma das passagens aéreas do Barbican	44
<i>Fonte: https://40.media.tumblr.com/03c81717e76dc52f29a9ddbf82da9192/tumblr_nksq99CHaQ1rQ0uoio1_1280.jpg</i>	
Fig 25. Fotografia de um espaço público do conjunto Barbican	44
<i>Fonte: https://40.media.tumblr.com/018538d4060d0e09776083022ea1a343/tumblr_ne0sm3DbiM1u0lj49o1_1280.jpg</i>	
Fig 26. Fotografia do conjunto Barbican	44
<i>Fonte: https://41.media.tumblr.com/dbf5746e783bb1150d3a0d6e9a6e8b50/tumblr_mqr6addQeG1r29jt9o1_1280.jpg</i>	
Fig 27. Fotografia aérea do conjunto Barbican	45
<i>Fonte: http://ddk82aqeuj01i.cloudfront.net/2012/April/NY697644_942long.jpg</i>	
IV. O Novo Parque Urbano do Rio Seco	
Fig 28. Planta da cidade de Lisboa, 1807	49
<i>Fonte: Câmara Municipal de Lisboa</i>	
Fig 29. Ortofotomapa de Lisboa com marcação do Rio Seco, adaptado pelo autor	50
<i>Fonte: Google Maps, adaptado pelo autor</i>	
Fig 30. Fotografia do Palácio Nacional da Ajuda	50
<i>Fonte: http://www.aviewoncities.com/img/lisbon/kvept0563s.jpg</i>	
Fig 31. Fotografia do novo Museu dos Coches	50
<i>Fonte: http://images.cdn.impresa.pt/sicnot/2013-10-14-h264_thumb0_sec_0.png25/original</i>	
Fig 32. Ortofotomapa do vale do Rio Seco e envolvente próxima	51
<i>Fonte: Google Maps, adaptado pelo autor</i>	
Fig 33. Fotografia do Central Park	52
<i>Fonte: https://i.ytimg.com/vi/EtMjSBJF6Hk/maxresdefault.jpg</i>	
Fig 34. Fotografia da High Line enquanto linha férrea	52
<i>Fonte: http://www.museumofthecity.org/wp-content/uploads/2014/03/locomotive_onthe_HighLine-300x295.jpg</i>	
Fig 35. Fotografia da High Line transformada em espaço público	53
<i>Fonte: http://conexaomundo.com.br/wp-content/uploads/2014/06/conexao-mundo-high-line-park-chelsea-meatpacking-district-ny-3.jpg</i>	
Fig 36. Diagrama do Parque Urbano sobreposto ao ortofotomapa do vale	51
<i>Desenho do autor</i>	

V. O Híbrido do Rio Seco

- Fig 37.** Ortofotomapa com marcação do área do Quartel do Rio Seco 59
Fonte: Google Maps, adaptado pelo autor
- Fig 38.** Fotografia do túnel do Rio Seco, Eduardo Portugal, 1939 59
Fonte: <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Imagem.aspx?ID=2330984&Mode=M&Linha=1&Coluna=1>
- Fig 39.** Fotografias dos pontos críticos do quartel do Rio Seco 59
Fotografias do autor
- Fig 40.** Fotografia aérea com marcação do área do Quartel do Rio Seco 60
Fonte: Bing Maps, adaptado pelo autor
- Fig 41.** Fotografias dos edifícios a preservar no quartel do Rio Seco 60
Fotografias do autor
- Fig 42.** Esquema concetual do Híbrido e relações volumétricas com a envolvente 61
Desenho do autor
- Fig 43.** Diagramas de localização programática dentro do edifício 62
Desenho do autor
- Fig 44.** Diagramas de localização programática dentro do edifício 63
Desenho do autor
- Fig 45.** Diagramas de localização programática dentro do edifício 64
Desenho do autor
- Fig 46.** Diagrama de lajes do edifício 65
Desenho do autor
- Fig 47.** Renderização da zona dos nichos na incubadora 67
Imagem do autor
- Fig 48.** Renderização da sala de uma das tipologias grandes 67
Imagem do autor
- Fig 49.** Renderização de um quarto de uma das tipologias grandes 67
Imagem do autor

*"I'm interested in the moment when two objects collide and generate a third.
The third object is where the interesting work is."*

Bruce Mau

(Mau cit. por Monteiro, 2006, P.20)

I. INTRODUÇÃO

O presente trabalho vai incidir sobre uma hipótese de arquitetura híbrida como meio de intervenção a nível urbano. Mais especificamente, sobre as potencialidades de um híbrido enquanto agente de regeneração urbana no Rio Seco, situado na freguesia da Ajuda, em Lisboa. Este **tema** foi eleito após uma análise, com ênfase nas limitações atuais verificadas nesta área, e mais especificamente no terreno pertencente ao **antigo Quartel do Rio Seco**, e no modo como uma intervenção arquitetónica poderia minimizá-las ou mesmo inverter essas limitações transformando-o num espaço planificado. Cruzando intenções de âmbito de análise urbana com uma investigação teórica em paralelo, chegou-se à conclusão que um edifício híbrido seria a opção a estudar. O facto de se tratar de um modelo com grande influência sobre o contexto urbano, revela a sua pertinência para o caso em questão.

Importante também é compreender que esta proposta tem base numa de âmbito urbano que a antecede. Centrada sobre o **vale do Rio Seco**, é definida uma estratégia de renaturalização do mesmo que retorna o rio à sua posição original, à superfície, e cria uma estrutura de espaço verde em seu redor. Assim são criadas as fundações para as intervenções de menor escala ao longo deste vale, seguindo uma lógica de transformação do local.

Assim sendo, fica claro que o conceito principal a abordar é o de uma **arquitetura híbrida** como catalisador, mas também o de regeneração urbana e a forma como os modelos híbridos podem ser um meio para a alcançar. Por outro lado, também serão discutidos os conceitos de edifício multifuncional e condensador social, com o propósito de consolidar o enquadramento conceptual deste edifício. Como tal, será discutido o trabalho de Fenton (1985), mas também os de Mozas, Musiatowicz e Per (2014), todos em torno dos edifícios híbridos e conceitos relacionados.

Com base no anteriormente exposto, este Projeto Final de Mestrado vai encaminhar-se no sentido de procurar responder à seguinte **questão**: *de que forma um edifício híbrido pode ser utilizado como motor para consolidar uma estratégia de regeneração urbana?*

Para tal, foi elaborada uma **resposta provisória**, que sugere que os edifícios híbridos são portadores de várias condições conceptuais e espaciais que lhes conferem a capacidade flexível de interagir a um nível mais profundo com a cidade, carregando assim este modelo condições para desenvolver o necessário suporte às estratégias urbanas desejadas.

Procurando responder de forma mais clara e concisa à questão de trabalho que nos propomos desenvolver, pretende-se atingir os seguintes **objetivos**:

Primeiro, esclarecer o que constitui aquilo que aqui designamos como uma arquitetura híbrida. Segundo, compreender o desenvolvimento deste modelo ao longo dos tempos, e o seu correspondente atual. E o terceiro e último, conceber um edifício híbrido, defendendo a sua pertinência no contexto do novo parque urbano do Rio Seco.

Neste sentido foi adotada a seguinte **metodologia** de trabalho: realização de uma investigação teórica, recorrendo aos principais autores que têm estudado e refletido sobre o tema da arquitetura híbrida e abrangendo edifícios do final do século XIX à contemporaneidade. Posteriormente serão escolhidos

dois edifícios híbridos (casos de estudo) para compreender de forma mais aprofundada exemplos destes modelos, que sejam representativos de abordagens conceptuais, contextos e períodos históricos distintos. Esta análise será fundada na discussão das principais qualidades dos respetivos exemplos, aproveitando para evidenciar ideias anteriormente referidas aquando da investigação teórica.

Numa fase seguinte, tendo como foco o território, o método preferencial será a análise e compreensão de cartografia histórica e iconografia complementar. Esta servirá para identificar os primeiros assentamentos urbanos registados no território em análise, e o edificado principal desta área, permitindo vislumbrar a forma como se desenvolveu o tecido urbano. Também o recurso a fotografias aéreas do local será utilizado como uma ferramenta operativa numa perspetiva de uma leitura urbana que, datando de um período mais recente, possibilita uma visão mais atualizada e rigorosa do mesmo. A recolha e observação de fotografias históricas é ainda outra forma complementar de compreensão de partes deste território, permitindo apreender o que foi mantido e o que se transformou com a passagem do tempo. Esta última técnica representa ainda um apoio à observação direta, servindo para permitir realizar comparações mais imediatas relacionadas com o edificado que se mantém e com o que propomos demolir ou substituir. A utilização de dados estatísticos recentes permite consolidar uma visão mais ampla do território, reforçando noções apreendidas anteriormente. Por fim, houve ainda uma investigação sobre as estratégias municipais a atingir a curto e médio prazo, como meio de adequar as escolhas programáticas no contexto geral da cidade e reforçar a validade das mesmas.

Explanada a metodologia a utilizar, passamos agora a clarificar a **estrutura** deste trabalho. O mesmo será então estruturado em seis partes: **Introdução, Arquitetura Híbrida, Casos de Estudo, o Novo Parque Urbano do Rio Seco, o Híbrido do Rio Seco e Conclusões.**

O segundo capítulo focar-se-á sobre arquitetura híbrida em geral, começando por esclarecer as ideias na sua base: o conceito lato de hibridez e a noção de vigor híbrido. Em seguida, e por não se tratar de um conceito atual, será apresentada uma evolução histórica sintética dos edifícios multifuncionais, revelando os principais momentos e condições que levaram à origem e desenvolvimento dos modelos híbridos. O passo seguinte consistirá na cristalização e consolidação destes modelos, apresentando uma perspetiva contemporânea atualizada. A encerrar este capítulo, discutimos as características dos edifícios híbridos que se relacionam com intervenções urbanas significativas, procurando demonstrar as qualidades dos mesmos para intervir ao nível do espaço da cidade.

No terceiro capítulo, serão escolhidos e analisados dois casos de estudo relevantes, permitindo evidenciar algumas características mencionadas anteriormente e associando-as a contextos específicos. Neste sentido serão escolhidos dois exemplos representativos de situações urbanas e culturais distintas, assentes em posicionamentos formais também distintos. Serão ainda apresentados outros exemplos de edifícios híbridos nos anexos, como forma de complementar as ideias desenvolvidas e clarificadas ao longo do texto.

O quarto capítulo incide sobre o novo Parque Urbano do Rio Seco, começando por abordar as principais características do território, antes de se avançar para a intervenção urbana proposta. O enquadramento territorial será então iniciado por uma análise dos momentos históricos mais determinantes, revelando as condições que levaram à fundação e desenvolvimento desta complexa freguesia. Posteriormente, o assunto em estudo será a localização desta área no contexto da cidade que, em articulação com os principais equipamentos nas imediações, constituem mais-valias para uma transformação que se pretende duradoura da área do Rio Seco. Tendo abordado inicialmente os pontos fortes do território posteriormente, passaremos à avaliação das suas limitações, revelando os principais fatores que atrasaram o desenvolvimento urbano e que ainda se manifestam negativamente sobre o sítio. De seguida, numa perspetiva de enquadramento conceptual da proposta urbana do novo parque, apresentaremos de forma sucinta alguns exemplos marcantes de parques urbanos noutros contextos, reforçando a sua importância para as referidas situações. No momento final deste capítulo o assunto abordado será então o novo Parque Urbano do Rio Seco. Tratando-se de uma estrutura conceptual, a ênfase recairá então sobre as suas várias valências e ideias-base, assentando a tónica nas intenções a longo prazo e na dinâmica de transformação desejada.

O quinto capítulo dirá respeito ao projeto arquitetónico proposto: o Híbrido do Rio Seco. Iniciando o mesmo com uma avaliação resumida do lugar, serão de seguida definidas as diretrizes para a futura intervenção. Segue-se um enfoque na sustentação teórica, argumentando a pertinência de um modelo híbrido para este local. Posteriormente, serão desenvolvidos os programas escolhidos, procurando articular uma perceção do contexto físico deste lugar com as estratégias e objetivos municipais. Por fim, e não menos importante, serão abordados todos os aspetos referentes à formalização da proposta. Recorrendo a uma lógica de escalas progressivas, sucessivamente mais detalhadas, este edifício híbrido será documentado em todas as suas componentes, justificando e argumentando-as em simultâneo.

E por fim, o último capítulo consistirá numa síntese dos conteúdos expostos, realçando os elementos principais de cada um dos anteriores e revelando de que forma foram úteis para chegar às conclusões finais. Como nota de encerramento, serão ainda apresentados desafios futuros para a arquitetura híbrida, sugerindo algumas possibilidades de utilização destes edifícios.

Como breve nota complementar a esta introdução, resta ainda informar que a referenciação foi feita segundo a norma de *Harvard*.

II. ARQUITETURA HÍBRIDA

2.1. A HÍBRIDEZ

2.2. EVOLUÇÃO DOS EDIFÍCIOS HÍBRIDOS

2.3. O HÍBRIDO ARQUITETÓNICO CONTEMPORÂNEO

2.4. OS HÍBRIDOS COMO ESTRATÉGIA URBANA

INTRODUÇÃO

O presente capítulo procura esclarecer o que constitui arquitetura híbrida, evidenciando que se trata de um tema concreto definido por características específicas, e que se diferencia assim do edifício multifuncional comum. Os conteúdos serão então divididos em quatro partes: **a Hibridez, a Evolução dos Edifícios Híbridos, o Híbrido Arquitetónico Contemporâneo, e os Híbridos como Estratégia Urbana.**

A primeira parte incidirá sobre o conceito lato de híbrido e hibridez, enunciando as suas origens enquanto ideia e posteriormente como processo científico. Serão ainda apresentados conceitos paralelos, que ajudam à compreensão e validação deste fenómeno.

O subcapítulo que se segue apresenta uma síntese dos principais momentos históricos que conduziram ao aparecimento do edifício híbrido. Estes momentos-chave, na figura das ocupações territoriais mais comuns, estabeleceram as bases que fomentaram ou dissuadiram o desenvolvimento de modelos (edifícios) multifuncionais e, posteriormente, híbridos.

Em seguida, o assunto principal serão os edifícios híbridos atuais, abordando-os de forma mais profunda. Aqui serão consolidadas as perspetivas dos principais autores, definindo com maior rigor as características da arquitetura híbrida contemporânea e a respetiva classificação em relação à abordagem.

Posteriormente, será abordado o papel dos híbridos ao nível da cidade. Aqui será esclarecida a forma como estes modelos podem ser utilizados enquanto meio para desenvolver estratégias urbanas.

Por fim, será realizada uma síntese dos conteúdos apresentados, consolidando-os e começando a desvendar a relação entre os mesmos e a vertente prática do projeto.

2.1. A Hibridez

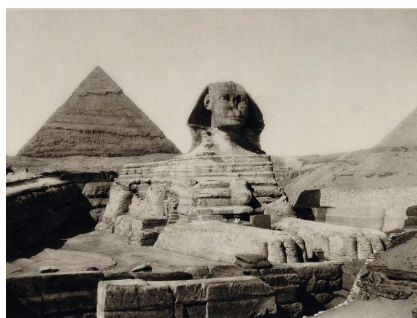


Fig 1. Fotografia da Esfinge de Gizé, 1929

O termo híbrido tem origem na palavra latina de origem grega híbrida ou hybrida, que significava: indivíduo resultante do cruzamento de espécies ou raças diferentes; ou mestiço; ou um filho de pai romano e mãe estrangeira; ou o filho de um Homem livre e um escravo. Assim sendo, a hibridez, como ideia, acompanhou desde cedo várias civilizações. Independentemente da localização geográfica, existem inúmeras representações de figuras mitológicas resultantes da combinação de espécies distintas, revelando que o imaginário do Homem está fortemente marcado por estas criaturas. A esfinge, um ser com corpo de leão e cabeça humana, que defendia templos e formulava enigmas aos viajantes para lhes permitir ou não a passagem; o Minotauro, parte homem e parte touro, condenado ao confinamento no labirinto de Creta e destinado a matar quem lá entrasse; Pégaso, o cavalo alado montado pelo herói grego Belerofonte; ou ainda as sereias, com corpo de mulher e cauda de peixe, que seduziam os homens com o seu canto e os devoravam, são alguns dos exemplos que encontramos desde os primeiros registos do pensamento humano.

Na procura de clarificar o significado atual de híbrido foram consultadas várias fontes, respetivamente os dicionários da Texto Editora, Priberam e Houaiss. Assim, foi possível constatar que a maioria das definições é recorrente, denotando um entendimento consensual em torno da mesma. A primeira definição entende-o como qualquer organismo formado pelo cruzamento de duas espécies diferentes. Segue-se uma de raiz linguística, que o estabelece como a palavra composta por elementos de línguas diferentes. E, por fim, este termo pode também ser utilizado para caracterizar algo que se opõe às Leis da Natureza, e que portanto, não deve existir. Por motivos operativos, no presente trabalho, a primeira definição é de particular importância.

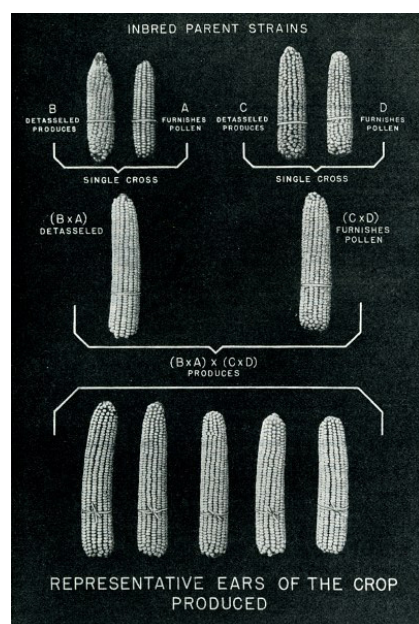


Fig 2. Esquema de hibridização e vigor híbrido

Apesar do conceito de híbrido remontar à Grécia Antiga, só muito posteriormente, por volta dos séculos XVIII e XIX, seriam formuladas as bases rigorosas deste fenómeno. Os botânicos Josef Kölreuter, em primeiro lugar, e Gregor Mendel, posteriormente, foram os pioneiros no estudo deste campo, estabelecendo os fundamentos biológicos associados a rácios matemáticos, que o tornavam possível. Kölreuter foi também o autor de outro conceito paralelo fundamental: o Vigor Híbrido ou Heterose. Este descreve a tendência de um cruzamento de espécies diferentes para produzir um ser com maior capacidade de resistência e potencial de desenvolvimento, do que qualquer dos progenitores (Kaplan cit. por Fenton, 1985 P.4). O vigor híbrido revela-se ainda de grande valor conceptual para a compreensão do Híbrido Arquitetónico, estabelecendo-se como o objetivo principal para a combinação de programas.

2.2. Evolução dos Edifícios Híbridos

De acordo com o que foi mencionado anteriormente, a essência da condição híbrida reside na combinação de entidades diferentes. No caso dos Edifícios Híbridos, a mesma tem a base na acumulação de funções ou programas distintos.

Fazendo uma breve análise histórica, torna-se claro que a ideia de incorporar múltiplos usos no mesmo edifício não é recente, sendo difícil determinar a sua origem. No entanto há uma predominância de exemplos no período da Idade Média, consequência das características físicas dos territórios. Sendo os núcleos urbanos enclausurados por muralhas, o solo livre era limitado e tendia para o progressivo desaparecimento, surgindo a sobreposição de funções como resposta (Musiatowicz, 2014, P.12).



Fig 3. Representação de Jerusalém, Konrad Gr̃unenberg, 1487

A casa (apartamento) por cima da loja representa uma das sobreposições mais recorrentes ao longo da História, havendo no entanto inúmeras outras combinações, como é o caso da Ponte Vecchio em Florença, que acumulava as funções de ponte com espaços de comércio e habitação (Fenton, 1985).

Com o passar dos anos as cidades começaram a expandir-se para fora das muralhas, formando pequenos núcleos populacionais. Este momento marcou uma mudança na estratégia de ocupação territorial, consequência da maior disponibilidade de terrenos livres. Desta forma foi eliminada a necessidade de acumulação de funções, anteriormente pertinente, e houve um abrandamento na utilização de edifícios multifuncionais.

Só no final do século XIX reemerge uma necessidade renovada de densidade, fruto de novas condicionantes urbanas associadas a pressões económicas. Os lugares em questão são as grandes cidades dos Estados Unidos da América, que têm na sua génese malhas urbanas reticuladas, restringindo o desenvolvimento horizontal e incentivando a conceção de soluções arquitetónicas inovadoras para rentabilizar o custo elevado do solo.



Fig 4. Ponte Vecchio, Florença

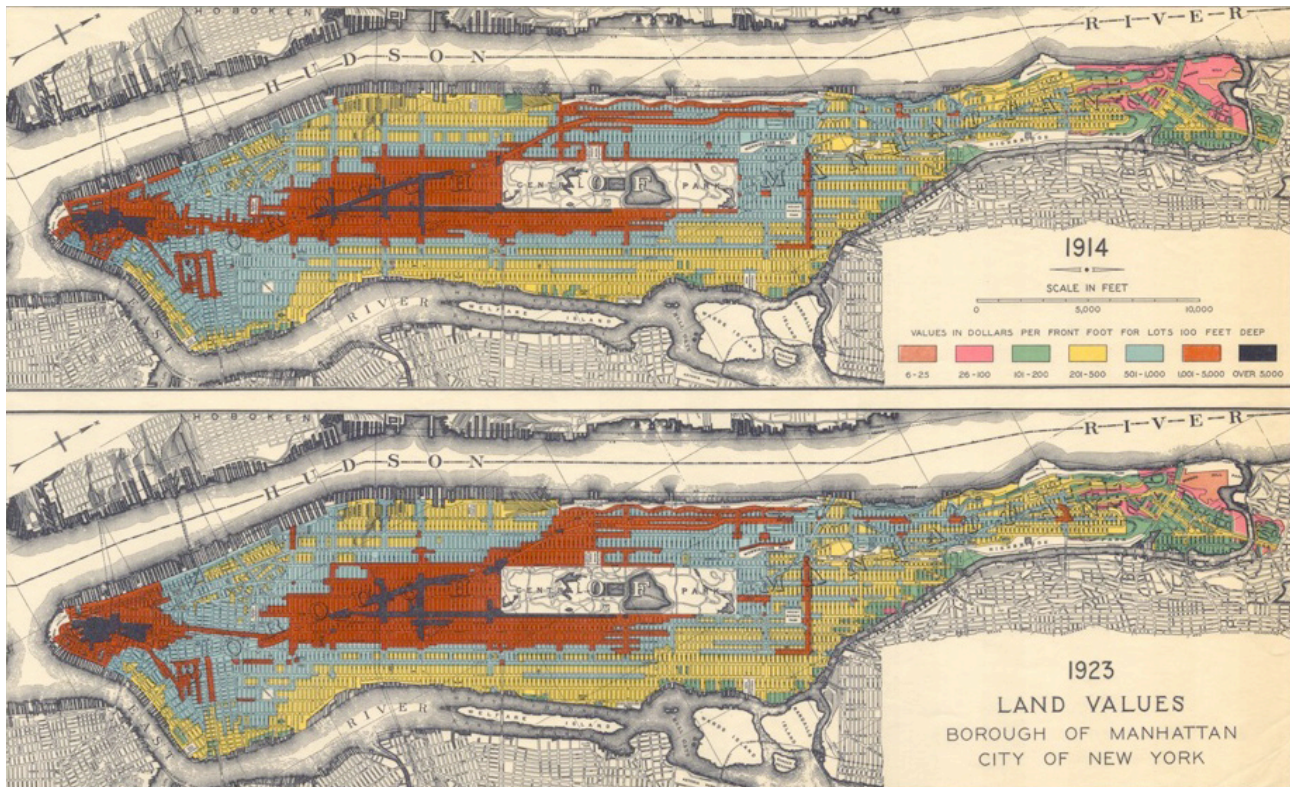


Fig 5. Diagrama do custo do solo em Manhattan, Nova Iorque, em 1914 e 1923

"In America we are free of artistic traditions. Our freedom begets license, it is true. We do shocking things, we produce works of architecture irredeemably bad; we try crude experiments that result in disaster. Yet somehow in this mass of ungoverned energies lies the principle of life"
 (Root cit. por Fenton, 1985, P. 3).

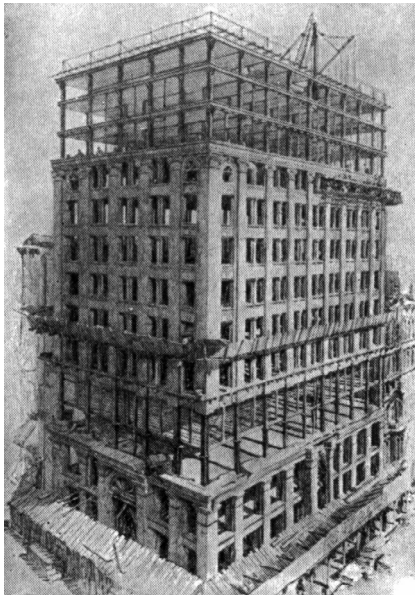


Fig 6. Desenho do Home Insurance Building, William LeBaron Jenney, Chicago, 1885-1931 (demolido)

É sob estas condições que se dá uma nova expansão vertical dos edifícios¹, indissociável de três inovações tecnológicas: o aço estrutural, o elevador e a construção em betão armado. Estes sistemas permitiram a maximização do volume construído, enquanto em simultâneo se levantavam questões de ocupação programática do mesmo. A incapacidade de conseguir "encher" os novos edifícios com um único programa, levou a múltiplas combinações, dando origem aos primeiros Edifícios Híbridos: os arranha-céus (Fenton, 1985).

Um exemplo pertinente é o caso da cidade de Nova Iorque (Manhattan), que beneficiou de um conjunto de circunstâncias que culminaram na produção de muita reflexão marcante, teórica e prática, sobre este tema. Apoiados por uma situação económica de grande prosperidade e políticas que incentivavam o desenvolvimento de novas abordagens espaciais, os arquitetos desenvolveram progressivamente estes novos modelos. Numa primeira fase, que se inicia no final do séc. XIX, a abordagem mais usual era a construção de grandes volumes compostos por plantas livres, em função do lucro máximo. Este pensamento teve como resultado o crescente sombreamento e conseqüente insalubridade das ruas, que se propagou até 1916. Só nesse ano, após a implementação da Lei do Zonamento, se tornou obrigatória a redução da volumetria dos novos edifícios, impedindo

¹ O Home Insurance Building, desenhado por William Le Baron Jenney e construído em 1885, em Chicago, foi o primeiro edifício a usar uma estrutura de pilares e vigas em aço, abandonando o sistema de paredes portantes, sendo considerado o primeiro arranha-céus.

as simples extrusões verticais dos lotes e melhorando a incidência solar, culminando na qualificação da higiene urbana.

Com os avanços tecnológicos, os arquitetos começaram a explorar um conjunto mais extenso de possibilidades e intenções, e os edifícios foram-se transformando, afastando-se da lógica dos grandes blocos de planta livre, para se tornarem estruturas simbólicas de maior complexidade com um papel importante nas relações urbanas. Esta condição seria mais tarde abordada por Fenton (1985) na sua classificação de Edifícios Híbridos. Assim sendo, pode observar-se que os arranha-céus que surgem neste primeiro período (final do séc. XIX / início do séc. XX) são híbridos por necessidade, isto é, agregam vários usos em função de uma maximização do lucro. A componente económica, ainda que em moldes diferentes, continuaria a ser importante nos futuros híbridos.

Estes modelos foram-se difundindo a um ritmo acelerado, sobretudo no início do século XX, e rapidamente os principais programas (usos) do século anterior (habitações unifamiliares, escritórios, museus, teatros, tribunais, prisões, entre outros) passaram a ser incorporados nos mesmos. Como tal, os arranha-céus continuariam a ser desenvolvidos até ao início do 2º quartel do século XX, quando se deu a quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929.

Pela mesma altura, na recém-formada União Soviética, foram concebidas pelos arquitetos do movimento construtivista outras tipologias multifuncionais: os Condensadores Sociais que, apesar de aparentemente semelhantes aos Híbridos por aglomerarem vários programas, representavam de facto uma visão oposta. Este modelo na realidade corresponde a três tipos de edifícios separados: a Casa Colectiva, o Clube Operário que Reúne os Serviços de Grau Superior, não Incluídos na Unidade Residencial, e a Indústria (Benevolo, 1998, p.521). Neste caso, o foco recai sobre a Casa Colectiva, que tem a sua génese em condições contrárias ao seu contraparte ocidental, beneficiando de um vasto território livre associado a uma necessidade urgente de habitação, e sendo suportada por iniciativa estatal. Tal como o Híbrido, este modelo agrega usos distintos (para usufruto interno) como meio de fortalecer o edifício, e cumpre a função específica de transformar as relações pessoais entre os habitantes (Per, 2014). Nestas unidades habitacionais, denominadas *Dom Kommuna*, os espaços que anteriormente se encontravam no domínio privado, nomeadamente as cozinhas e locais de refeição, passavam a desenrolar-se em zonas comuns partilhadas por todos os residentes, em função de uma “coletivização quase completa da vida familiar” (Benevolo, 1998, p.521).

“Confining privacy to the bedroom was an effective way to do away with bourgeois conventionalism” (Per, 2014, P.44).

Assim, torna-se claro que o Condensador Social, apesar de multifuncional e de certa forma híbrido conceptualmente, se posiciona de forma diametralmente oposta ao Híbrido Arquitetónico, focando o seu desempenho numa comunidade específica isolada, enquanto o segundo estabelece uma relação forte com o contexto urbano envolvente. No entanto, o Condensador Social teria ainda um papel fundamental, exercendo uma grande influência sobre os arquitetos do futuro Movimento Moderno, que transformariam as premissas do mesmo e as difundiriam integradas num discurso funcionalista.

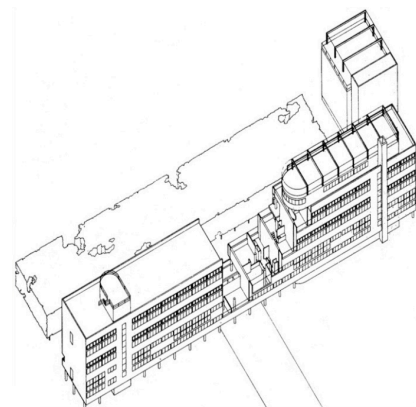


Fig 7. *Dom Narkomfin*, Moisei Ginzburg e Ignatis Militis, 1928-1932

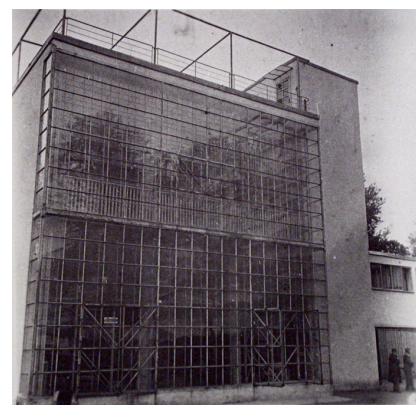


Fig 8. Volume destinado aos espaços partilhados no *Dom Narkomfin*



Fig 9. 1ª Edição do CIAM, La Sarraz, Suíça, 1928

A evolução do edifício híbrido prosseguiria até ser travada pela crise económica (1929) e, quando a mesma foi ultrapassada, o Movimento Moderno, através dos C.I.A.M. (Congrès International d'Architecture Moderne), tinha conseguido instituir a separação e segregação funcional como estratégia urbana corrente. Posteriormente, estes princípios seriam utilizados, ainda que de forma moderada, no desenvolvimento dos centros urbanos americanos após a Segunda Guerra Mundial, remetendo os Híbridos para um período de incubação (Per, 2014).

"With architecture intelligentsia already infected it was hard to fight against the virus of functional segregation propagated by the 1933 Athens Charter" (Mozas, 2014, P.24).

A segunda metade do século XX assistiu à reavaliação e conseqüente distanciamento dos princípios da Carta de Atenas. A utilização de edifícios isolados abrandou e voltou a construção de entidades urbanas mais antigas, na forma da frente de rua e do quarteirão, reforçando o valor da continuidade na leitura da cidade. É com este pensamento que recomeçam a ser concebidos modelos Híbridos, como resultado do seu entendimento enquanto entidades que enriquecem o espaço urbano e o ampliam.

Apesar de terem sido desenvolvidos alguns edifícios híbridos como resposta a uma necessidade de regeneração de territórios urbanos afetados pela Segunda Guerra Mundial, como a *Torre Velasca*² (Milão, 1954-1958) ou o *Complexo Barbican*³ (Londres, 1955-1983), só umas décadas mais tarde houve uma maior profusão destes edifícios.

Steven Holl e Rem Koolhaas são alguns dos maiores impulsionadores deste modelo, tendo desenvolvido vários projetos e ensaios teóricos enquadrados neste tema. Holl (2014), no prólogo de *This is Hybrid*, evoca ainda as capacidades e potencialidades dos Híbridos para encarar as novas condições urbanas que se estão a desenvolver. Referindo-se às megacidades, cada vez mais densamente ocupadas, o autor sugere a capacidade destes modelos para se tornarem alternativas aos grandes blocos de apartamentos desqualificados, sem serviços nem espaço público. Por fim, o autor enuncia ainda algumas áreas potenciais para o futuro dos Híbridos: as cidades do século XXI como incubadoras dos mesmos; formação de espaço público; dinâmicas de secção; novos expoentes de "arquitetura verde"; liberdade de novos conceitos⁴.

² Ver ficha 01, em anexo.

³ Este edifício será apresentado de forma mais detalhada no capítulo seguinte.

⁴ Ver fichas 05 e 09, em anexo.

2.3. O Híbrido Arquitetónico Contemporâneo

Segundo Gadanho (2006), a arquitetura como processo crítico está sujeita a uma hibridação constante, uma vez que sofre continuamente influências de áreas que se cruzam com o seu percurso metodológico. O mesmo autor acrescenta ainda que esta contaminação é essencial para qualquer noção contemporânea de cultura. No entanto, para o presente trabalho, o conceito de Arquitetura Híbrida recairá sobre uma visão programática e funcional, apoiada sobre as teorias dos principais investigadores.

Tendo começado a ser estudado como fenómeno concreto a partir dos anos 80 do século XX, e não sendo um campo consensual, este tema carece da densidade bibliográfica de outros já consolidados. Joseph Fenton foi o primeiro a refletir sobre o mesmo, começando por identificar o Híbrido como um tipo concreto de edifício multifuncional com características específicas que o singularizam e distanciam da versão corrente deste conceito.

"This catalogue examines the complex relationship between form, function, technology, urban context and society, with the hybrid building establishing a coherent balance of parts" (Fenton, 1985, P.5).

Fenton (1985) sistematizou este modelo definindo, em primeiro lugar, que os Híbridos se separam dos edifícios multifuncionais em escala e forma. A escala corresponde a um quarteirão dentro de uma malha urbana ortogonal. A forma era o resultado das inovações tecnológicas mencionadas anteriormente, que ditaram a expansão vertical. Por serem produto de iniciativa privada e estarem situados em ambientes urbanos, beneficiando de contextos de grande densidade, os Híbridos estabelecem relações fortes com os mesmos. A necessidade de acolher pessoas que "alimentem" os usos dá o mote para a permeabilização do espaço, quebrando a barreira tradicional entre público e privado, e expandindo o espaço urbano pedonal para o interior destes edifícios.

O mesmo autor estabeleceu ainda um sistema de classificação para compreender os edifícios híbridos no que diz respeito à forma. Estas categorias, apesar de se referirem à componente estética, revelam o posicionamento decidido pelos arquitetos, e espelham o meio como os vários Híbridos se relacionam com o contexto em que se inserem. Sendo as três categorias respectivamente: *Fabric Hybrids*, *Graft Hybrids* e *Monolith Hybrids*. No entanto, tendo em conta uma visão atualizada destes modelos, tornou-se necessário conceber uma nova categoria que enquadrasse os exemplos anteriormente deslocados das existentes e que foi designada: Híbridos Interligados.

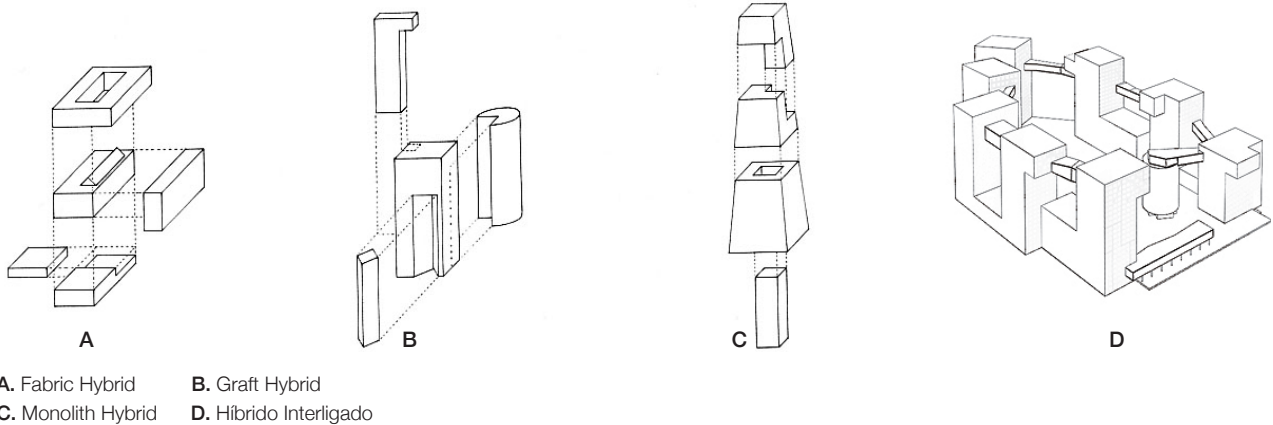


Fig 10. Esquema de Classificação de Híbridos de Fenton (A, B e C)

Fig 11. Esquema de híbridos interligados (D)



Fig 12. Missouri Athletic Club, 1916



Fig 13. Bryghusprojektet, 2008-2014



Fig 14. John Hancock Center, 1965-1960



Fig 15. Linked Hybrid, 2003-2009

CLASSIFICAÇÃO DE HÍBRIDOS DE FENTON

HÍBRIDOS DE TECIDO (Fabric Hybrids)

Estes são os edifícios que resultam de uma extrusão vertical do lote, constituindo-se como blocos uniformes, onde nenhuma parte se salienta e o edifício é compreendido como um todo. São casos marcados pela vontade de homogeneidade exterior, muitas vezes como forma de integração urbana, reforçando a relação com a cidade, sem invalidar no entanto a complexidade do programa interior.

HÍBRIDOS DE ENXERTO (Graft Hybrids)

Por esta categoria, Fenton refere-se aos Híbridos que correspondem a uma lógica espacial fragmentada interior e exteriormente, assemelhando-se a uma aglomeração de vários edifícios. Estes assumem de forma explícita a multiplicidade e especificidade dos usos internos (programas), comunicando-os para o exterior através das várias fachadas⁵.

HÍBRIDOS MONOLÍTICOS (Monolith Hybrids)

Nesta categoria, o autor inclui o conjunto de edifícios que se assemelham aos Fabric Hybrids, constituindo-se como blocos de formas contínuas, mas que têm na sua compreensão geral um valor acrescido. Nestes exemplos, a complexidade programática é encapsulada sob formas que cumprem também a função de os transformar em marcos no contexto urbano⁶.

HÍBRIDOS INTERLIGADOS

Esta última categoria surge para permitir uma classificação mais adequada de um tipo de edifício híbrido que tem vindo a ser utilizado com maior frequência. Assim, recaem sob esta designação os exemplares que se apresentam como blocos (edifícios) separados que recorrem a ligações transversais (passagens aéreas e subterrâneas) para se interligar e funcionar como organismos contínuos, à semelhança dos restantes Híbridos⁷.

⁵ Ver ficha 08, em anexo.

⁶ Ver ficha 03, em anexo.

⁷ Ver ficha 04, em anexo.

CARACTERÍSTICAS E COMPONENTES DE UM HÍBRIDO

Mais recentemente, Mozas (2014) continuou a investigação destes modelos, aprofundando e consolidando o conhecimento num conjunto de características. Estas identificam de forma mais explícita o que constitui um Híbrido, sendo as mesmas respectivamente: Personalidade, Sociabilidade, Forma, Tipologia, Processos, Programas, Densidade, Escala e Cidade.

PERSONALIDADE

Segundo o entendimento do autor, o Híbrido contém um conjunto de elementos que o diferenciam, antes de tudo, pelo seu posicionamento, salientando a introdução de complexidade e variedade, através da multiplicidade programática que acolhe. Por outro lado, esta personalidade/identidade está também associada ao cariz único de cada um destes edifícios, não partindo de nenhum modelo consolidado.

SOCIABILIDADE

O Híbrido Arquitetónico tem na figura da sociabilidade uma das suas características mais valiosas e distintivas, sendo este o termo utilizado para descrever a interação entre o edifício e o exterior, mais especificamente, a permeabilidade do mesmo e a conseqüente relação com o contexto urbano envolvente⁸. Nos modelos híbridos esta condição é fundamental, defendendo Mozas (2014) que o híbrido ideal se alimenta da união entre as esferas pública e privada.

FORMA

No caso da forma, e mais especificamente da relação forma-função, estes edifícios podem seguir duas estratégias: coesão ou fragmentação⁹. A primeira, consiste na integração dos vários programas sob um edifício homogéneo, onde nenhum deles se destaca. A segunda, deixa transparecer para o exterior a complexidade interior, através de linguagens formais distintas, muitas vezes através de avanços e recuos de partes das fachadas.

TIPOLOGIA

Os modelos híbridos representam uma nova definição tipológica. Mais concretamente, um afastamento das tipologias tradicionais, para a ausência de classificação, a indefinição, estabelecendo-se então como um novo campo, que transcende as categorias comuns.

PROCESSOS

A hibridiz pode ainda ir além da caracterização global do edifício, para descrever aspectos mais específicos, nomeadamente os processos. Neste sentido, pode ser usada para descrever as questões de âmbito mais conceptual, como a exploração dos terrenos, mas também aspectos mais concretos, como a combinação de sistemas construtivos distintos. Esta característica pode ainda designar que os vários programas surgem de iniciativas diferentes, representando exemplos nos quais a hibridiz é o resultado de uma necessidade económica.

⁸ Ver ficha 01, em anexo.

⁹ Ver fichas 02 e 07, em anexo.

PROGRAMAS

A multiplicidade programática, como já foi realçado, é uma característica essencial e fundadora dos Edifícios Híbridos, sendo crucial para o seu entendimento enquanto tal. Apesar de ter as raízes em fatores económicos, a importância da combinação e articulação de programas transcende-os, representando uma força motriz para o edifício, permitindo que os usos mais frágeis beneficiem da relação com os mais fortes, num organismo contínuo.

DENSIDADE

Os contextos urbanos consolidados, marcados por densidade de construção, beneficiam e fomentam a produção de Híbridos. Estes constituem ambientes propícios, que estimulam soluções construtivas simultaneamente contaminadoras e contaminadas pelo contexto envolvente, convertendo estes edifícios em agentes de transformação urbana.

ESCALA

A importância da escala é mencionada tanto por Fenton, como por Mozas, embora as perspetivas de ambos diverjam. Como foi mencionado anteriormente, Fenton assume que a escala tem um papel importante na relação com o tecido urbano, afirmando que a mesma é definida segundo a dimensão de um quarteirão, numa grelha urbana ortogonal. Por outro lado, Mozas define escala como uma necessidade espacial, referindo que a sobreposição vertical precisa de altura, e a expansão horizontal precisa de espaço térreo.

CIDADE

Por se tratarem de edifícios de grandes dimensões, os Híbridos podem conter lógicas compositivas urbanas, dialogando de forma mais intensa com a cidade e, sobretudo, com a envolvente próxima. Estas lógicas podem ser estabelecidas através de inúmeras estratégias, como a permeabilidade dos volumes, a criação de espaços acessíveis livremente à urbe ou ainda de novos percursos urbanos, para referir alguns exemplos.

2.4. Os Híbridos como Estratégia Urbana

Nos subcapítulos anteriores verificou-se que os Edifícios Híbridos estabelecem relações fortes com os tecidos urbanos em que se inserem. A sua condição “multiprogramática”, produto de iniciativa privada (por vezes com várias origens) e portanto para obtenção de lucro, gera construções que são extensões da cidade e que, neste sentido, representam uma forma de desenho urbano. Como defende Musiatowicz (2014), a hibridez é cada vez mais compreendida como meio de ativar não só um edifício, como os seus programas individuais e o tecido urbano envolvente. Esta é a condição que os torna mecanismos de intervenção urbana (estratégias urbanas), capazes de provocar dinâmicas transformadoras nos locais onde são implantados.



Fig 16. Regeneração do braço de uma salamandra

A regeneração, entendida como fenómeno biológico, é o processo de recuperação de tecidos orgânicos de um membro ou parte dele, que foi cortado ou eliminado, para que o organismo a que este pertence fique completo.

A regeneração urbana é então, antes de mais, um processo de reintegração física de um território dentro da cidade. E apesar de indicar o seu papel através da própria designação, representa uma estratégia urbana específica. Segundo a DGOTDU: “por regeneração ou revitalização urbana entende-se uma operação de renovação, reestruturação ou reabilitação urbana, orientada por objetivos estratégicos de desenvolvimento urbano, em que as ações de natureza material são combinadas de forma integrada e ativamente combinadas na sua execução com intervenções de natureza social e económica” (DGOTDU cit. por Fernandes, 2014, p.48).

Fernandes (2014, p.59) formula também uma definição de regeneração urbana. Segundo o autor: “regeneração urbana (...) - entendida como um processo de intervenção integrada em territórios com uma extensão alargada, funcionalmente obsoletos, urbanisticamente devolutos e ambientalmente degradados. Um processo presidido por uma perspetiva estratégica a implementar num horizonte de longo prazo, envolvendo parcerias alargadas (público-público, público-privado, e/ou privado-privado) e contemplando as dimensões urbanística, económica, social e ambiental. Estas transformações pressupõem geralmente: (i) a alteração dos usos dos solos (e, eventualmente, a resolução de passivos ambientais existentes - e.g. a descontaminação dos solos); (ii) a criação de condições estruturais para o desenvolvimento de novas atividades económicas (e.g. criação de novas acessibilidades, criação de espaços vocacionados para o acolhimento de actividades económicas - e.g. parques de negócios, parques empresariais, incubadoras de empresas); (iii) a criação de equipamentos e espaços-âncora (usualmente vocacionados para o consumo e lazer - e.g. espaços comerciais, museus) que permitam dinamizar socialmente o território intervencionado; (iv) a criação de

elementos de referência (e.g. diferenciação pela singularidade arquitetónica, equipamentos com capacidade de atração e projeção regional, nacional ou internacional) que contribuam para a criação de uma nova imagem do território e, desta forma, o tornem mais atrativo”.

Assim sendo, e tendo como base os conteúdos apresentados sobre os Híbridos nota-se que existe um conjunto de qualidades que lhes confere uma capacidade de intervenção no tecido urbano para além dos edifícios comuns (monofuncionais ou multifuncionais). Mais concretamente, estes modelos têm três características específicas que lhes acrescentam a capacidade de criar relações mais profundas com o tecido em que se implantam, influenciando-o e tornando-se indissociáveis do mesmo, respetivamente: SOCIABILIDADE, ESCALA e CIDADE.

Por SOCIABILIDADE, enquanto qualidade dos edifícios híbridos, deve compreender-se o posicionamento de abertura em relação ao contexto preexistente. Este facto revela que os Híbridos se diferenciam à nascença dos restantes modelos de edifícios urbanos. Quebrando a barreira entre espaço público e privado, estes estabelecem uma maior continuidade entre si e o espaço da cidade, assumindo-se assim como a extensão natural dos percursos urbanos.

Na ESCALA os Híbridos têm um valor fundamental para se articularem com a cidade. Recorrendo à sua dimensão como ponto de partida, geram intervenções com maior presença na malha urbana, reforçando a ideia de participação no contexto que os antecede. Esta qualidade confere-lhes ainda a capacidade de colmatar carências físicas no território, podendo utilizar a sua maior extensão física para a consolidação volumétrica de lugares específicos. Por outro lado, a Escala estimula ainda outra característica: a Cidade, criando a base para que a mesma se desenvolva.

Por CIDADE, entende-se que a sua dimensão considerável, em oposição à maioria dos edifícios da urbe, faz com que adotem estratégias compositivas mais amplas, criando configurações espaciais e entidades de âmbito urbano. A construção de espaço público, de espaços verdes, de permeabilidades que desvendem caminhos pedonais e mesmo de programas que incentivem a utilização destes espaços, são algumas delas. Assim, verifica-se que a utilização deste tipo de estruturas espaciais reforça a interligação entre o Híbrido e o contexto que o antecede, criando uma simbiose entre os dois.

SÍNTESE

Tendo em conta o que foi apresentado anteriormente, fica claro que a Arquitetura Híbrida representa uma abordagem concreta que estabelece relações em níveis diferentes (urbanos, sociais, entre outros). Tem necessidades espaciais concretas e representa um posicionamento específico, assumindo um papel de relevo no tecido urbano em que se insere e criando novas ligações.

A componente prática deste projeto define então, antes de mais, a importância da escala, adotando a dimensão equivalente a um quarteirão na malha urbana em que se implanta. Em relação à componente formal e ao posicionamento escolhido, este projeto não se formalizou sob apenas uma categoria de Fenton. No sentido de procurar extrair múltiplas mais-valias, o mesmo acaba por se tornar uma fusão de duas categorias. Assim sendo, tira proveito da capacidade de estabelecimento de continuidade urbana de um *Fabric Hybrid*, privilegiando a escala da cidade e as relações com o tecido existente e, por outro lado, assume a postura de um *Graft Hybrid* apresentando diferentes métricas de fachada, revelando que se trata de um organismo complexo.

O projeto procurou também guiar-se pelas características que Mozas estabeleceu, como forma de se consolidar enquanto Híbrido.

A figura da PERSONALIDADE é estabelecida pela singularidade do edifício, representando uma abordagem que não se baseia diretamente em nenhum exemplo concreto, recolhendo antes “fragmentos conceptuais” de vários.

A SOCIABILIDADE é conseguida através de vários fatores, de âmbito programático e espacial. Programático porque contem usos internos cuja existência depende, em parte, da sua utilização por parte de utilizadores externos, e espacial pela forma como foi desenhado, criando um grande pátio acessível à urbe, permitindo o usufruto público da cobertura, funcionando como miradouro e cortando as barreiras físicas existentes anteriormente entre o terreno de implantação e a cidade.

No que diz respeito à FORMA, tal como foi referido anteriormente, o edifício adota um posicionamento misto, não representando uma completa coesão nem fragmentação. Este estabelece-se numa volumetria contínua que, no entanto, assume métricas diferentes ao longo da fachada, evidenciando a presença de lógicas espaciais e programas diferentes.

Por TIPOLOGIA, Mozas define um campo de maior abstração, referindo-se ao Híbrido como uma abordagem nova que transcende as categorias preestabelecidas, abrangendo assim todos os edifícios deste tipo, independentemente da sua materialização.

Nos PROGRAMAS, o autor estabelece a existência de vários usos como condição-chave para estes modelos, referindo a capacidade de programas mais fortes beneficiarem os mais fracos, resultando num edifício mais coeso. Neste projeto, este foi também o mote para a conceção de um Híbrido que permitisse valorizar a nova estrutura urbana planeada (o parque), o tecido

urbano existente, e ainda tirasse proveito da localização para introduzir um equipamento que lhe acrescentasse uma mais-valia de outro âmbito, que não os presentes atualmente.

Em relação à DENSIDADE, foi referido que é um fator determinante para o desenvolvimento destes modelos. O local escolhido para implantar o projeto apresenta esta condição, proporcionando a base para que um Híbrido se pudesse materializar, trazendo associado a si novas condições espaciais e sociais.

Quanto à ESCALA, a relação já foi clarificada anteriormente, tendo sido demonstrado que o edifício se implanta com uma dimensão semelhante aos quarteirões existentes. Representando uma proporção significativamente superior às estruturas atuais.

No que diz respeito à característica CIDADE, Mozas refere-se às lógicas urbanas. Neste sentido, este Híbrido, além de se articular com a dimensão do tecido urbano em implantação e altimetria, estende e completa ainda o mesmo. Através de novos percursos pedonais e espaços públicos com características diferentes, constitui-se como mais um elemento na construção constante da cidade, ao invés de se opor e se singularizar.

Foi também estabelecido que os Híbridos, por um conjunto específico de condições, se tornam estratégias de intervenção a nível urbano. A relação forte que criam com o tecido em que se implantam permite que se tornem extensões do mesmo. No caso específico do projeto, esta estratégia é de regeneração, culminando na reintegração e transformação de um território anteriormente abandonado e isolado.

É possível então compreender que o projeto prático se guia pelas mesmas regras apresentadas ao longo deste capítulo, argumentando-se como um modelo sustentado por premissas teóricas concretas. Este posicionamento teve como objetivo a consolidação de uma nova entidade urbana que interagisse com o tecido urbano preexistente, valorizando as suas mais-valias e minimizando ao máximo os aspetos negativos, sem no entanto deixar de lhe acrescentar novas valências.

III. CASOS DE ESTUDO

3.1. AUDITORIUM BUILDING - ADLER & SULLIVAN, CHICAGO, 1887-1889

3.2. THE BARBICAN - CHAMBERLIN, POWELL AND BON, LONDRES, 1957-1983

INTRODUÇÃO

Tendo sido aprofundado o conhecimento sobre os Edifícios Híbridos no capítulo anterior, serão de seguida analisados com mais atenção dois casos específicos: o *Auditorium Building*, em Chicago, e o complexo *Barbican*, em Londres.

A escolha destes edifícios prendeu-se não com um padrão seguido por ambos, mas pelas diferenças nas abordagens, representando assim algumas das possibilidades destes modelos (híbridos). Revelando as suas características principais e, sobretudo, enfatizando que se tratam de projetos consideravelmente afastados geográfica e temporalmente, reforça-se novamente o potencial dos mesmos para responder a contextos distintos.

Esta análise partirá então da apresentação das circunstâncias específicas que antecederam estes dois Híbridos, revelando de seguida o posicionamento formal e a agregação programática, enquanto se apresenta em simultâneo o meio como os mesmos se articulam com os respetivos tecidos urbanos. Será então um processo baseado nas características e qualidades concretas de cada um dos exemplos, evidenciando e clarificando as suas mais-valias para as respectivas situações.

No final será realizada uma síntese, cristalizando os aspectos principais de cada exemplo e aproveitando os mesmos para evidenciar o potencial dos modelos Híbridos.

3.1. Auditorium Building - Adler & Sullivan, Chicago, 1887-1889



Fig 17. Fotografia do Auditorium Building, adaptada pelo autor

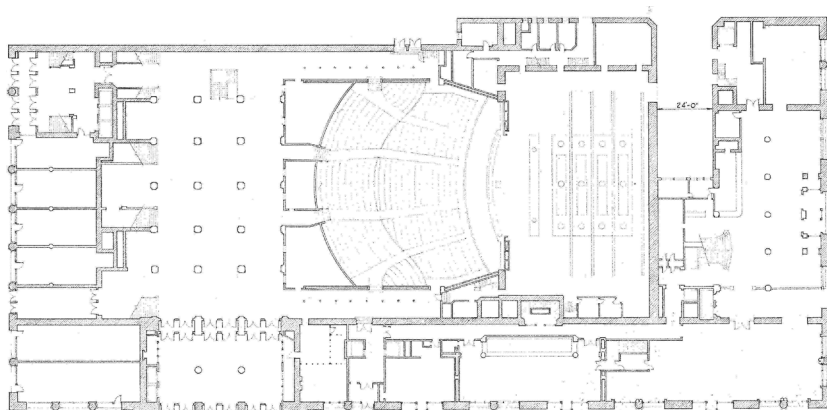


Fig 18. Planta piso térreo Auditorium Building, 1887-89

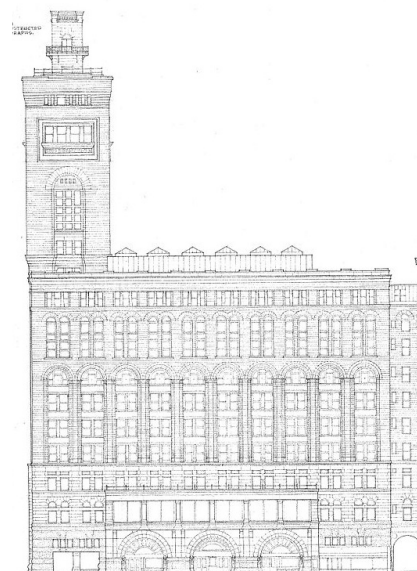
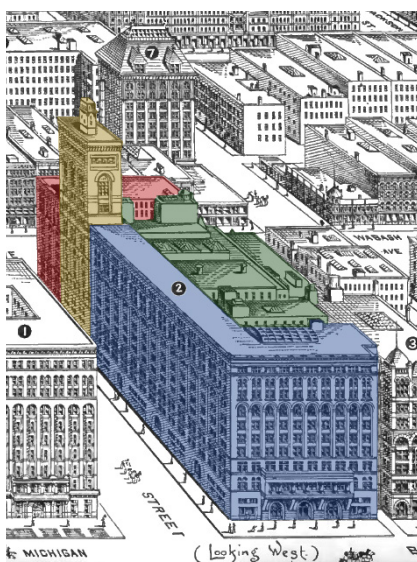


Fig 19. Alçado Oeste Auditorium Building, 1887-89



Auditério Escritórios
Corpo de transição Hotel

Fig 20. Axonometria do Auditorium Building, adaptada pelo autor

O *Auditorium Building* nasceu no final do séc. XIX em Chicago sob a premissa de um grupo de promotores de facilitar o acesso à cultura sem abdicar de retorno financeiro. Coube então à dupla formada pelo engenheiro Dankmar Adler e o jovem arquiteto Louis Sullivan a tarefa de projetar um edifício que conjugasse estes objectivos, recorrendo para isso a vários programas: um grande auditório, destinado à democratização da ópera (e portanto de uma forma de cultura), e um hotel de luxo e um edifício de escritórios para gerar lucro. Assim sendo, torna-se claro que neste caso a hibridez teve origem em motivos económicos (Neumann, 2001; Sinkevitch, 2004).

Ocupando sensivelmente meio quarteirão, este edifício foi concebido como uma entidade una que estabelece em primeiro lugar uma relação de articulação com, e não de imposição sobre, o tecido urbano em que se insere, privilegiando a estrutura do mesmo. Esta intenção é evidenciada através da sua forma (geral) e composição das fachadas, sendo notória a coesão no modo como as mesmas são desenhadas e ordenadas. A única exceção na volumetria é a torre que se estende alguns pisos acima da cobertura, cumprindo a dupla função de realçar o edifício como um todo, e indicar com clareza a localização da entrada do auditório.

Evidente também é a importância atribuída ao auditório (sala de espetáculos), que beneficia da maior área, enquanto os restantes programas ocupam as áreas restantes em seu redor. Os próprios espaços de apoio associados ao auditório são reduzidos ao máximo (o foyer, áreas técnicas e acessos verticais), enfatizando a importância do mesmo (Neumann, 2001; Sinkevitch, 2004).

Assim sendo, torna-se evidente que este caso é um *Fabric Hybrid*, adotando uma postura de integração no contexto urbano que o antecede, e estabelecendo o valor da continuidade da cidade como prioridade.



Fig 21. Fotografia do Auditorium Building, J.W. Taylor, 1893

3.2. The Barbican - Chamberlin, Powell and Bon, Londres, 1957-1983



Fig 22. Fotografia exterior do conjunto Barbican, adaptada pelo autor

Fig 23. Planta de coberturas do complexo Barbican (à direita)



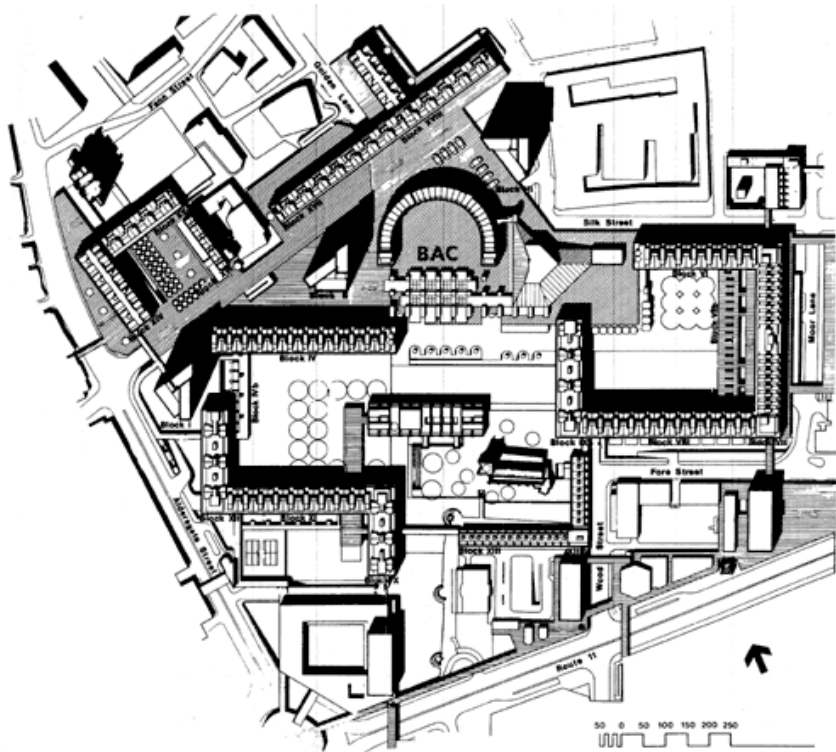
Fig 24. Fotografia de uma das passagens aéreas do Barbican



Fig 25. Fotografia de um espaço público do conjunto Barbican



Fig 26. Fotografia do conjunto Barbican



O complexo *Barbican* surgiu de uma necessidade de reconstrução parcial da cidade de Londres, numa zona afetada por bombardeamentos durante a Segunda Guerra Mundial. Com o final das hostilidades e o retomar da normalidade começaram a notar-se as fragilidades deste território. Durante o dia a área envolvente era densamente ocupada por trabalhadores de escritórios, enquanto à noite ocorria um despovoamento, residindo aqui apenas uma percentagem muito reduzida dos utilizadores diurnos. Assim, este conjunto surgiu como resposta ao problema, acrescentando principalmente densidade residencial, mas também outras mais-valias programáticas e espaciais a este local (Cantelon, 1969; AA.VV., 1971; Heathcote, 2004).

A primeira característica que se realça neste Híbrido é que se trata de um conjunto de entidades separadas, assemelhando-se a um fragmento de cidade. No entanto, por ter sido concebido como um sistema e estar conetado por uma estrutura de passagens pedonais elevadas, funciona como um grande organismo, enquadrando-se assim na categoria dos Híbridos Interligados. Esta configuração espacial singular, permitiu-lhe abordar questões a um nível que outros exemplares Híbridos não conseguiriam.

Neste caso, a hierarquia programática é menos clara, resultado da organização global do conjunto e da ideia subjacente de interligação e continuidade entre os espaços. No entanto, existe uma preferência pelos programas culturais e de ensino, valorizando o lugar da cultura na cidade moderna. A Guildhall School of Music and Drama, o teatro, a sala de concertos, biblioteca e galeria de arte, o Conservatório e o Cripplegate Institute são alguns dos exemplos (Cantelon, 1969; AA.VV., 1971).

Recorrendo à sua escala consideravelmente mais ampla (em relação à generalidade dos edifícios), representando vários quarteirões, pôde desenvolver questões do âmbito de espaço público. Assim, o edificado foi desenhado de modo a criar várias praças que incorporam água e vegetação, como forma de proporcionar espaços mais qualificados. Esta extensão física significativa permitiu ainda o desenvolvimento de volumetrias bastante distintas (em altura e forma), que enriquecem o tecido urbano e a experiência espacial do mesmo. Há então uma intenção subjacente de valorização do espaço pedonal, enfatizada não só pelo interesse no espaço público como também pelo sistema de circulações aéreas que “cose” o projeto, e remete os automóveis para os pisos inferiores.



Fig 27. Fotografia aérea do conjunto Barbican

SÍNTESE

Após a apresentação do que aqui entendemos por Edifícios Híbridos e, posteriormente, dos dois exemplos analisados com maior detalhe, fica claro que os mesmos são transportadores de três características particulares: adaptabilidade, integração e multiplicidade de possibilidades.

A adaptabilidade é visível pela capacidade de se adequarem a contextos económicos, sociais, e urbanos muito distintos. O *Auditorium Building* e o complexo *Barbican* são exemplos disso, sendo o primeiro do final do séc. XIX, em Chicago, e o segundo dos anos 50 do séc. XX, em Londres.

No que respeita à integração, estes modelos representam uma posição clara de unificação com o contexto preexistente. O *Auditorium Building* fá-lo através da racionalidade com que são compostas as fachadas, da volumetria “baixa” com a exceção da torre, e pelo próprio programa da grande sala de espetáculos para a cidade. O *Barbican* recorre a outros mecanismos, nomeadamente a utilização de volumetrias diferentes, criando um conjunto que cumpre uma necessidade programática enriquecendo em simultâneo o espaço urbano. Ainda neste exemplo, a definição de programas e espaços pedonais de usufruto público funcionam como forma de integração urbana.

Os dois campos abordados anteriormente estão intimamente ligados com o próximo, a multiplicidade de possibilidades. Precisamente por terem raízes conceptuais e não em estruturas físicas específicas, os modelos híbridos contêm em si uma infinidade de alternativas. Beneficiando de relações íntimas com os respetivos contextos, são edifícios que se formalizam sem restrições (que não as económicas), podendo assim “testar” novas abordagens¹⁰.

Assim sendo, pode entender-se que os exemplos aqui apresentados são os veículos para a transmissão de vários conceitos associados aos Edifícios Híbridos enquanto modelos. Pretende-se então realçar o seu valor enquanto entidades que se interligam intimamente com a cidade, acrescentando-lhes novas valências, e que estendem o espaço urbano. Por fim, salienta-se ainda que os Híbridos representam modelos mais “livres” no que respeita à sua formalização, podendo assim constituir ferramentas para abordar novas situações urbanas.

¹⁰ Ver fichas, em anexo.

IV. O NOVO PARQUE URBANO DO RIO SECO

4.1. ENQUADRAMENTO TERRITORIAL

4.2. ESTRATÉGIA URBANA: O NOVO PARQUE DO RIO SECO

INTRODUÇÃO

O capítulo que se segue focar-se-á na área de intervenção, procurando apresentar as suas várias componentes, e revelando o futuro plano urbano para o local.

A primeira parte será então a contextualização, revelando os acontecimentos históricos que levaram aos assentamentos humanos iniciais e que, posteriormente, consolidariam esta freguesia. De seguida, o ênfase incidirá sobre o seu desenvolvimento e relação com o resto da cidade, privilegiando o papel da Ajuda dentro dos vários sistemas urbanos. Também aqui será abordada brevemente a composição da população desta área, evidenciando limitações territoriais que levaram a problemas sociais.

Num segundo momento, o assunto será a estratégia urbana (plano urbano) para o Rio Seco, revelando os objetivos e intenções principais, com base nos problemas anteriormente detetados. Por outro lado, serão ainda apresentados exemplos de parques que partilham princípios com esta intervenção validando-a, nomeadamente o Hyde Park, em Londres, o Central Park, em Manhattan e o High Line, também em Manhattan. Em simultâneo, será explicada a estratégia a longo prazo, revelando as ideias para o futuro desta área.

Por fim será realizada uma síntese que definirá as bases para a intervenção individual: o Híbrido para o Rio Seco. Esta será alicerçada na intervenção de âmbito urbano, conjugando as estratégias do mesmo com as do município.

4.1. Enquadramento territorial

A AJUDA NO CONTEXTO DE LISBOA

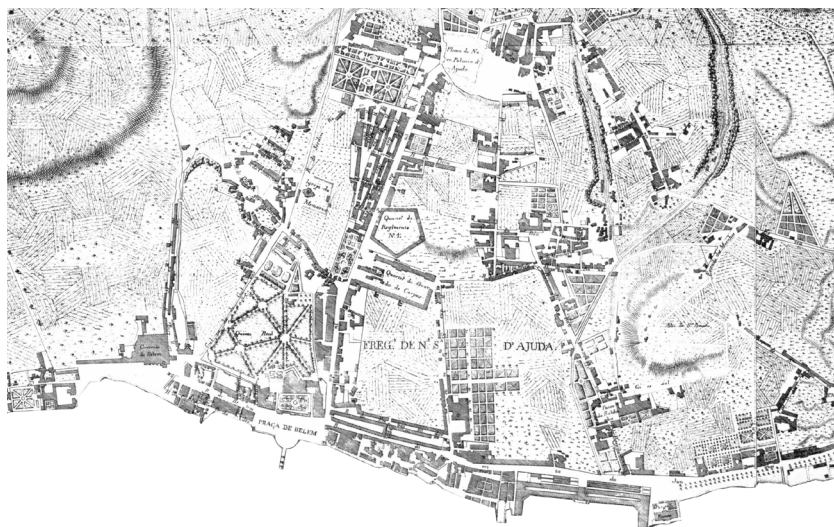


Fig 28. Planta da cidade de Lisboa, 1807 (sem escala)

As primeiras referências à Ajuda surgem no século XV, associadas a uma ermida que era destino de romarias em nome de Nossa Senhora da Aparecida. Dona Catarina, mulher de D. João III, era devota a esta virgem, a quem pediu “ajuda” quando esteve doente, tendo levado consigo a imagem da mesma para o Palácio Real. Por se ter tornado destino de peregrinações por parte da população, fator crucial para o desenvolvimento deste lugar, a ermida mudou de nome para ermida de Nossa Senhora da Ajuda. Posteriormente, em 1587, foi oficialmente fundada a freguesia homónima (CML, 2010).

Este núcleo urbano, o povoado que se estabeleceu no Restelo e o Mosteiro dos Jerónimos, foram impulsionados pelo aumento da atividade na praia e porto do Restelo. Também a fixação de casas de férias de Nobres na área foi uma grande influência para o desenvolvimento urbano desta zona, tendo mais tarde sido local de eleição para quintas Reais. No século XVIII D. João V iria comprar aqui três propriedades: a quinta de Baixo, atualmente Palácio de Belém e Jardim do Ultramar; a quinta do Meio, marcada por uma dispersão de parcelas não contíguas onde posteriormente foi implantada a Igreja da Memória; e a quinta de Cima onde foi construída a Real Barraca, edifício de madeira construído para alojar a família Real após o terramoto de 1755, e onde se situaria futuramente o atual Palácio Nacional da Ajuda. No entanto, seria esta catástrofe natural (o terramoto de 1755) a ter um papel preponderante no desenvolvimento desta freguesia, tendo sido destino de uma parte significativa da população (povo e nobreza) que habitava as zonas baixas e mais próximas da frente ribeirinha (CML, 2010).

Posteriormente a freguesia foi-se desenvolvendo e aumentando sucessivamente em população, preservando a memória das ligações à realeza e nobreza através da toponímia. No entanto, este desenvolvimento realizou-se quase exclusivamente com tipologias habitacionais, situação que ainda hoje se verifica.

Fig 29. Ortofotomapa de Lisboa com marcação do Rio Seco (adaptado pelo autor. Sem escala)



Aproximando o foco, é visível o eixo definido pelo Rio Seco, ocupando uma localização privilegiada no contexto da cidade. A sua posição enquanto elo de ligação entre o Parque Florestal de Monsanto e a zona ribeirinha, torna-o parte crucial do sistema urbano de conexões entre as colinas e o rio. À semelhança das restantes linhas de água da cidade, o Rio Seco encontra-se encanado e soterrado, permanecendo apenas a toponímia à superfície.



Fig 30. Fotografia do Palácio Nacional da Ajuda



Fig 31. Fotografia do novo Museu dos Coches

No que respeita aos equipamentos de âmbito não residencial, a Ajuda e o Rio Seco em particular têm nas suas imediações elementos de grande importância. Por um lado, articulam-se com a zona monumental de Ajuda e Belém, de onde se destaca o património histórico, nas estruturas do Palácio Nacional da Ajuda, Igreja da Memória, Mosteiro dos Jerónimos, Torre de Belém e do Palácio de Belém; por outro, também com estruturas museológicas e culturais importantes como o Centro Cultural de Belém, o Museu de Arqueologia, Museu da Marinha, a Cordoaria Nacional, o Museu da Eletricidade e o novo Museu dos Coches; mas também no campo da educação, a proximidade a equipamentos de ensino superior é também uma mais-valia, nomeadamente do Polo Universitário da Ajuda (Faculdades de Arquitetura, Veterinária e Instituto Superior de Ciências Políticas e Sociais), do Instituto de Higiene e Medicina Tropical (Universidade Nova) e da Universidade Lusíada de Lisboa.

No entanto, apesar das mais-valias anteriormente referidas, esta área continua a evidenciar condicionantes que têm limitado o seu desenvolvimento.

AS LIMITAÇÕES DO TERRITÓRIO

Os problemas que serão aqui mencionados são sobretudo de âmbito urbano, mas também social, sendo os segundos também resultado dos primeiros.

Em primeiro lugar é importante referir que esta é uma das freguesias de Lisboa com maior número de edifícios¹¹ (2837 nos Censos de 2011), contudo são relativamente baixos (em média não chegam aos 4 pisos), estão envelhecidos e são na sua maioria residenciais monofuncionais. Esta última condição é evidenciada pela proporção de edifícios não exclusivamente residenciais, que na média da cidade ronda 21% enquanto neste local não atinge os 7%. Também a idade dos edifícios aqui é ligeiramente superior à do resto da cidade (70 contra 62 anos), não sendo visível uma tendência de renovação, como é possível inferir pela proporção de edifícios construídos nos últimos 10 anos (2,4% contra 5,6% no global da cidade).

Por outro lado, existem situações espaciais, sobretudo no Rio Seco, que o fragilizam e lhe retiram potencial. A primeira é a descontinuidade do território, sendo notórias zonas que apenas comunicam através do sistema viário, e não de edificado, tendo gerado vários vazios urbanos. Mais evidentes no troço que liga o Largo do Rio Seco ao Polo Universitário da Ajuda, espaços indefinidos põem em causa a segurança de quem os atravessa, contribuindo para redução do uso dos percursos pedonais e aumentando o efeito de segregação desta área. Estes vazios tornam-se ainda “ímãs” de habitação de génese ilegal, reforçando a ideia de insegurança dos mesmos. Por fim, a implantação de habitação social junto a estes espaços (vazios) aumenta novamente os efeitos negativos anteriormente apresentados.



Fig 32. Ortofotomapa da vale do Rio Seco e envolvente próxima (sem escala)

¹¹ À mesma data, as com maior número de edifícios eram Santa Maria dos Olivais - 3435, Benfca - 2811 e Campolide - 2472.

4.2. Estratégia urbana: o novo Parque Urbano do Rio Seco

Após a apresentação do estado atual deste território, fica clara a necessidade de uma intervenção de âmbito urbano que o modifique. Assim, foi planejado em turma um parque urbano para este lugar.

Ao observar alguns exemplos de parques em metrópoles, é possível compreender a sua importância. O *Hyde Park* em Londres, Inglaterra, que data do início do séc XIX, e o *Central Park* em Manhattan, Nova Iorque, Estados Unidos da América, inaugurado em 1876, são alguns casos notáveis, começando a indicar a importância destas “estruturas verdes” de grande dimensão dentro das respectivas cidades. Em primeiro lugar funcionam como “pulmões”, fornecendo oxigénio e áreas permeáveis a lugares anteriormente desprovidos de elementos vegetais, ao mesmo tempo que criam habitats para espécies animais. Estes espaços são também fundamentais para o desenvolvimento de atividades humanas, funcionando como refúgios nas “selvas urbanas”. Por fim, e não menos importante, os parques urbanos cumprem uma função de transformação dos respetivos contextos, estimulando economicamente as áreas envolventes e atraindo futuros investimentos.



Fig 33. Fotografia do Central Park

Para reforçar que ainda subsiste a ideia anteriormente defendida da importância destes espaços urbanos, em que predominam a vegetação e os elementos naturais, será de seguida apresentado um caso contemporâneo. Trata-se da *High Line* em Manhattan, que utilizou o sistema de linhas do metro elevado, agora inativas, para desenhar um parque linear que se estende e “plana” ao longo da cidade, oferecendo espaços com valências diferentes, embora todas de âmbito público.



Fig 34. Fotografia da High Line enquanto linha férrea (à esquerda)



Fig 35. Fotografia da High Line transformada em espaço público (à direita)

Estabelecido o valor dos parques dentro das cidades, será de seguida apresentado o futuro Parque Urbano do Rio Seco. Este é gerado sob a premissa de renaturalização deste vale, removendo a estrutura viária e transformando-o num grande espaço pedonal onde predomina a vegetação. Consequentemente, este gesto culmina na reposição do curso de água à superfície, enfatizando a importância dos elementos naturais¹².

Embora a transformação física e ambiental seja fundamental, os efeitos deste grande espaço verde transcendem-nas, sendo a modificação mais evidente a nível social. Com o estabelecimento desta estrutura, gera-se uma mudança de paradigma que valoriza as áreas adjacentes, aumentando o seu valor económico e tornando a zona num novo polo atrativo no contexto da cidade. Condição esta, intrinsecamente ligada à construção de edifícios qualificados, projetados de raiz em relação com o parque.

Recorrendo a um conjunto de intervenções pontuais nas imediações e ao longo do novo parque, reforça-se a ideia inerente de transformação, procurando tirar proveito das mais-valias locais anteriormente referidas. Também fundamental para a sustentação deste conceito é a criação de novas formas de mobilidade ao longo do vale. Foram então planeadas uma ciclovia e um percurso de elétrico ligando a zona ribeirinha, já servida por vários meios de transporte (comboio, elétrico, autocarro), ao Polo Universitário da Ajuda, ao mesmo tempo que se criam paragens ao longo do vale e possibilita ainda no futuro uma ligação através de Monsanto em direção a outras partes da cidade.



Fig 36. Diagrama do Parque Urbano sobreposto ao ortofotomapa do vale (sem escala)

¹² Ver ficha 10, em anexo.

SÍNTESE

Ao longo deste capítulo foi estabelecido que a Ajuda se desenvolveu como consequência de momentos históricos específicos. Primeiramente associada a peregrinações religiosas e à intensificação da exploração marítima, que estimulou a construção naval, as indústrias associadas e os territórios próximos. E mais tarde, quando após o terramoto de 1755 uma parte significativa da população procurou refúgio nos pontos altos da cidade, com receio de futuros maremotos.

Atualmente é uma zona que, apesar de se localizar junto a um conjunto variado e qualificado de equipamentos, não tira proveito do seu potencial. Estes equipamentos além do seu valor intrínseco abrangem âmbitos distintos, sobretudo: património nacional, cultura e ensino de grau superior. E por fim, a sua posição entre o Parque Florestal de Monsanto e a frente ribeirinha, é uma condição que também não está a ser aproveitada.

Mencionadas as qualidades, serão agora explicitadas as características que o enfraquecem. Em primeiro lugar é uma área com um grande número de edifícios antigos, não se verificando uma tendência de renovação, e cujo uso é quase exclusivamente residencial. Características estas que a impedem de ocupar uma posição mais relevante na cidade. Por outro lado, a falta de planeamento em lugares específicos, levou ao aparecimento de vazios urbanos e com ele problemas físicos e sociais, fragilizando ainda mais o Rio Seco.

Aproximando o foco a uma zona específica do vale, encontramos o antigo Quartel do Rio Seco. Atualmente desativado, funciona como armazém de uma instituição pública, e é marcado por edifícios em elevado estado de degradação, constituindo-se como um obstáculo à permeabilidade do tecido urbano. Em oposição, por abranger uma área mais vasta, este terreno possibilita intervenções que incluam desenho de espaço público e programas de outros âmbitos.

Após a conclusão de que a Ajuda, e mais especificamente o Rio Seco, precisa de uma intervenção de grande escala, projetou-se um novo parque urbano para o mesmo. Recorrendo a três exemplos, foram apresentadas sucintamente as vantagens destas estruturas para as cidades, mostrando que as mesmas têm implicações a curto e longo prazo. É apoiado nestas bases que se gera o Parque Urbano do Rio Seco propriamente dito, assentando numa lógica de renaturalização do vale e operando em simultâneo uma transformação económica e social da zona. Ao mesmo tempo, são criados novos meios de movimentação e enunciam-se algumas possibilidades para o futuro.

Resumindo, os conteúdos aqui apresentados visam a compreensão do território da Ajuda, procurando revelar as suas origens, e o rumo que o seu desenvolvimento seguiu. Explicando o território através de escalas sucessivamente mais aproximadas, estabeleceram-se as bases para as intervenções, de turma (o parque) e individual (o Híbrido do Rio Seco). Culminando com a definição da estratégia para o novo parque urbano, apresentam-se em simultâneo as fundações para o Híbrido do Rio Seco.

V. O HÍBRIDO DO RIO SECO

5.1. O LUGAR

5.2. RELAÇÕES URBANAS

5.3. OPÇÕES PROGRAMÁTICAS

5.4. MATERIALIDADE

INTRODUÇÃO

Após o enquadramento conceptual do novo parque urbano, será agora apresentada e aprofundada a intervenção sobre o lugar do antigo Quartel do Rio Seco: o Edifício Híbrido.

De acordo com o que foi enunciado anteriormente, compreende-se que a arquitetura híbrida além de representar um posicionamento de coexistência e funcionamento harmonioso de funções distintas, cria também laços fortes com a envolvente em que se implanta. Característica esta que foi essencial para se optar por um modelo híbrido, que se estabelece como uma nova entidade que “cose” as várias realidades presentes no local.

Assim sendo, este capítulo será organizado em quatro partes: o lugar, as relações urbanas, as opções programáticas e a materialidade.

A primeira parte será focada no terreno específico da intervenção, enunciando as suas especificidades no contexto do vale do Rio Seco e abordando-o desde a escala urbana ao estado atual do edificado. Esta compreensão aprofundada sobre lugar, servirá ainda para estabelecer as premissas do novo híbrido.

No momento posterior o foco incidirá sobre as bases da intervenção, enfatizando as relações que a mesma estabelece com o tecido urbano preexistente. Para tal, serão apresentadas as diretrizes que guiam o pensamento de projeto, e a forma como as mesmas culminam no estabelecimento da articulação desejada entre o edifício e a cidade que o antecede.

Em seguida passaremos ao interior do edifício, apresentando o seu programa funcional e validando-o em simultâneo através de relações com as estratégias do novo parque urbano e da Câmara Municipal de Lisboa. Recorrer a estes dois âmbitos mostrou-se ainda fundamental para a consolidação de uma entidade híbrida, reforçando o seu carácter multifacetado.

Por fim, serão apresentadas as opções ao nível da expressão visual do edifício, reforçando os conceitos adotados. Associando opções específicas a ideias mencionadas previamente, revelar-se-á o modo como o edifício as materializa e transmite.

5.1. O Lugar

Situado sensivelmente a meio do eixo que liga o Parque Florestal de Monsanto à zona ribeirinha, o lugar da intervenção ladeia à esquerda o agora soterrado Rio Seco. Tratando-se de uma estrutura militar, atualmente desativada, encontra-se envolvida por um perímetro murado e constitui uma barreira física no contexto urbano.

No que diz respeito à sua utilização, este conjunto abrigou funções diferenciadas ao longo dos anos. Inicialmente apenas de âmbito militar, respetivamente quartel, posteriormente depósito geral de fardamento (embora tenha recebido várias designações) e ainda hospital veterinário militar, tendo mais tarde sido deixado ao abandono. Atualmente é utilizado como espaço de armazenamento de bens da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa, não tendo sofrido obras evidentes.

Morfológicamente, neste local predominam edifícios de fraca qualidade de construção em estado avançado de degradação, sendo notório através das coberturas esburacadas, paredes rachadas e janelas partidas. No exterior, os espaços livres revelam igual falta de manutenção, estando dominados por vegetação selvagem e lixo acumulado. Também os próprios muros e portões de acesso, apresentam uma manutenção escassa e desgaste evidente, visível na oxidação dos metais e deterioração acentuada das camadas de tinta. A exceção são os três conjuntos de edifícios que, além de se apresentarem em melhores condições de conservação, contêm também algumas características arquitetónicas interessantes como as fachadas com vãos ordenados e as coberturas de duas, três ou quatro águas.

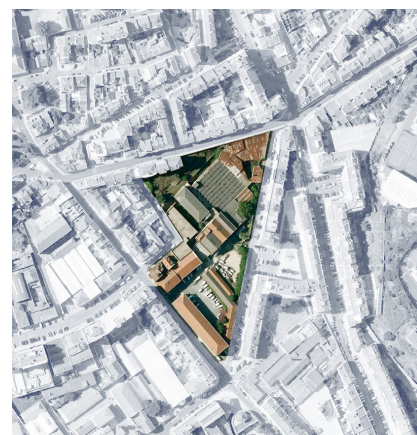


Fig 37. Ortofotomapa com marcação do área do Quartel do Rio Seco

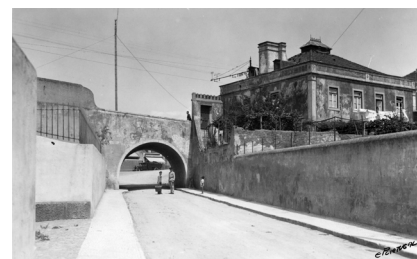


Fig 38. Fotografia do túnel do Rio Seco

Fig 39. Fotografias dos pontos críticos do quartel do Rio Seco



Após as conclusões apresentadas acima, estabeleceu-se que a solução para o terreno passaria pela demolição do edificado degradado, preservando os três conjuntos anteriormente mencionados. Desta forma seria gerado o espaço adequado a uma intervenção de maior dimensão que permitisse desenvolver um programa (ou conjunto de programas) mais completo, isto é, com múltiplas valências. Em simultâneo permitiu criar uma última zona renaturalizada ampla, uma vez que a mesma fica confinada a um corredor verde pelo edificado na parte inferior do parque, à medida que se aproxima da frente ribeirinha.

Fig 40. Fotografia aérea com marcação do área do Quartel do Rio Seco

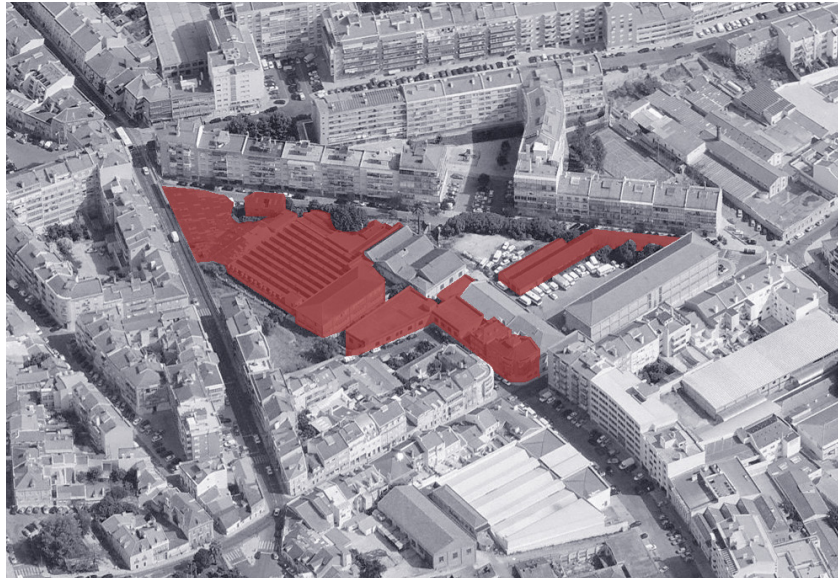
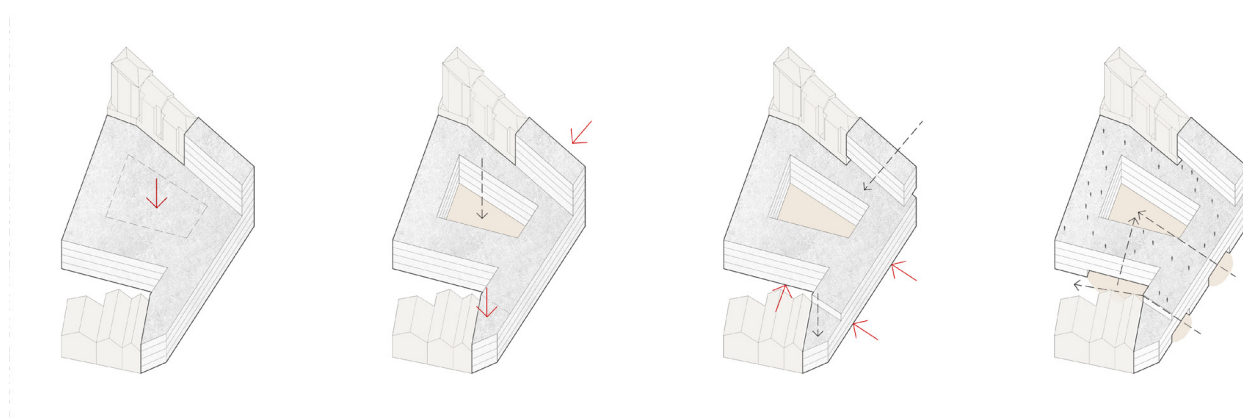


Fig 41. Fotografia dos edifícios a preservar no quartel do Rio Seco



5.2. Relações Urbanas



A proposta define como prioridade a consolidação do tecido urbano preexistente, privilegiando a continuidade das estruturas viárias e pedonais, enquanto se articula em simultâneo com os conjuntos edificados. Compreende-se deste modo que esta intervenção parte de uma preocupação com a leitura global da cidade, e neste caso da área do Rio Seco, respeitando as preexistências enquanto limites reguladores.

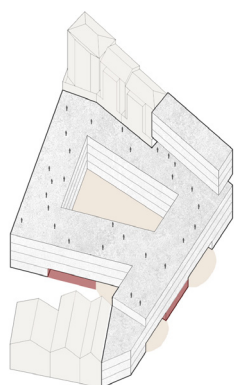
Fig 42. Esquema conceptual do Híbrido e relações volumétricas com a envolvente

Este Híbrido implanta-se em primeiro lugar de forma a utilizar o número e volumetria dos pisos para superar a diferença de cotas entre as várias ruas que o delimitam. Assim, o edifício assume dois corpos visivelmente identificáveis: o inferior, com quatro pisos de maior extensão e que se articula com o edificado às cotas inferiores, ou seja, os edifícios mantidos que pertencem ao antigo Quartel do Rio seco, os quarteirões ao lado e o novo parque; e o superior, de menor extensão com três pisos, que complementa a frente urbana da Rua da Aliança Operária.

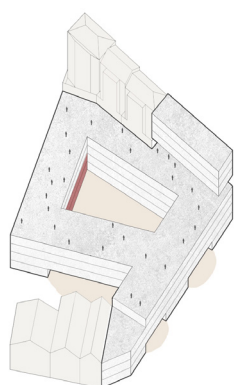
Há ainda um outro edifício abaixo que complementa a malha urbana e segue os princípios formais deste Híbrido, tendo sido destinado à habitação mas que não foi desenvolvido no seguimento deste trabalho. Este cumpriu o propósito de consolidar a transformação urbana do lugar do antigo quartel, guiando-se pelas mesmas lógicas da intervenção acima (em planta) e não excedendo a cota do edificado envolvente, implantando-se com três pisos acima do nível térreo.

Fundamentais também para defender o posicionamento de continuidade urbana são os espaços públicos e permeabilidades que este híbrido gera, trazendo novas mais-valias ao local. O pátio, situado no centro do corpo inferior, funciona como extensão do novo parque, embora com características diferenciadas. A cobertura acessível, transforma-se num miradouro público, ampliando o espaço pedonal e permitindo aproveitar a cota elevada e as vistas sobre o Tejo e a outra margem. E, como meio de reforçar a ligação ao tecido urbano preexistente, é igualmente criado um atravessamento pedonal transversal para permitir conectar a calçada da Boa Hora e o novo parque. Por outro lado, como se entenderá em seguida, também os programas funcionais do próprio edifício complementam estes espaços.

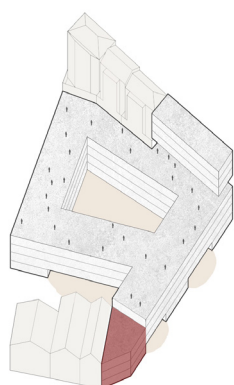
5.3. Opções Programáticas



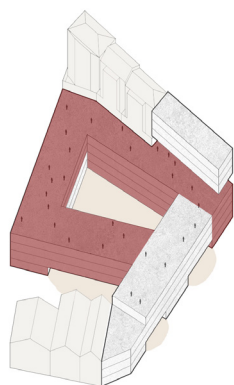
LOJAS



RESTAURANTE



APOIO AO PARQUE



INCUBADORA DE EMPRESAS

No que respeita às opções programáticas, foram escolhidas funções de âmbitos diferentes, procurando articular as conclusões da análise prévia sobre o local com estratégias municipais. Assim sendo, os usos propostos refletem uma visão não só sobre a dinâmica de transformação provocada pelo novo parque do Rio Seco como também se relacionam com metas da cidade de Lisboa a atingir a curto/médio prazo.

Este híbrido, tal como foi evidenciado nos exemplos apresentados, funciona segundo uma lógica de intercomunicação dos vários programas funcionais através do sistema de circulação. Privilegiando a continuidade nos percursos internos, o espaço livremente percorrível forma um “U”, uma vez que para alojar habitações com duas frentes não foi possível criar um percurso “circular”. Este sistema de percursos funciona em articulação com os três núcleos de acessos verticais, que desempenham o papel de âncoras em torno das quais se estruturam os usos e coordenam as transições entre pisos. Núcleos verticais estes, que apesar de permitirem chegar a todas as partes do programa, representam acessos mais diretos a pontos específicos, respetivamente às habitações a nascente, à zona do restaurante e espaços comuns no braço a poente, e os nichos e estúdios acima a norte.

Ao nível do parque e com a altura de um piso existem quatro pequenas superfícies comerciais: duas que servem o mesmo, e duas com vista a “sustentar” e “alimentar” o espaço do pátio. Ocupando parcialmente dois pisos no braço a poente e em relação direta com este pátio está o restaurante, que reforça a ideia de coexistência de contextos diferentes no híbrido, servindo utilizadores internos e externos. Para alojar ainda funções de apoio às atividades do parque, foi escolhida a parte do edifício em contato com o conjunto de armazéns do antigo quartel, tirando proveito da relação direta da mesma com o novo espaço natural. Este programa e os pequenos espaços comerciais constituem exceções, uma vez que são os únicos a funcionar de forma independente do resto do edifício, não partilhando as suas circulações internas mas estando em comunicação através do espaço público.

A escolha de uma incubadora de empresas como “coração” deste edifício reflete, por um lado, uma vontade de dotar esta área de maior dimensão dentro do contexto de um equipamento novo que comunicasse com os já existentes. Em concreto, representa uma forma de interação com as instituições de ensino superior próximas, respetivamente a Universidade Nova (Instituto de Higiene e Medicina Tropical), a Universidade Lusíada, e Polo Universitário da Ajuda (Faculdades de Arquitetura, Medicina Veterinária e Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas). Por outro, segue o objetivo de promover Lisboa como cidade de empreendedorismo, e expandir a rede cada vez maior de incubadoras de empresas, aumentando não só o número como a extensão geográfica abrangida, e reforçando a capacidade de atração da cidade para acolher projetos e investidores estrangeiros.

A incubadora de empresas ocupa então a maior parte da área, consequência de necessidades programáticas e da maximização do volume construído. À medida que nos deslocamos em altura no corpo inferior do edifício, apesar da liberdade de circulação, os espaços vão progressivamente sendo mais

Fig 43. Diagramas de localização programática dentro do edifício

dedicados à incubadora.

Acedendo pela entrada principal chegamos a uma zona de pé-direito duplo, que se propaga depois em menor dimensão ao longo dos vários pisos e permite vislumbres das várias atividades. Este átrio comunica ainda à direita com a antecâmara que antecede o grande auditório, espaço primordial para as atividades de maior importância, e à esquerda com uma pequena zona informal que antecede a sala do restaurante.

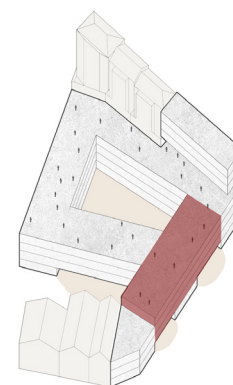
No piso superior, é acrescentada uma camada adicional de complexidade, mantendo-se o segundo piso do restaurante no braço a poente, surgem agora outros espaços da incubadora: o conjunto de salas da administração apoiadas por zonas técnicas (instalações sanitárias e armazenamento), no braço sul, e junto à fachada os nichos mais privados de dimensão variável (possibilitando a sua apropriação por pequenos grupos ou indivíduos isolados) e as instalações sanitárias, no braço norte.

Subindo ao próximo piso, a planta passa a albergar exclusivamente atividades da incubadora. No braço a sul, as salas de reunião recebem uma capacidade adicional, podendo ser retirada a compartimentação que as separa longitudinalmente e transformando-as em pequenos auditórios para eventos mais individualizados ou direcionados a um público específico. O braço a poente passa a acolher as zonas de trabalho comuns, onde ficam as mesas partilhadas mas também o espaço de oficina, onde os utilizadores podem trabalhar a vertente física das suas ideias, e fabricar e modificar objetos recorrendo ao equipamento técnico disponível. Nos topos deste braço estão ainda situadas pequenas cozinhas partilhadas, para pequenas refeições ou pausas. No braço a norte, mantêm-se os nichos de trabalho, havendo também uma ligação ao núcleo vertical e às instalações sanitárias.

No piso acima, e último de maior extensão, repete-se a organização do anterior, tendo como único momento de exceção o último acesso ao edifício, através da Rua da Aliança Operária.

Como forma de responder a uma posição privilegiada em relação ao novo parque urbano e criar alojamento que servisse de forma mais direta os utilizadores da incubadora, foram concebidas duas zonas residenciais. Uma marcada por tipologias de maior dimensão para permanência prolongada, de frente para o parque. A outra, constituída por tipologias de pequena dimensão para estadias de menor duração, dirigida a acolher empreendedores não locais.

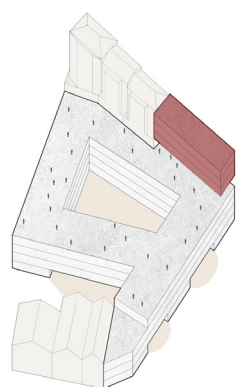
As tipologias de maior dimensão estão localizadas no braço a nascente e ocupam três pisos, estruturando-se em dois tipos, respetivamente de uma e duas frentes, e respondendo a duas condições principais: enfatizar a relação com o parque e separar as zonas interiores pública e privada. Funcionando como entidades conceptualmente separadas, as mesmas respondem a ideias diferentes. Na parte pública, a ideia central é o funcionamento unitário do espaço, não havendo divisórias entre o lugar onde se confeccionam os alimentos e o espaço de reunião e refeição, e havendo um direcionamento



HABITAÇÃO PERMANENTE

Fig 44. Diagramas de localização programática dentro do edifício

para a vista sobre o parque. Na parte privada a característica principal é a negação da hierarquia dos quartos, que se formalizam de forma espelhada em relação ao eixo central composto pelas instalações sanitárias. Esta negação é ainda reforçada por um sistema de passagens nas paredes perpendiculares às fachadas, transformando tipologias aparentemente convencionais em espaços de maior flexibilidade que permitem: a ampliação da sala, a duplicação de um quarto, o funcionamento de um escritório pessoal ou mesmo de um quarto de maior independência junto à cozinha. A exceção formal a esta organização é o lado nascente, que beneficia do sistema de varanda corrida e funciona como expoente máximo da relação entre as casas e o espaço renaturalizado do Rio Seco.



ESTÚDIOS TEMPORÁRIOS

Fig 45. Diagramas de localização programática dentro do edifício

O corpo que aloja as tipologias de menor dimensão (estúdios) organiza-se em três pisos e em função da maximização das mesmas. Sendo que no primeiro piso apenas se encontra a lavandaria comum dos estúdios, e o acesso à cobertura miradouro. Só nos dois pisos acima se desenvolvem os espaços habitacionais, organizados segundo um sistema de distribuição em galeria, que conseqüentemente gera habitações de frente única. A exceção é a tipologia de topo que pela sua localização ganha duas frentes adicionais, para a Rua da Aliança Operária e para o Parque.

Estes estúdios funcionam segundo uma lógica de “motores funcionais”, nos quais as zonas técnicas são condensadas junto à galeria. A instalação sanitária, os equipamentos de confeção de alimentos e uma zona de armazenamento formam um núcleo técnico, libertando o espaço restante para lazer e descanso.

5.5. Materialidade

Partindo do princípio de integração urbana, este edifício define como gesto inicial a marcação das lajes, projetando-as exteriormente em relação ao plano de fachada. Esta marcação visa evidenciar a escala da intervenção, apresentando o número de pisos e assumindo a sua semelhança ao edificado local. Por outro lado, funciona ainda como reguladora dos vários programas do híbrido, operando como estrutura conceptual onde os mesmos são inseridos.

No que respeita às relações com o edificado, este híbrido articula-se de forma diferenciada com as várias realidades urbanas com que se depara. Há então três abordagens diferentes embora sobre a mesma lógica compositiva, respetivamente: na frente de rua da Aliança Operária, na frente em contacto direto com o parque, e nos alçados internos do pátio e os que contactam com as restantes realidades.

Os alçados são estruturados recorrendo a elementos opacos em betão e vãos envidraçados “encastrados” entre as lajes superior e inferior de cada piso, ou seja, de altura constante (3 metros), variando em largura consoante a lógica de relação com a envolvente próxima. Também comum a esta lógica é a irrepetibilidade da métrica de cada piso, sugerindo assim a excecionalidade do edifício. A exceção é o piso térreo, de modo a valorizar o momento de assentamento no solo através de elementos sólidos menos largos (0,5 metros) e vãos envidraçados maiores (4 metros).

A Rua da Aliança Operária é constituída por edificado de várias épocas e portanto de formalização distinta, no entanto há elementos comuns. Dentro destes salientam-se os vãos separados e repetidos segundo métricas, em função de um eixo central de simetria. O outro elemento preponderante são as varandas salientes, coroadas por guardas metálicas de perfis verticais. Como forma de integrar a fachada do edifício que se relaciona com esta rua, o sistema compositivo é adaptado para estabelecer relações diretas com estes elementos. Assim, os troços opacos são de largura variável (1, 2 ou 3 metros), e os vãos envidraçados mantêm-se constantes (1 metro de largura). Para minimizar o impacte dos vãos muito alongados, são utilizadas guardas metálicas de perfis verticais, dando a perceção de que os envidraçados se aproximam de uma proporção semelhante aos outros edifícios da rua.

As fachadas internas do pátio, bem como a inversa à da Aliança Operária e a que ladeia o novo acesso pedonal, explicitam a maior liberdade em relação ao contexto fruto da sua localização. Aqui há uma inversão da métrica anterior através da utilização de vãos de largura variável (1, 2 ou 3 metros) intercalados por elementos de opacos constantes (1 metro de largura), resultando no aumento da permeabilidade visual. Em simultâneo, esta métrica é também a representação dos programas de acesso público.

A frente que contacta com o parque evidencia um momento de exceção, apresentando-se como a fachada onde melhor se denota a multifuncionalidade interna. O piso que contacta com o solo, uma parte da incubadora, a zona de habitação permanente, o topo do bloco dos estúdios, o edifício de apoio ao parque e os túneis pedonais revelam indícios de um programa

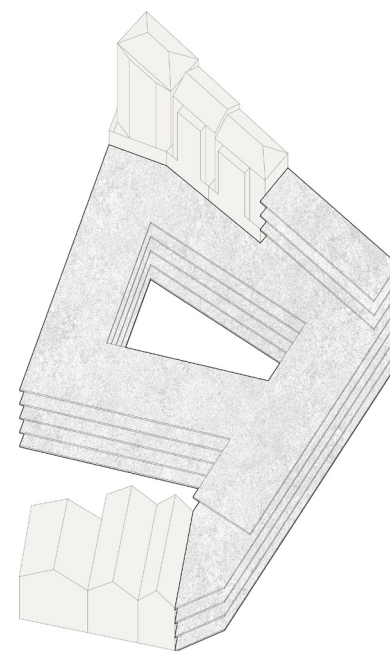


Fig 46. Diagrama de lajes do edifício

não convencional nesta área. O piso que toca no chão adota a composição mencionada anteriormente de vãos maiores e elementos sólidos menores, sendo rasgado em dois momentos por atravessamentos pedonais. Por cima assentam parte da incubadora, o topo do bloco dos estúdios e o edifício de apoio ao parque, segundo a lógica utilizada nos alçados interiores do pátio, e privilegiando assim com vãos amplos a vista direta para o parque. E por fim, no centro fica o sistema de varandas das habitações permanentes, que é marcado pela profundidade das mesmas, e pelas lâminas de betão e guardas metálicas que separam visualmente o espaço exterior de cada compartimento.

Pode então compreender-se que este edifício procura estabelecer continuidade urbana, assemelhando-se a um híbrido de tecido, mas que simultaneamente procura evidenciar o carácter multifuncional para o exterior através de métricas diferentes de fachada, como um híbrido de enxerto, correspondendo a uma mistura entre as duas categorias.

No que respeita à caracterização dos espaços interiores, procurou-se combinar as ideias de rigidez e austeridade a conforto e informalidade. Por um lado, os materiais mais pesados ajudam a compreender o edifício como suporte de atividades, enquanto os mais leves caracterizam os lugares onde se desenrolam as atividades propriamente ditas.

Nas superfícies horizontais dos espaços comuns são utilizados materiais duros: a pedra e o betão. Esta opção é consequência da procura de um carácter quase industrial, aproximando-se aos casos de reconversões de edifícios deste tipo (de uso industrial), que recorrentemente passam alojar funções associadas à criatividade e inovação. Nas superfícies verticais aplicam-se ideias diferentes, contribuindo o reboco pintado branco para a abstração dos elementos arquitetónicos e colocando o ênfase nos utilizadores. Por outro lado serve um propósito funcional, para o melhor aproveitamento da iluminação natural, difundindo-a.

As habitações permanentes guiam-se pelos mesmos princípios, acrescentando-lhes novos. Assentando estas tipologias no conceito de separação dos espaços privados e públicos interiores, refletem através da escolha dos materiais de pavimento a diferença do carácter de ambos: na parte pública a pedra, e na privada a madeira. A pedra, cuja imagem está associada a funções nobres e espaços cerimoniais, e a madeira, como material mais quente associado a conforto e interioridade.

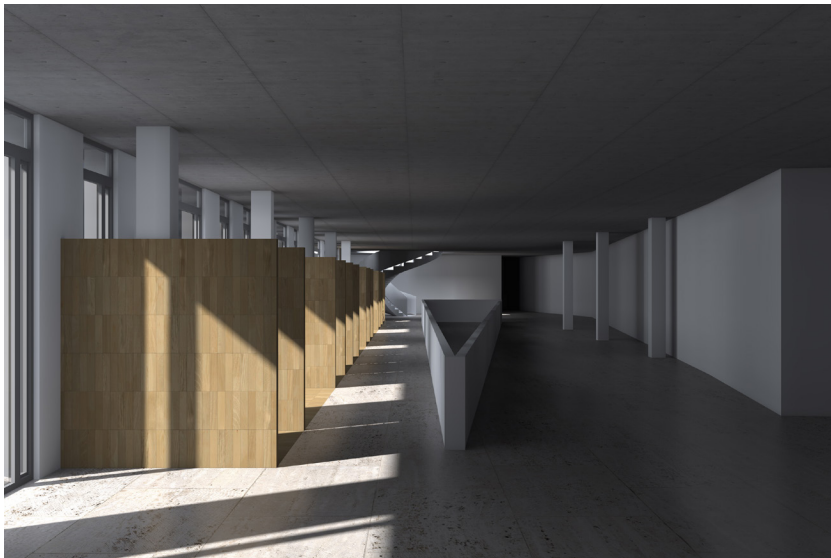


Fig 47. Renderização da zona dos nichos na incubadora



Fig 48. Renderização da sala de uma das tipologias grandes

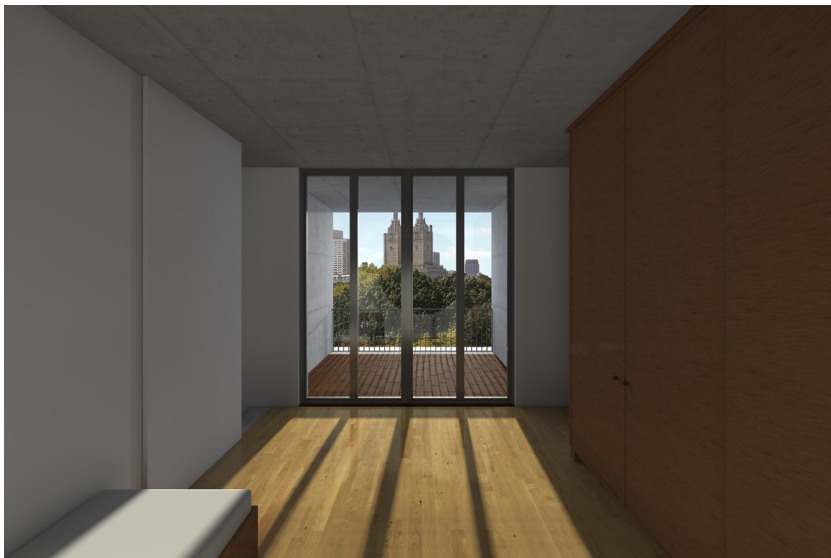


Fig 49. Renderização de um quarto de uma das tipologias grandes

V. CONCLUSÕES

Tendo este trabalho sido desenvolvido sobre a arquitetura híbrida como meio de intervir num contexto urbano, e especificamente de transformar o território do antigo quartel do Rio Seco através de um edifício híbrido, cada componente foi fundamental para estabelecer conhecimentos e sobre eles acrescentar novos. Pode assim afirmar-se que a metodologia adotada foi de vital importância para alcançar os resultados obtidos. Neste sentido, para responder à questão de trabalho: “de que forma um edifício híbrido pode ser utilizado para consolidar uma estratégia de regeneração urbana?” procurou-se apreender e apresentar os conceitos-base, através de um processo sistematizado.

Começando por apresentar a raiz do conceito de hibridez, ficou claro que este fenómeno está dependente de uma combinação de entidades diferentes e que é justamente essa combinação que gera elementos finais mais resistentes, dando-lhe propósito. Também a evolução histórica foi crucial para compreender que os edifícios híbridos surgiram por necessidade, mas foram as suas respetivas qualidades que os sedimentaram como opções em vários contextos, ditando o seu desenvolvimento. Por outro lado, foi revelada uma visão atualizada sobre estes modelos, cristalizando as características que os definem e as categorias que enquadram o seu posicionamento, fazendo simultaneamente paralelismos com a componente prática deste projeto.

Numa perspetiva contemporânea, para serem entendidos enquanto Híbridos, os mesmos devem conter nove características: personalidade, sociabilidade, forma, tipologia, processos, programas, densidade, escala e cidade. Podendo ainda ser categorizados no que respeita à abordagem através das características formais, respetivamente como híbridos: de tecido, de enxerto, monolíticos ou interligados.

Personalidade, explicita a individualidade de cada um destes edifícios, fruto das especificidades de cada situação. Sociabilidade, aborda as relações fortes que estes modelos estabelecem com os respetivos contextos urbanos, funcionando como continuação dos mesmos. Forma, caracterizando a opção por uma estratégia formal de coesão ou fragmentação nos alçados, indiciando ou ocultando a hibridez. Tipologia, exprimindo que estes modelos constituem tipologias alternativas, não se enquadrando em nenhuma das existentes. Processos, esclarecendo que a hibridez pode transcender a compreensão geral do edifício e ser aplicada a questões de âmbitos distintos, nomeadamente dos usos do solo, mas também à iniciativa económica e à construtividade, no que respeita à combinação de sistemas diferentes. Programas, apresentando a multiplicidade programática não só como uma necessidade para serem entendidos como híbridos, mas também para constituir um edifício mais coeso do ponto de vista das relações entre usos internos. Densidade, referindo que a arquitetura híbrida prolifera em contextos urbanos densos, reforçando o princípio de sociabilidade destes modelos. Escala, revelando a importância da grande dimensão destes edifícios, tomando a proporção de um quarteirão, não só pela necessidade alojar programas vastos mas também para criar condições de estabelecer relações mais fortes com a envolvente. Cidade, realçando que se tratando de edifícios de grande dimensão, podem incorporar lógicas e entidades de desenho urbano.

A categorização formal visa compreender de que modo se refletem em alçado os conceitos associados à relação destes edifícios com os respetivos contextos. Os híbridos de tecido são os que resultam de uma extrusão vertical do lote, privilegiando a regularidade das fachadas, e ocultando a complexidade interior. Os híbridos de enxerto são o oposto dos anteriores, assemelhando-se a uma aglomeração de vários edifícios e transmitindo visualmente a existência de componentes diferenciadas. Os híbridos monolíticos aproximam-se formalmente dos de tecido, mas diferem dos mesmos por tirarem proveito das formas exteriores para se apresentarem enquanto marcos urbanos, destacando-se na cidade. E os híbridos interligados são a representação dos casos, cada vez mais frequentes em grandes cidades (nomeadamente asiáticas) que correspondem a conjuntos de edifícios isolados, identificáveis visualmente, mas que estão interligados por passagens aéreas e/ou pisos subterrâneos.

A análise e compreensão mais aprofundadas do *Auditorium Building* e do conjunto *Barbican* representaram ferramentas para apreender os conceitos anteriores, materializados em situações reais. Ao mesmo tempo, permitiram observar a pertinência destes modelos em períodos históricos e situações distintas, e o modo como as formalizações dos mesmos veiculam ideias específicas para cada uma delas. Estes exemplos serviram ainda o propósito de revelar as principais características comuns à globalidade dos edifícios híbridos: adaptabilidade, integração e multiplicidade de possibilidades. A adaptabilidade revela a capacidade destes modelos se inserirem em contextos diferentes, a integração é a representação dos elos de ligação fortes que criam com os contextos em que se implantam, e a multiplicidade de possibilidades espelha a liberdade conceptual destes modelos, que não partindo de estruturas físicas comuns entre si, podem ser elaborados de formas inovadoras, respondendo a condições atuais e/ou emergentes.

Para estabelecer as condições para a intervenção de grande escala: o Parque Urbano do Rio Seco, foi analisado o território da freguesia da Ajuda. Começando por um enquadramento histórico, compreendeu-se que o desenvolvimento desta zona foi impulsionado sobretudo devido a três momentos com motivações distintas: as peregrinações religiosas do séc. XV, o aumento de atividade no porto do Restelo e o período pós-terramoto de 1755. No entanto, este território desenvolveu-se quase exclusivamente através de edifícios de habitação monofuncionais, tendo hoje um parque residencial envelhecido e não se vislumbrando uma tendência de mudança. E apesar de atualmente ser uma freguesia privilegiada pela relação com o parque florestal de Monsanto, com o conjunto monumental de Belém, com a frente ribeirinha, e de ter um conjunto variado de equipamentos nas imediações, estas condições não se repercutiram numa posição de destaque no contexto da cidade. Por fim, a presença de vazios urbanos que aumentam a insegurança e fragilizam os sistemas de circulação pedonal, tornou essencial uma intervenção urbana que transformasse o território.

É então com o entendimento da realidade atual que é proposto o parque urbano do Rio Seco, tendo como base a importância destes espaços naturalizados (neste caso renaturalizado) em âmbito urbano. O mesmo é pensado não só como uma estrutura que organiza e tira proveito de uma boa localização dando-lhe valências novas, como também visa transportar uma dinâmica de transformação para o local, ativando e valorizando-o.

Aproximando-nos do antigo Quartel do Rio Seco, torna-se evidente a excecionalidade do lugar no contexto do vale. Situado numa zona de considerável densidade de edificado, este terreno apresenta uma escala expressiva e nesse sentido cria possibilidades distintas da maioria dos lugares deste contexto urbano. Também pela inutilização e degradação acentuada do edifícios, é justificada a demolição da maior parte, permitindo o desenvolvimento de uma intervenção de grande escala (em planta e com relação ao edificado do tecido envolvente).

A intervenção define então com clareza que os princípios fundadores assentam no estabelecimento de relações com o edificado que a antecede, respeitando as cotas dos edifícios e as lógicas urbanas existentes. Neste sentido, formaliza-se de modo a reforçar a interligação com o tecido urbano, gerando igualmente espaços públicos de várias naturezas e um novo atravessamento pedonal, permitindo a comunicação entre a Cç. da Boa Hora e o novo parque.

Programaticamente as escolhas passaram pela ligação entre o novo parque e os equipamentos na envolvente, e com a estratégia municipal de promover Lisboa como cidade de empreendedorismo. Recorrendo a duas zonas de pequenos espaços comerciais, é estimulada a utilização do pátio e servido o parque de forma direta.

As decisões formais e materiais espelham também as intenções de âmbito urbano e visam reforçar a ligação entre o edifício e o contexto envolvente. Por outro lado, a variação da composição das fachadas procura tirar proveito da relação entre o edifício e o parque, enquanto em simultâneo revela tratar-se de um edifício de exceção dentro da área.

Sintetizando, é possível afirmar que os edifícios híbridos constituem soluções para desenvolver estratégias de regeneração urbana, consequência da multiplicidade de níveis em que criam relações. A interligação profunda com o contexto urbano, a capacidade de gerar espaço público, os programas públicos e acessíveis à urbe, e até os próprios sistemas formais, representam modos de interagir com o contexto urbano, influenciando e transformando-o.

Como nota final, resta ainda referir algumas das potencialidades de futuro para estes edifícios. Ficou então claro que a arquitetura híbrida apresenta grande liberdade conceptual, onde imperam as capacidades de adaptabilidade a contextos diferentes, de integração e interligação com o lugar onde se implantam e a multiplicidade de possibilidades de materialização. Assim sendo, podem não só ser utilizados para regenerar troços desqualificados de cidade como ser ferramentas úteis para as mega metrópoles cada vez mais densamente populadas, constituindo-se como entidades qualificadas multiprogramáticas e substituindo os blocos exclusivamente habitacionais.

VI. BIBLIOGRAFIA

PUBLICAÇÕES

AA.VV. (1971) Barbican: A Cidade na Metrópole. *Binário*, 149, 82-89

ANGÉLIL, Marc; KLINGMANN, Anna (1999) Hybrid Morphologies: Infrastructure, Architecture, Landscape. *Daidalos*, 73, 16-25

AQUINO, Eduardo; MELLO FRANCO, Fernando (2006) Situação Copan: Contaminações Mútuas. *Jornal dos Arquitectos*, 220/221, 24-29

ARPA, Javier; MOZAS, Javier; PER, Aurora Fernández (2014) *This is Hybrid: An analysis of mixed-use buildings*, 2ª Edição, Vitoria-Gasteiz, A+T Architecture Publishers

BENEVOLO, Leonardo (1998) *História da Arquitectura Moderna*, Editora Perspectiva

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA (2010) *Termos de Referência do Plano de Pormenor da Calçada da Ajuda*, Lisboa

FENTON, Joseph (1985) *Hybrid Buildings, Pamphlet Architecture 11*, New York/San Francisco, Princeton Architectural Press

FRENCH, Hilary (2009) *Vivienda Colectiva Paradigmática del Siglo XX. Plantas, Secciones y Alzados*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili

GADANHO, Pedro (2006) A Ansiedade do Híbrido: Arquitectura, Arte e Design. *Jornal dos Arquitectos*, 220/221, 40-43

HEATHCOTE, David (2004) *Barbican. Penhouse over the City*, East Sussex, John Wiley & Sons

HOLL, Steven (2000) *Parallax*, New York, Princeton Architectural Press

HOLL, Steven (2014) Hybrid Buildings in *This is Hybrid: An analysis of mixed-use buildings*, 2ª Edição, Vitoria-Gasteiz, A+T Architecture Publishers, 6-9

KOOLHAAS, Rem (1994) *Delirious New York*, New York, Monacelli Press

MONTEIRO, Pedro Cortesão (2006) Quando os objectos colidem. *Jornal dos Arquitectos*, 220/221, 20-22

MONTEYS, Xavier, FUERTES, Pere (2011) *Casa Collage. Un Ensayo sobre la Arquitectura de la Casa*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili

MOZAS, Javier (2014) This is Hybrid in *This is Hybrid: An analysis of mixed-use buildings*, 2ª Edição, Vitoria-Gasteiz, A+T Architecture Publishers, 20-41

MUSIATOWICZ, Martin (2014) Hybrid Vigour and the Art of Mixing in *This is Hybrid: An analysis of mixed-use buildings*, 2ª Edição, Vitoria-Gasteiz, A+T Architecture Publishers, 12-19

PER, Aurora Fernández (2014) Hybrid versus Social Condenser in *This is Hybrid: An analysis of mixed-use buildings*, 2ª Edição, Vitoria-Gasteiz, A+T Architecture Publishers, 42-51

PER, Aurora Fernández; MOZAS, Javier (2014) *Workforce. A Better Place to Work*, Vitoria-Gasteiz, A+T Architecture Publishers

SINKEVITCH, Alice (2004) *AIA Guide to Chicago*, Chicago, Harcourt Books

TOUSSAINT, Michel (2006) Híbrido: Contrastes na sua Importância. *Jornal dos Arquitectos*, 220/221, 44-47

TESES DE DOUTORAMENTO

FERNANDES, André (2014) *Dinâmicas de Revitalização de Frentes Ribeirinhas no Período Pós-Industrial: o Arco Ribeirinho Sul do Estuário do Tejo*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

FREITAS, Rita (2011) *Hybrid Architecture: Context, Scale, Order*, Barcelona, Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona Universitat Politècnica de Catalunya

TESES DE MESTRADO

TORRES, João (2012) *(Re) pensar o nó de Alcântara através de um edifício híbrido: biblioteca central e arquivo de Lisboa*, Lisboa, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa

FONTES DIGITAIS

CARUSO ST. JOHN ARCHITECTS, n.d., *New National Office*, [Online] disponível em: http://www.carusostjohn.com/media/artscouncil/new_national_office/introduction/index.html [consultado a 10/11/14]

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA, n.d., *Híbrido*, [Online] disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/h%C3%ADbrido> [consultado a 16/04/15]

DILLER SCOFIDIO + RENFRO, n.d., *High Line (phase I & II)*, [Online] disponível em: <http://www.dsny.com/projects/high-line-two> [consultado a 28/10/15]

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, n.d., *Josef Gottlieb Kölreuter*, [Online] disponível em: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/321487/Josef-Gottlieb-Kolreuter> [consultado a 22/03/15]

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, n.d., *Central Park*, [Online] disponível em: <http://www.britannica.com/place/Central-Park-New-York-City> [consultado a 22/10/15]

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, n.d., *Hyde Park*, [Online] disponível em: <http://www.britannica.com/place/Hyde-Park-London> [consultado a 22/10/15]

FREITAS, Rita, n.d., *Hybrid architecture and infrastructure*, Quaderns d'Arquitectura i Urbanisme [Online] disponível em: <http://quaderns.coac.net/es/2011/09/262-observatori-pinto/> [consultado a 28/11/14]

FRIENDS OF THE HIGH LINE, n.d., *About the High Line. Fostering a strong community and neighborhood* [Online] <http://www.thehighline.org/about> [consultado a 28/10/15]

LANDSCAPE ARCHITECTURE FOUNDATION, n.d., *Landscape Performance Series: Cheonggyecheon Stream Restoration Project*, [Online] disponível em: <http://landscapeperformance.org/case-study-briefs/cheonggyecheon-stream-restoration> [consultado a 25/09/15]

LEWIS & SHORT, n.d., *Híbrida*, [Online] disponível em: <http://perseus.uchicago.edu/cgi-bin/philologic/getobject.pl?c.7:569.lewisandshort> [consultado a 16/04/15]

MONTEYS, Xavier; et al, 2010, *Rehabitar [1]: en nueve episodios*, [Online] disponível em: <http://habitar.upc.edu/wp-content/uploads/rehab1.pdf> [consultado a 04/10/15]

MONTEYS, Xavier, et al, 2010, *Rehabitar [2]: habitaciones satélite*, [Online] disponível em: <http://habitar.upc.edu/wp-content/uploads/rehab2.pdf> [consultado a 04/10/15]

MONTEYS, Xavier, et al, 2010, *Rehabitar [5]: más puertas*, [Online] disponível em: <http://habitar.upc.edu/wp-content/uploads/rehab2.pdf> [consultado a 05/10/15]

STEVEN HOLL ARCHITECTS, n.d., *Steven Holl Architects*, [Online] disponível em: <http://www.stevenholl.com> [consultado a 25/02/15]

DOCUMENTÁRIOS

CANTELON, Robin (1969) *Barbican*
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vLPIJsoVq8k>

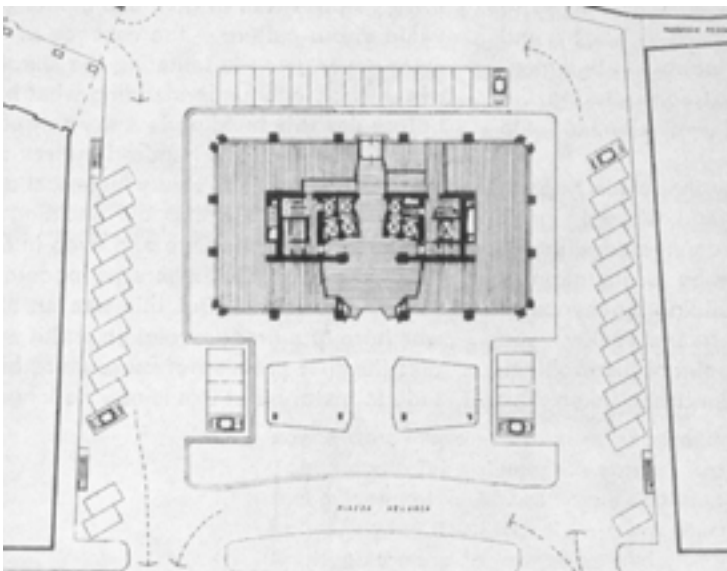
NEUMANN, Stan (2001) *L'Auditorium Building de Chicago*
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SgoMXHkQjr4>

VI. ANEXOS

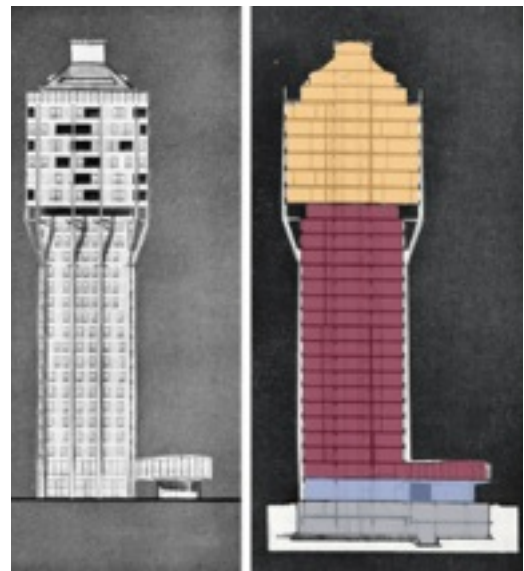
01 | TORRE VELASCA | BBPR | Milão, Itália | 1954 - 1958



Perspectiva Exterior



Planta piso térreo



Alçado

Secção programática

ESTACIONAMENTO COMÉRCIO ESCRITÓRIOS HABITAÇÃO

ÁREA LOTE: 4,400m²

PROGRAMAS:

- ▶ Comércio
- ▶ Escritórios
- ▶ Estacionamento
- ▶ Habitação

Este projecto surge pela necessidade de reconstrução de uma área de Milão afectada por bombardeamentos durante a II Guerra Mundial.

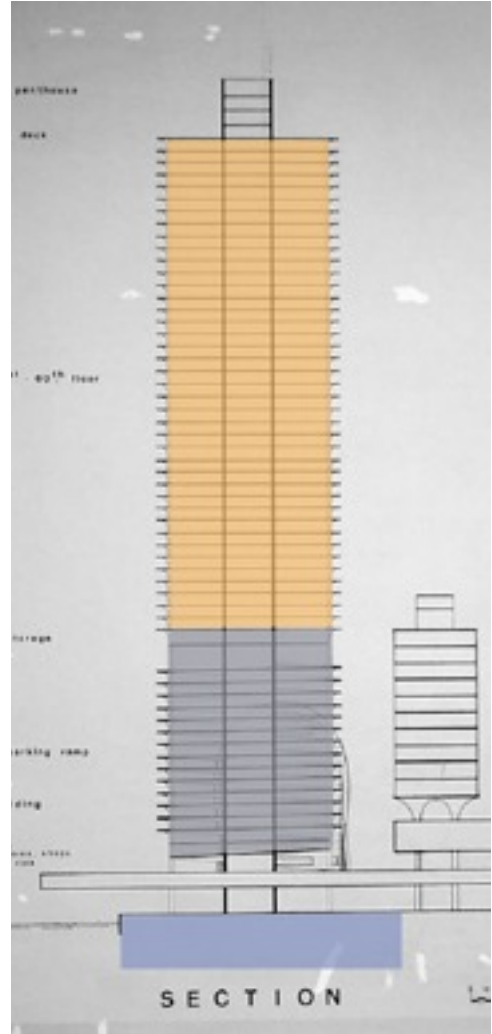
Inicialmente tinha sido planeado pela cidade um bloco de escritórios baixo que ocupasse o lote todo. No entanto, os arquitectos BBPR optaram por desenhar uma torre, libertando solo para espaço público, e combinando vários programas ao longo da verticalidade do edifício. Assim, o modelo adoptado permitiu a conjugação dos desejados escritórios, com pequenos espaços comerciais ao nível da rua, tipologias habitacionais na parte superior e com maior dimensão em planta, e dotando ainda os mesmos de um estacionamento subterrâneo.

FONTE: ARPA, Javier; MOZAS, Javier; PER, Aurora Fernández (2014) *This is Hybrid: An analysis of mixed-use buildings*, 2ª Edição, Vitoria-Gasteiz, A+T Architecture Publishers, P.52-53

02 | MARINA CITY | Bertrand Goldberg | Chicago, EUA | 1959 - 1964



Perspectiva de rua



Secção programática

ESTACIONAMENTO COMÉRCIO HABITAÇÃO

ÁREA LOTE: 8,700m²

PROGRAMAS:

- ▶ Comércio
- ▶ Estacionamento
- ▶ Habitação

O *Marina City Complex* foi o primeiro projecto de torres construído em Chicago, no pós-guerra. Assentando no mote de uma cidade dentro da cidade, este conjunto procurou consolidar-se enquanto entidade mais completa a nível programático e criar tipologias residenciais, contribuindo para evitar as deslocações diárias dos trabalhadores para as suas casas nos subúrbios.

No seguimento desta lógica, as torres são implantadas numa praça comum e subindo os edifícios encontra-se primeiramente a zona de estacionamento automóvel, à imagem dos silos urbanos para o mesmo efeito, e só depois se desenvolve a zona habitacional.

Por fim, há ainda um conjunto de equipamentos situados abaixo da praça comum. Uma sala de espetáculos e uma marina, tirando proveito da relação privilegiada com o rio.

FONTE: ARPA, Javier; MOZAS, Javier; PER, Aurora Fernández (2014) *This is Hybrid: An analysis of mixed-use buildings*, 2ª Edição, Vitoria-Gasteiz, A+T Architecture Publishers, 56-57

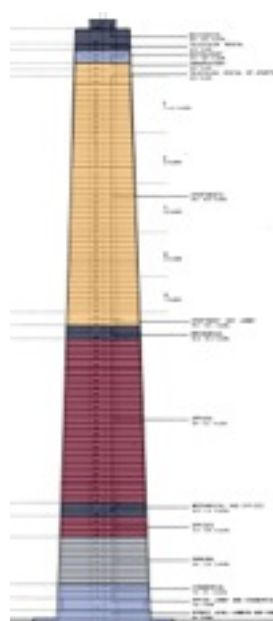
03 | JOHN HANCOCK CENTER | Skidmore, Owings & Merrill | Chicago, EUA | 1965 - 1970



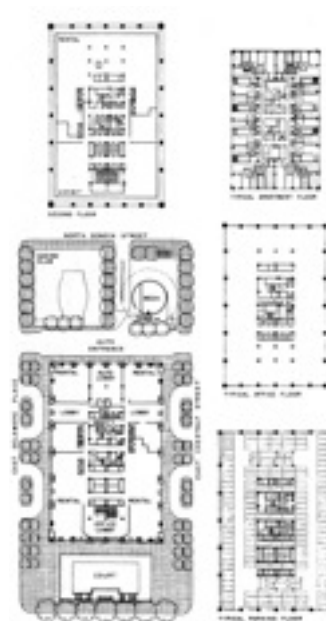
Perspectiva Exterior



Perspectiva Aérea



Secção Programática



Plantas Tipo

ESTACIONAMENTO
 COMÉRCIO
 ESCRITÓRIOS
 HABITAÇÃO
 OUTROS

ÁREA LOTE: 12,900m²

PROGRAMAS:

- ▶ Comércio
- ▶ Escritórios
- ▶ Estacionamento
- ▶ Habitação
- ▶ Outros

Tendo inicialmente sido propostas duas torres com usos separados, este projecto acabou por se materializar num único edifício multifuncional.

Combinando nos primeiros pisos acima da rua, a zona de estacionamento, depois as zonas de escritórios separadas apenas por pisos técnicos, subindo, os pisos habitacionais, e por fim espaços técnicos e comerciais no topo, este edifício corporiza a validação da hibridez, adequando a utilização dos pisos às respectivas funções. O restaurante e os estúdios televisivos nos últimos pisos, representam precisamente a procura desta adequação.

FONTE: ARPA, Javier; MOZAS, Javier; PER, Aurora Fernández (2014) *This is Hybrid: An analysis of mixed-use buildings*, 2ª Edição, Vitoria-Gasteiz, A+T Architecture Publishers, 58-59

04 | LINKED HYBRID | Steven Holl Architects | Pequim, China | 2003 - 2009



Perspectiva Exterior



Planta de cobertura



Secção programática

ESTACIONAMENTO COMÉRCIO HABITAÇÃO CULTURA

ÁREA LOTE: 61,800m²

PROGRAMAS:

- ▶ Cívico
- ▶ Comércio
- ▶ Cultura
- ▶ Desporto
- ▶ Educação
- ▶ Escritórios
- ▶ Estacionamento
- ▶ Habitação
- ▶ Hotel
- ▶ Outros

Partindo da transformação do conceito de bloco residencial auto-suficiente, o *Linked Hybrid* procura romper com a elementaridade com que estes edifícios criam relações.

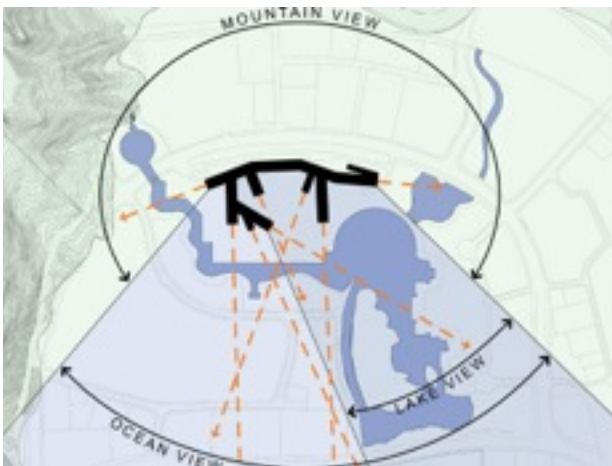
Transportando programas de acesso público para os pisos superiores e aéreas ligações entre edifícios, o arquitecto estabeleceu as bases para enriquecer a forma como estes são experienciados, aliando-os a tipologias habitacionais não convencionais na China.

Através desta formalização, e com apoio em programas de âmbitos diferenciados, a cidade expande-se para o interior do edifício e as relações humanas passam a desenrolar-se em três momentos: ao nível do solo, abaixo do solo e acima do solo, entre residentes e utilizadores exteriores.

05 | HORIZONTAL SKYSCRAPER | Steven Holl Architects | Shenzhen, China | 2006 - 2009



Perspectiva Exterior



Planta de localização e vistas



Axonometria Programática

■ ESCRITÓRIOS ■ HABITAÇÃO ■ HOTEL

ÁREA LOTE: 82,438m²

PROGRAMAS:

- ▶ Cívico
- ▶ Comércio
- ▶ Cultura
- ▶ Desporto
- ▶ Educação
- ▶ Escritórios
- ▶ Estacionamento
- ▶ Habitação
- ▶ Hotel
- ▶ Outros

Numa perspectiva de criar um edifício que não se limitasse a alojar somente a sede da Vanke Company, foram condensados vários programas de âmbito diferente mas complementares, numa única entidade.

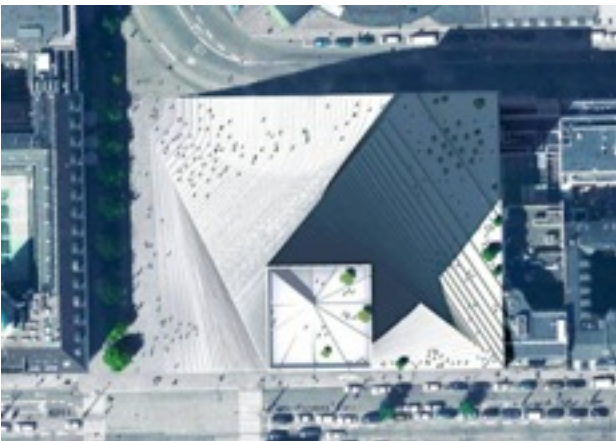
Este projecto parte então de uma premissa forte de reinvenção da forma de agregação programática, substituindo a verticalidade por horizontalidade, e elevando-se para oferecer espaço público a este lugar.

No que respeita aos usos, contém escritórios, tipologias habitacionais e uma zona de hotelaria nos pisos acima do solo. Ao nível do solo estão os espaços comerciais, e enterrados os espaços de carácter cívico e os espaços para a prática de desporto.

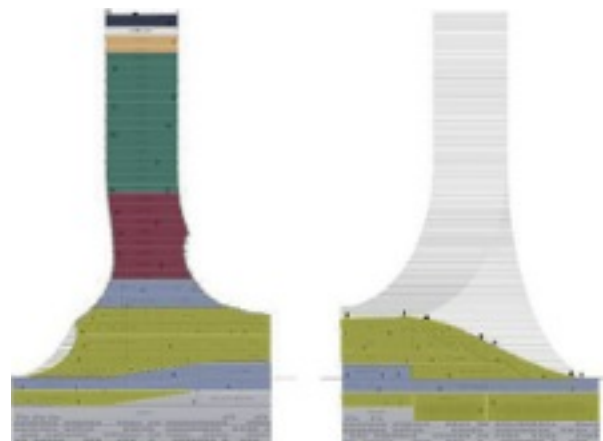
06 | SCALA TOWER | BIG Architects | Copenhagen, Denmark | 2007



Perspectiva Exterior



Perspectiva Aérea



Secções Programáticas

ESTACIONAMENTO CULTURA COMÉRCIO ESCRITÓRIOS HOTEL HABITAÇÃO OUTROS

ÁREA LOTE: 5,295m²

PROGRAMAS:

- ▶ Cívico
- ▶ Comércio
- ▶ Cultura
- ▶ Desporto
- ▶ Educação
- ▶ Escritórios
- ▶ Estacionamento
- ▶ Habitação
- ▶ Hotel
- ▶ Outros

A Scala Tower é um arranha-céus situado no centro da cidade de Copenhaga, na Dinamarca, e implanta-se respeitando a malha urbana.

Este edifício representa a união entre a esfera privada e pública, tendo esta combinação de investimentos sido fundamental para a sua materialização. Assim, o edifício aloja nos seus pisos inferiores não só os programas de âmbito público como gera espaço público à medida que toca no solo e vai criando patamares, como um anfiteatro, que se tornam sucessivamente mais curtos à medida que se sobe em altura, até o momento em que desaparecem e o edifício toma a expressão de torre.

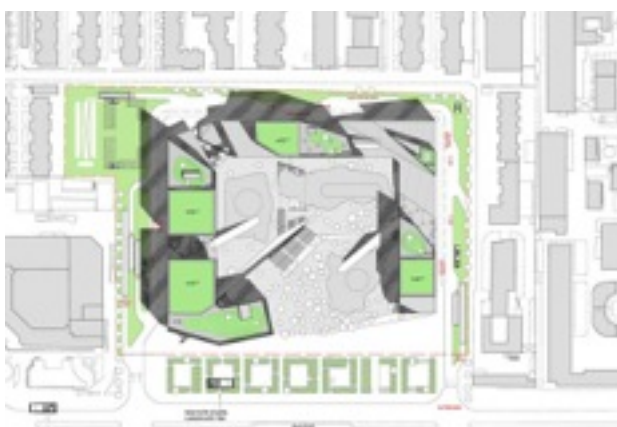
Nos pisos superiores ficam alojados os programas de uso privado: os escritórios e o hotel, correspondendo o observatório no último piso, à excepção.

FONTE: ARPA, Javier; MOZAS, Javier; PER, Aurora Fernández (2014) *This is Hybrid: An analysis of mixed-use buildings*, 2ª Edição, Vitoria-Gasteiz, A+T Architecture Publishers, 178-185

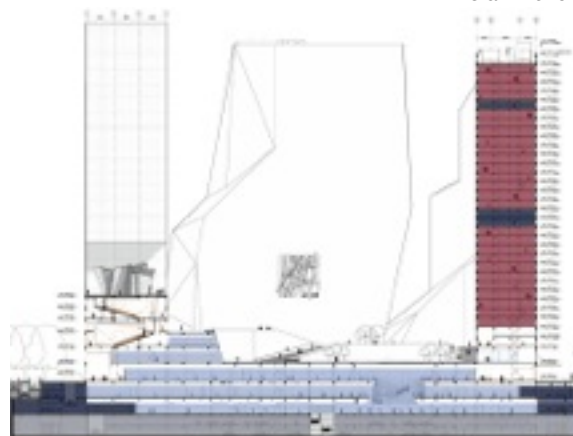
07 | SLICED POROSITY BLOCK | Steven Holl Architects | Chengdu, China | 2007 - 2012



Vista Exterior



Planta de Cobertura



Secção Programática

ESTACIONAMENTO COMÉRCIO ESCRITÓRIOS OUTROS

ÁREA LOTE: 32,663m²

PROGRAMAS:

- ▶ Cívico
- ▶ Comércio
- ▶ Cultura
- ▶ Desporto
- ▶ Educação
- ▶ Escritórios
- ▶ Estacionamento
- ▶ Habitação
- ▶ Hotel
- ▶ Unidades Habitação/Trabalho
- ▶ Outros

No Sliced Porosity Block, Steven Holl seguiu os princípios que aplicou no Linked Hybrid, aprofundando-os.

Neste projecto, marcado por edifícios aparentemente separados mas com a mesma linguagem formal, o arquitecto acrescentou variedade programática além das passagens aéreas, aos edifícios propriamente ditos. Uns acolhem o hotel, outros habitação, outros com escritórios e ainda usos diferentes em pontos específicos. Por outro lado, estes volumes são “recortados” permitindo alojar funções culturais e pequenos espaços públicos elevados, além de melhorar a incidência solar em alguns momentos.

No centro dos edifícios e ao nível do solo, fica uma praça de acesso livre, oferecendo à cidade um espaço público protegido e ainda estruturas comerciais a este nível e nos inferiores, reforçando novamente a intercomunicação do conjunto.

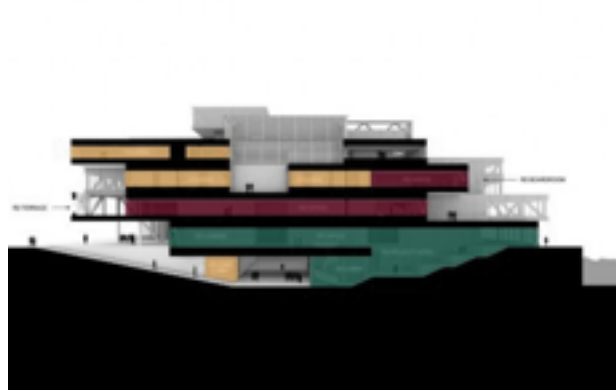
FONTE: ARPA, Javier; MOZAS, Javier; PER, Aurora Fernández (2014) *This is Hybrid: An analysis of mixed-use buildings*, 2ª Edição, Vitoria-Gasteiz, A+T Architecture Publishers, 186-195



Perspectiva Exterior



Perspectiva Aérea



Secção Programática

■ HOTEL ■ ESCRITÓRIOS ■ HABITAÇÃO

ÁREA LOTE: 12,575m²

PROGRAMAS:

- ▶ Cívico
- ▶ Comércio
- ▶ Cultura
- ▶ Desporto
- ▶ Educação
- ▶ Escritórios
- ▶ Estacionamento
- ▶ Habitação
- ▶ Hotel
- ▶ Unidades Habitação/Trabalho
- ▶ Outros

O *Bryghusprojektet* representa a materialização dos princípios da arquitectura híbrida, num corpo baixo. Respeitando a escala do edificado local, este projecto formaliza-se segundo uma sobreposição desordenada de espaços, cuja principal força assenta nos cruzamentos entre as várias actividades.

No entanto, apesar de compacto, este edifício alberga uma variedade considerável de programas, nomeadamente: escritórios, habitação, cultura, passagens urbanas, e ainda alguns com menor presença (cívicos, comerciais, de educação e desporto).

Trata-se então de um projecto que apesar da escala reduzida, em comparação com a maioria dos restantes híbridos, consegue desenvolver os mesmos princípios, tirando proveito da composição com “blocos programáticos” de dimensões variadas e apresentando fachadas com métricas separadas identificáveis.



Perspectiva Exterior (ao centro)



Perspectiva do Edifício Existente



Perspectiva da Intervenção



Axonometria da Nova Circulação

ÁREA LOTE: 5,055m²

PROGRAMAS:

- ▶ Cívico
- ▶ Comércio
- ▶ Cultura
- ▶ Desporto
- ▶ Educação
- ▶ Escritórios
- ▶ Estacionamento
- ▶ Habitação
- ▶ Hotel
- ▶ Outros

Este exemplo representa uma visão conceptual, tendo sido desenvolvido como resposta ao desafio de pensar sobre o futuro do habitar, em Nova Iorque.

A premissa inicial foi então a conversão de um edifício exclusivamente de escritórios em multifuncional, de modo a alojar habitação e uma lógica funcional adequada a uma visão para o futuro. Como tal, este passa também a conter funções de hotel, espaços comerciais e espaços para desporto.

Fundamental ainda para a reinterpretação deste edifício é a nova estrutura de circulação que o envolve, que rasga partes do mesmo para criar um percurso que liga o solo ao topo do e gera em simultâneo um conjunto de espaços arborizados.

10 | TRANSFORMAÇÃO DO RIACHO DE CHEONGGYEcheon | Seoul, Coreia do Sul | 2005



Planta de Implantação



Perspectiva Aérea - Antes e Depois



Perspectiva Aérea Nocturna

EXTENSÃO: 5.84 km de comprimento

PROGRAMAS:

- ▶ Cívico
- ▶ Habitação
- ▶ Hotel
- ▶ Unidades Habitação/Trabalho
- ▶ Outros

No final dos anos 90 do séc. XX o viaduto que se situava por cima do canal de Cheonggyecheon apresentava uma degradação avançada e necessitava de ser reparado ou removido. Os responsáveis da cidade Seoul optaram por removê-lo, transformando o riacho em baixo num grande espaço público linear, com zonas arborizadas e um curso de água à superfície.

Em primeiro lugar gerou vantagens ambientais protegendo a cidade em caso de cheias, tendo havido um aumento exponencialmente a biodiversidade (cerca de 600%) e constituindo um lugar onde a temperatura é consideravelmente mais baixa (entre 3 e 6°C mais fresca do que em ruas paralelas a 4 a 7 quarteirões de distância).

Por outro lado gerou mais-valias económicas consideráveis, tendo havido um aumento do turismo e um acréscimo de 30-50% no custo das propriedades em torno da intervenção. Finalizando, houve também um aumento dos espaços comerciais nesta área (3.5%) e dos postos de trabalho.

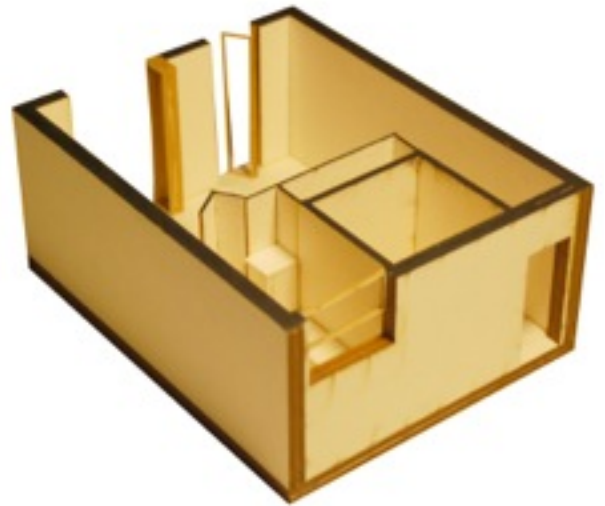
FONTE: Landscape Architecture Foundation, n.d., *Landscape Performance Series: Cheonggyecheon Stream Restoration Project*, [Online] disponível em: <http://landscapeperformance.org/case-study-briefs/cheonggyecheon-stream-restoration> [consultado a 25/04/15]

ELEMENTOS GRÁFICOS DO PROJECTO

FOTOGRAFIAS DAS MAQUETES FINAIS



CONTEXTO URBANO_ ESCALA 1/500





TIPOLOGIA DE UMA FRENTE_ ESCALA 1/50



TIPOLOGIA DE DUAS FRENTEES_ ESCALA 1/50

PAINÉIS FINAIS



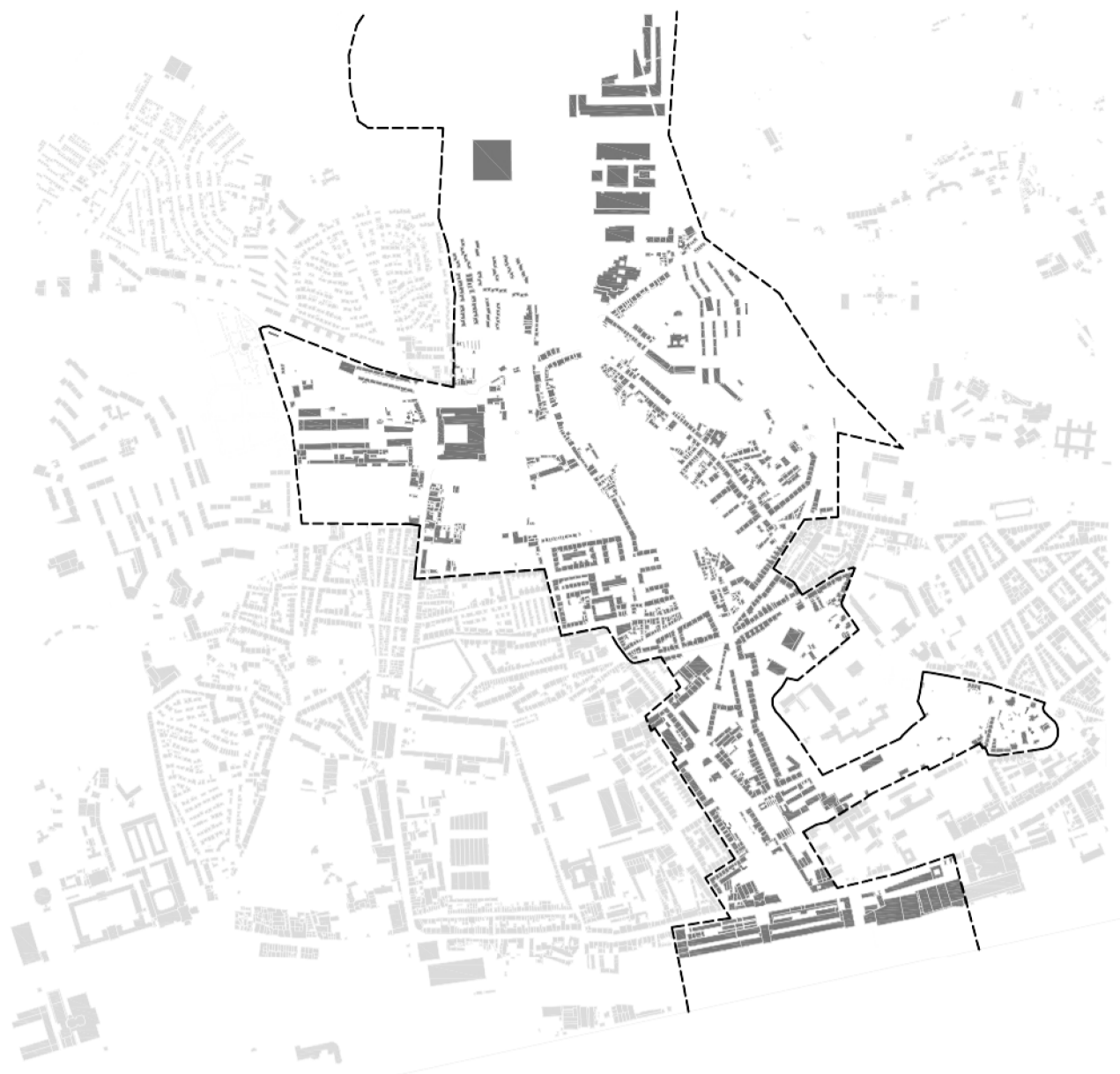
Sistema de Linhas de Água

Principais Espaços Verdes

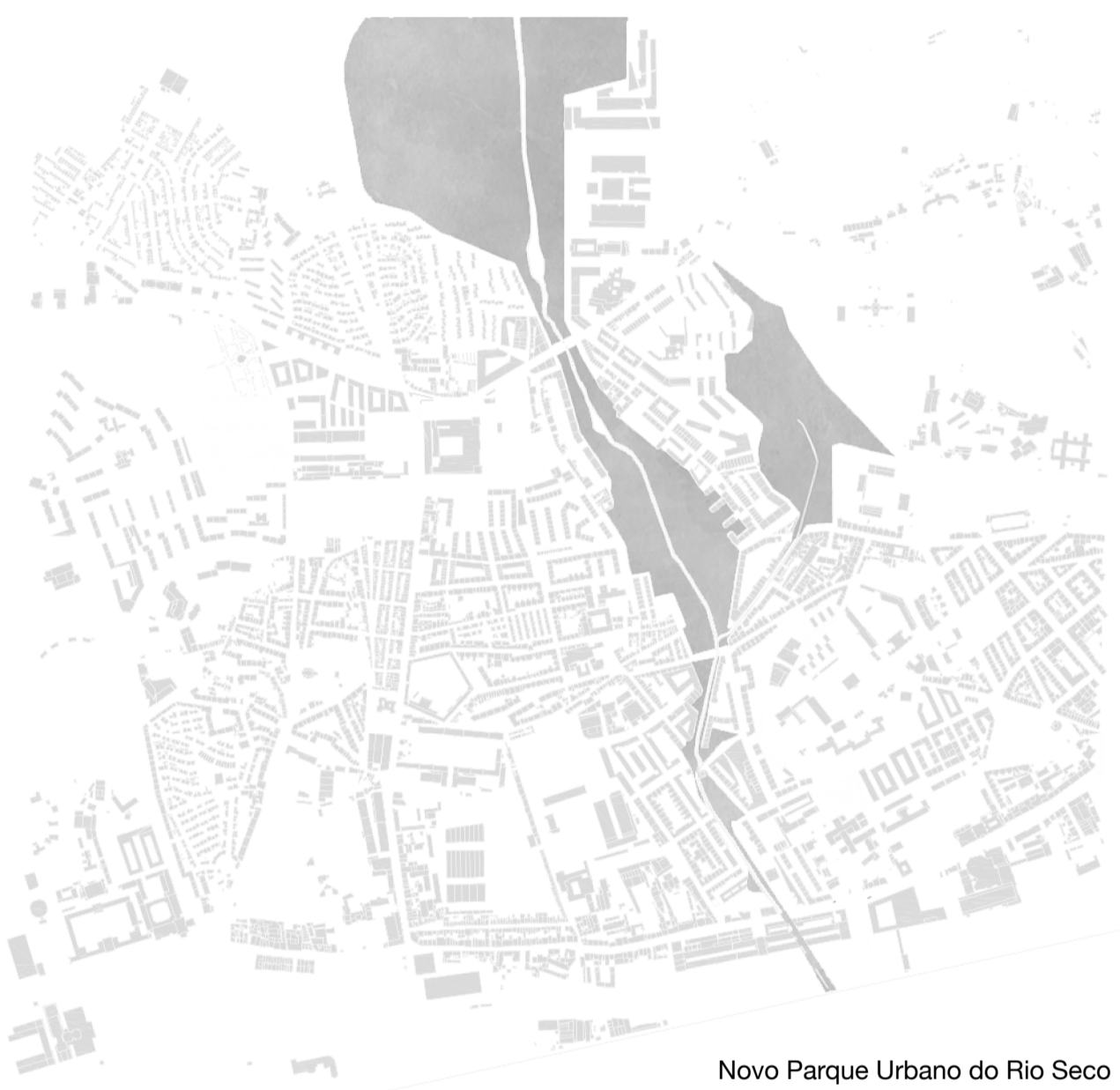
Percurso de Eléctrico

Planta da cidade de Lisboa 1:15000





Área de Intervenção



Novo Parque Urbano do Rio Seco



Novas Intervenções Arquitectónicas



Planta Geral do Vale do Rio Seco



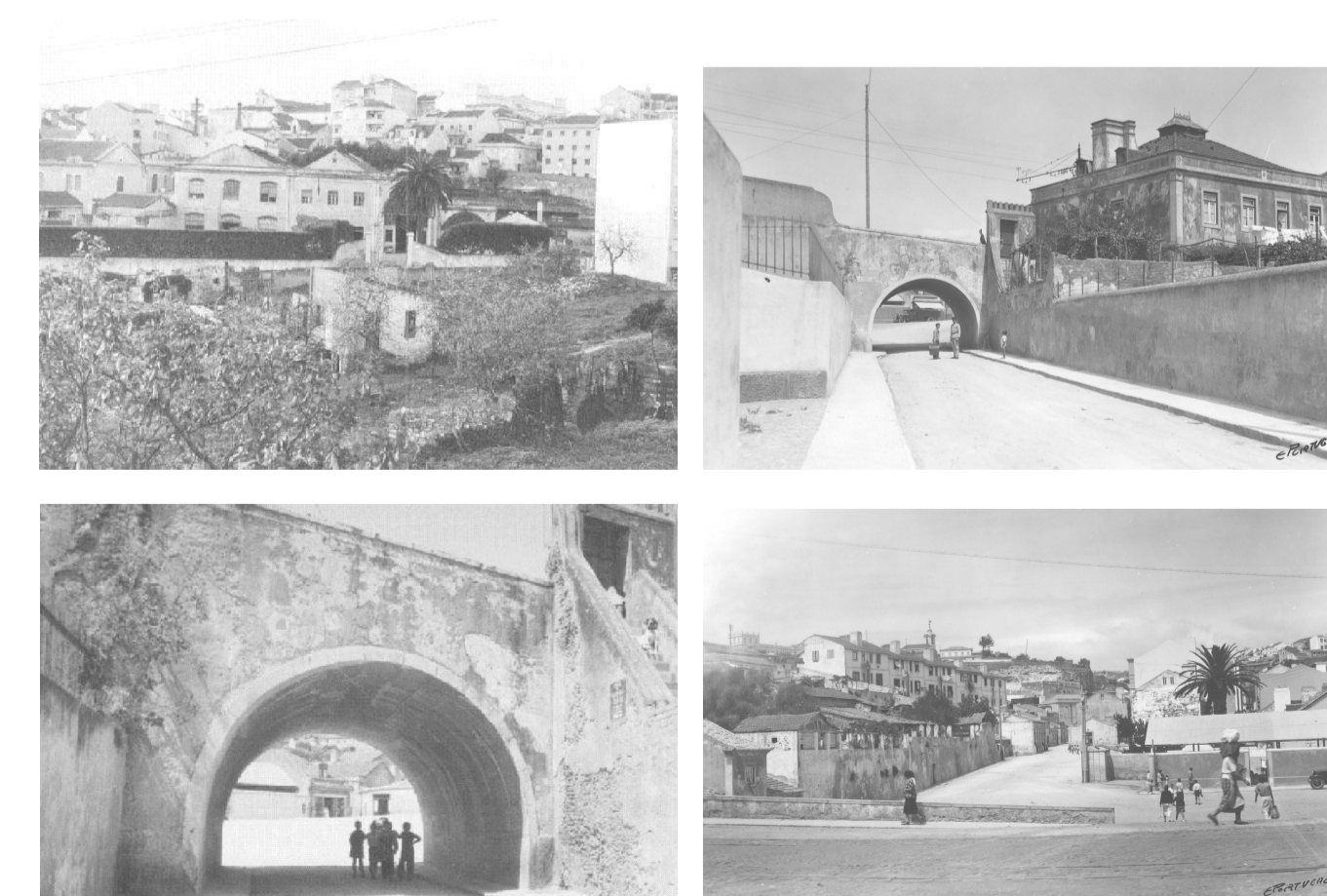
Cartografia Histórica da Freguesia da Ajuda 1807 e 1904



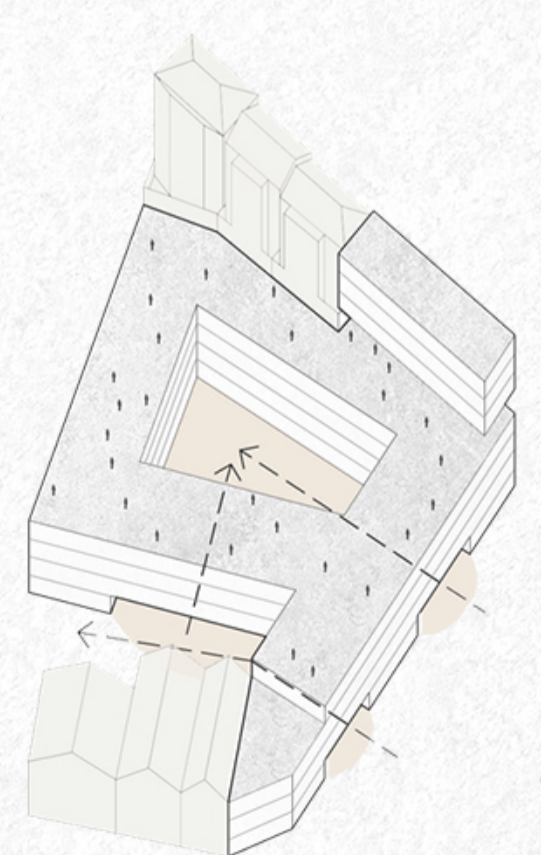
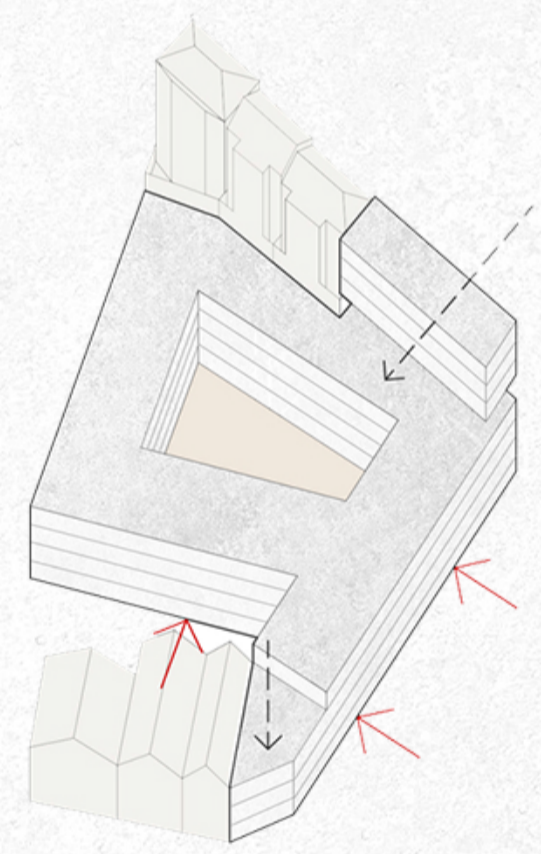
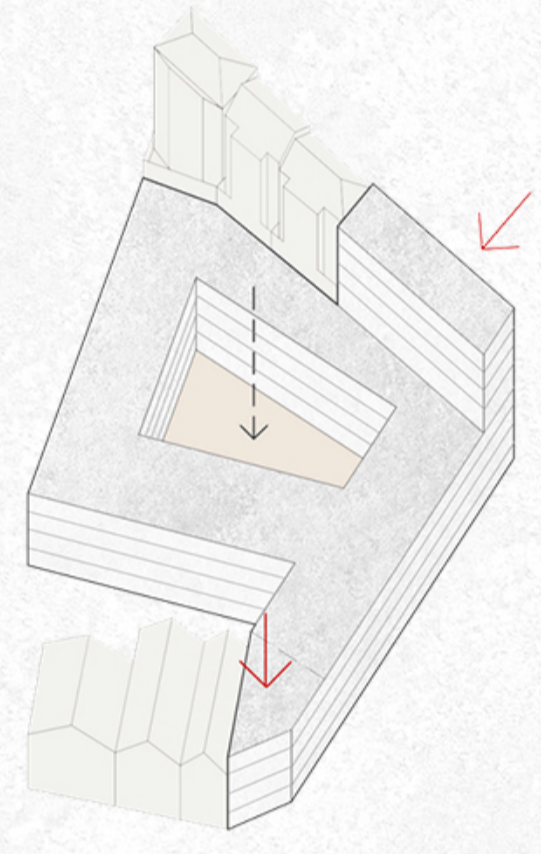
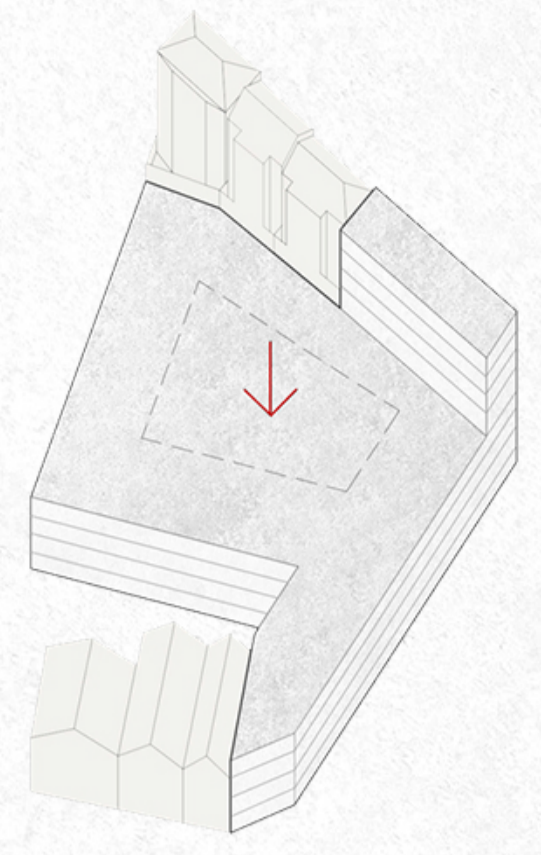
Ortofotomapa com Marcação da Área de Intervenção



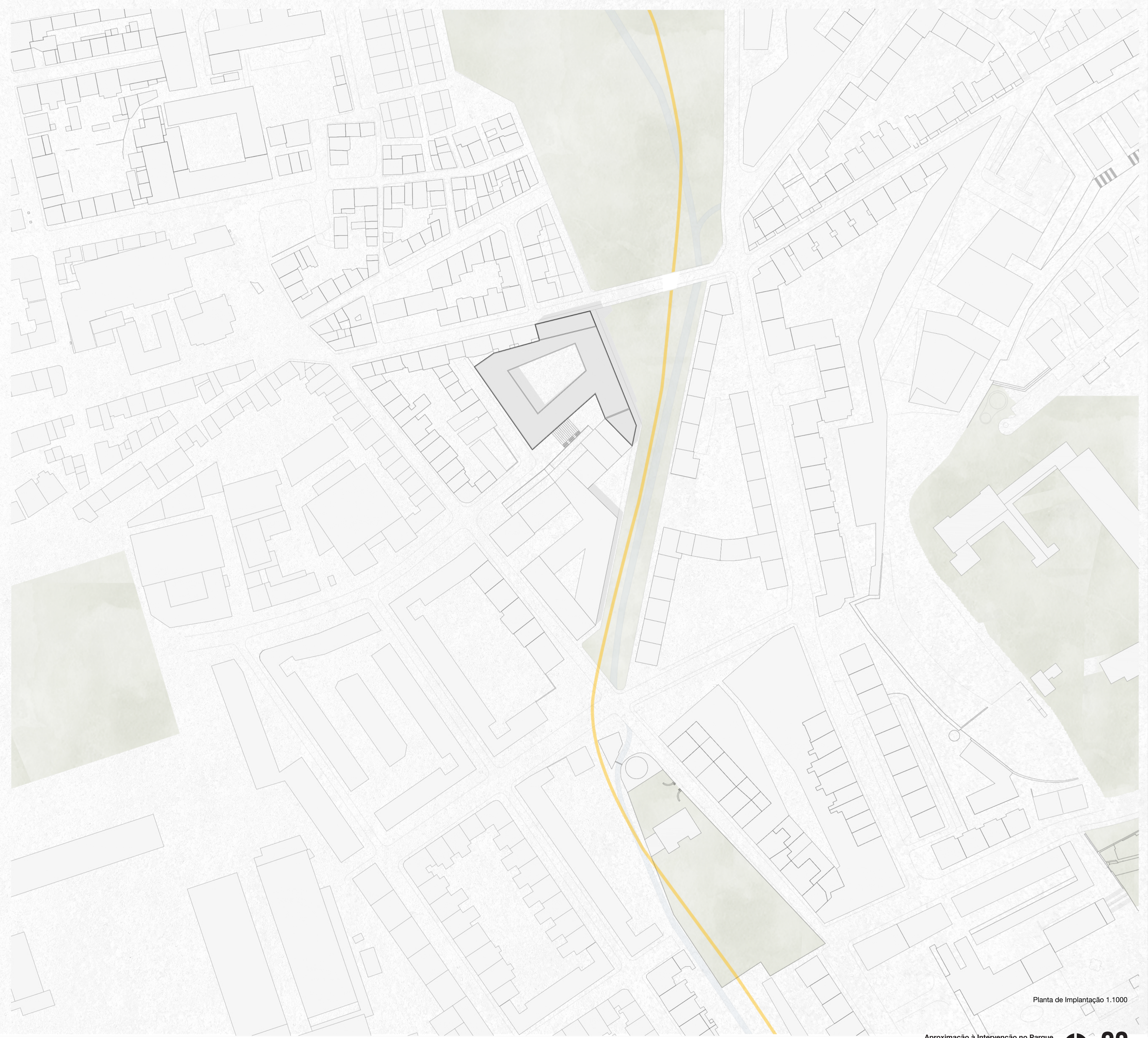
Vista Aérea com Marcação da Área de Intervenção



Fotografias Antigas
A. Antigo Quartel do Rio Seco B. e C. Túnel do Rio Seco D. Largo do Rio Seco

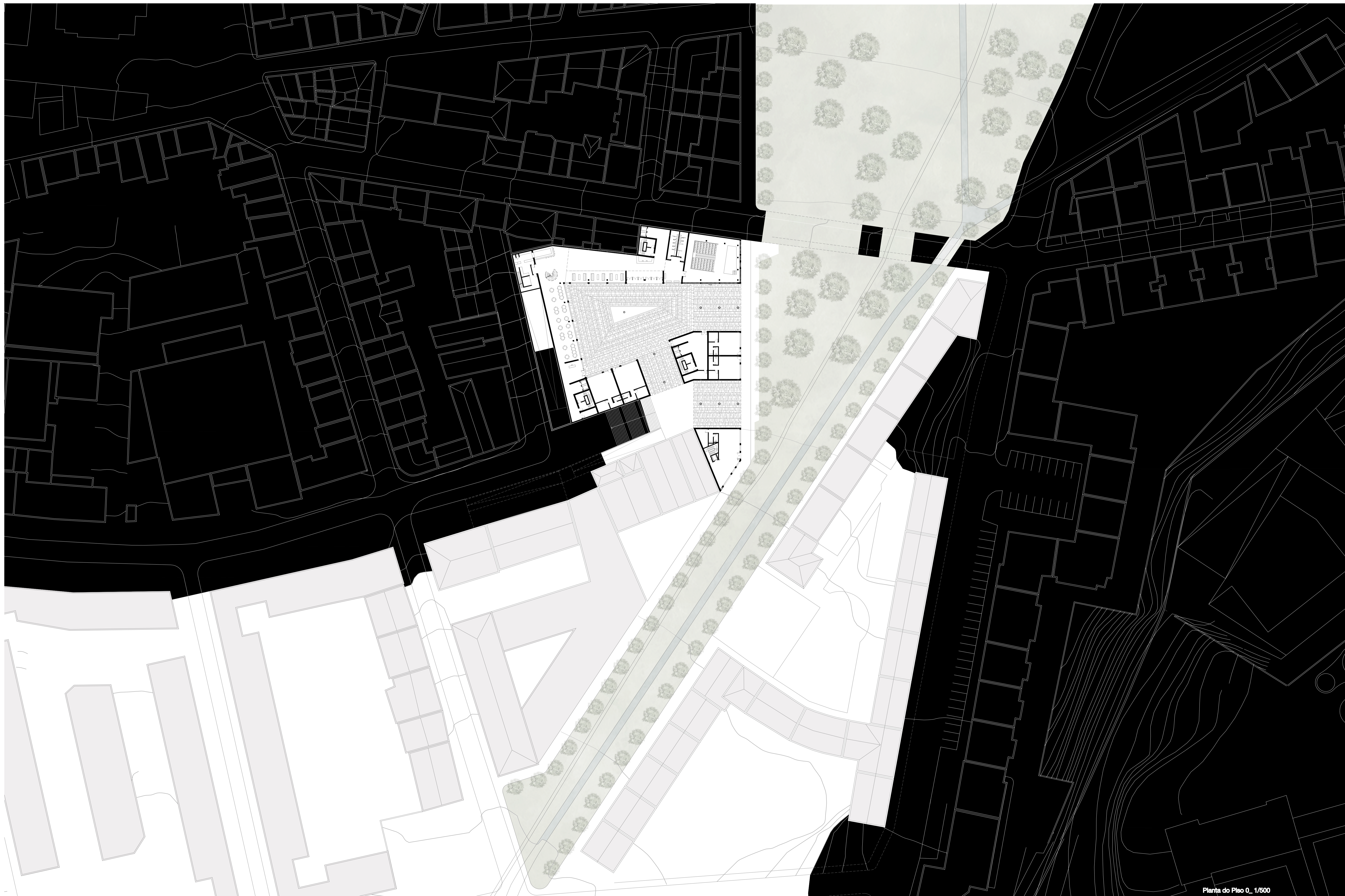


Esquema Conceptual



Planta de Implantação 1.1000





Planta do Piso 0_ 1/500



REGENERAÇÃO URBANA

O Híbrido como articulação entre o Novo Parque e o Tecido Urbano existente no Rio Seco
João Henrique de Melo Alves nº 20101411

Intervenção e envolvente

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa
Orientador: Doutor Arquitecto Nuno Mateus | Co-orientador: Doutor José Crespo



Planta do Piso 1_ 1/500



REGENERAÇÃO URBANA

O Híbrido como articulação entre o Novo Parque e o Tecido Urbano existente no Rio Seco
João Henrique de Melo Alves nº 20101411

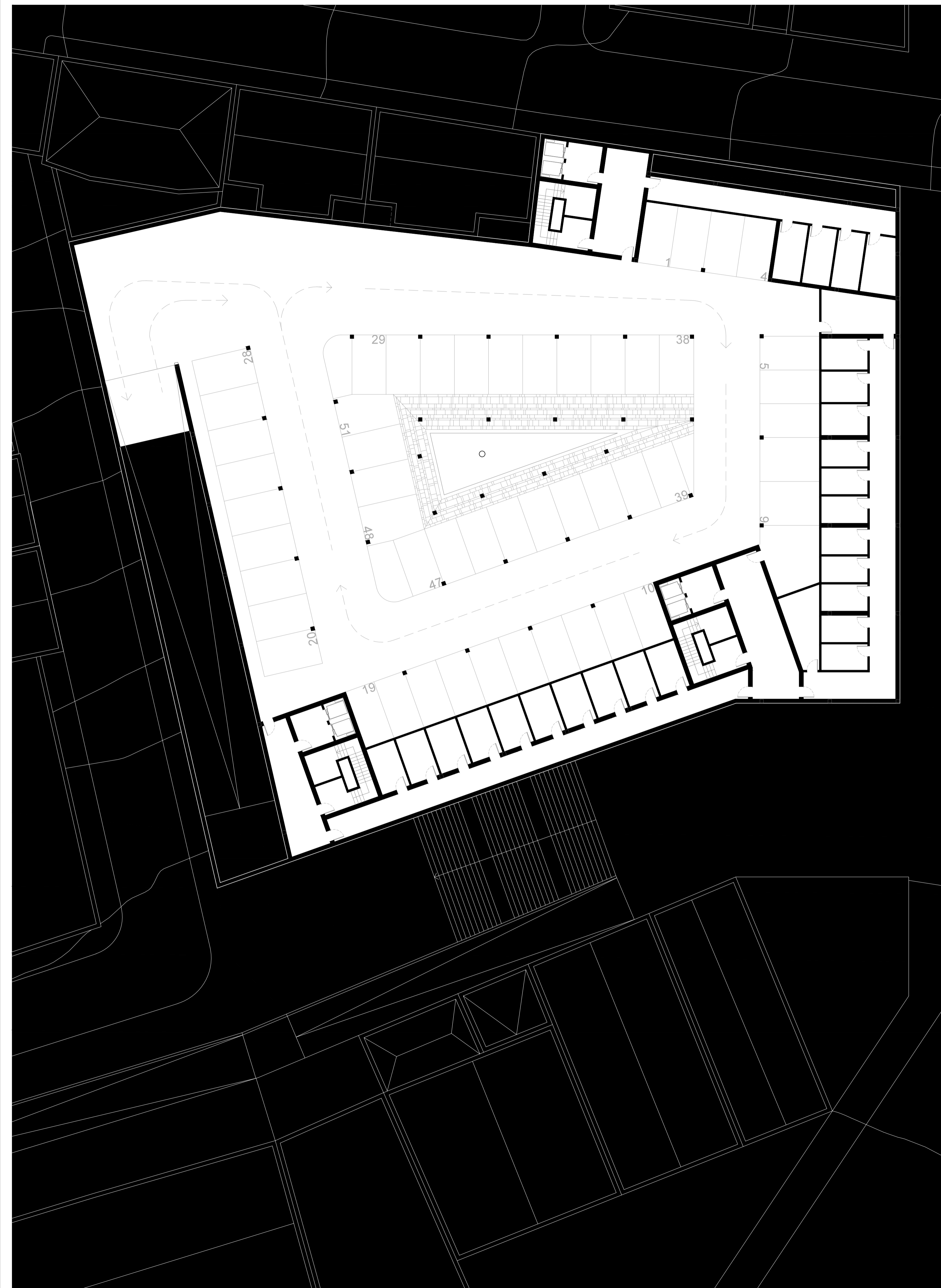
Intervenção e envolvente

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa
Orientador: Doutor Arquitecto Nuno Mateus | Co-orientador: Doutor José Crespo



Planta do Piso 0_ 1/50

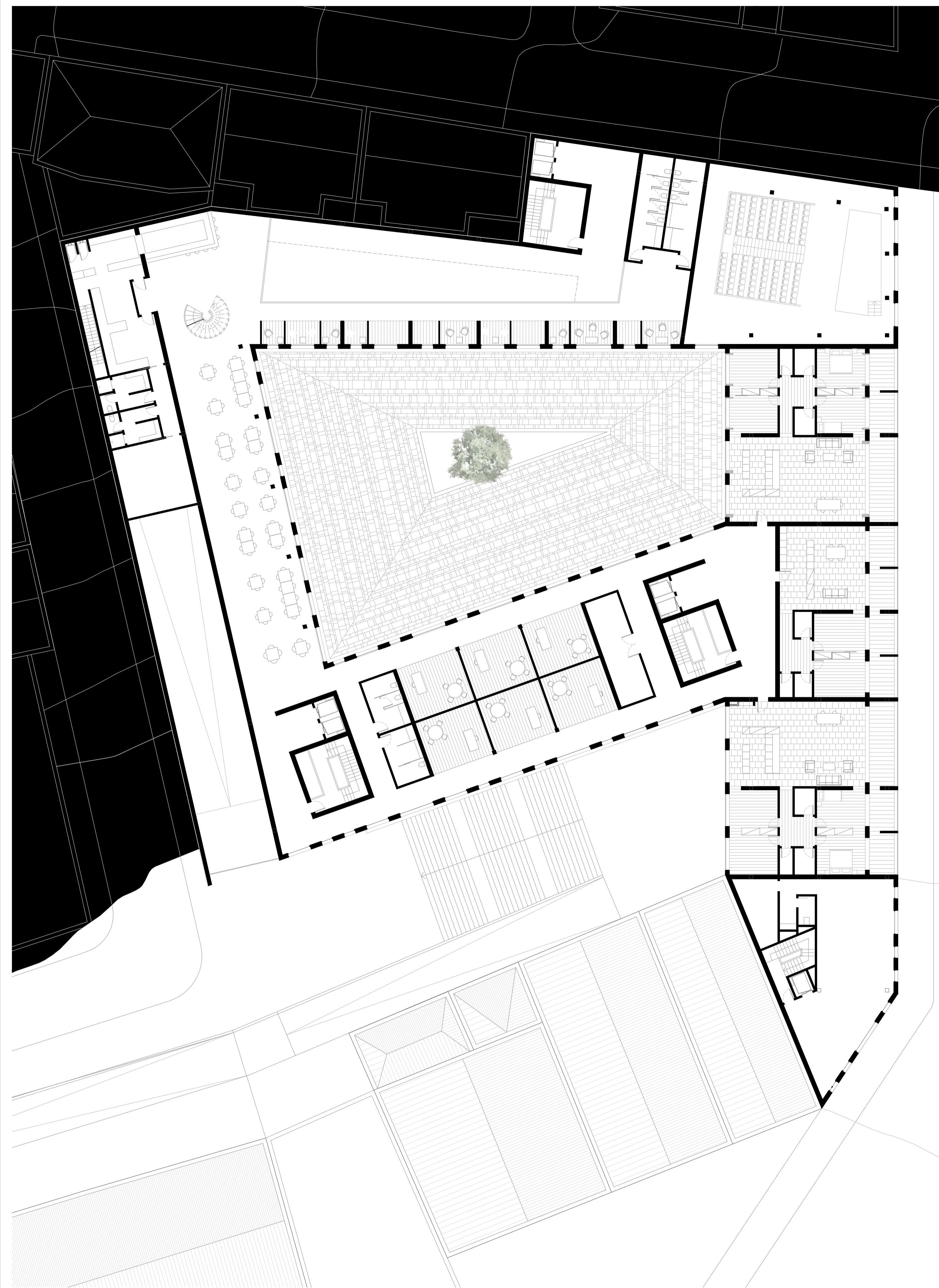




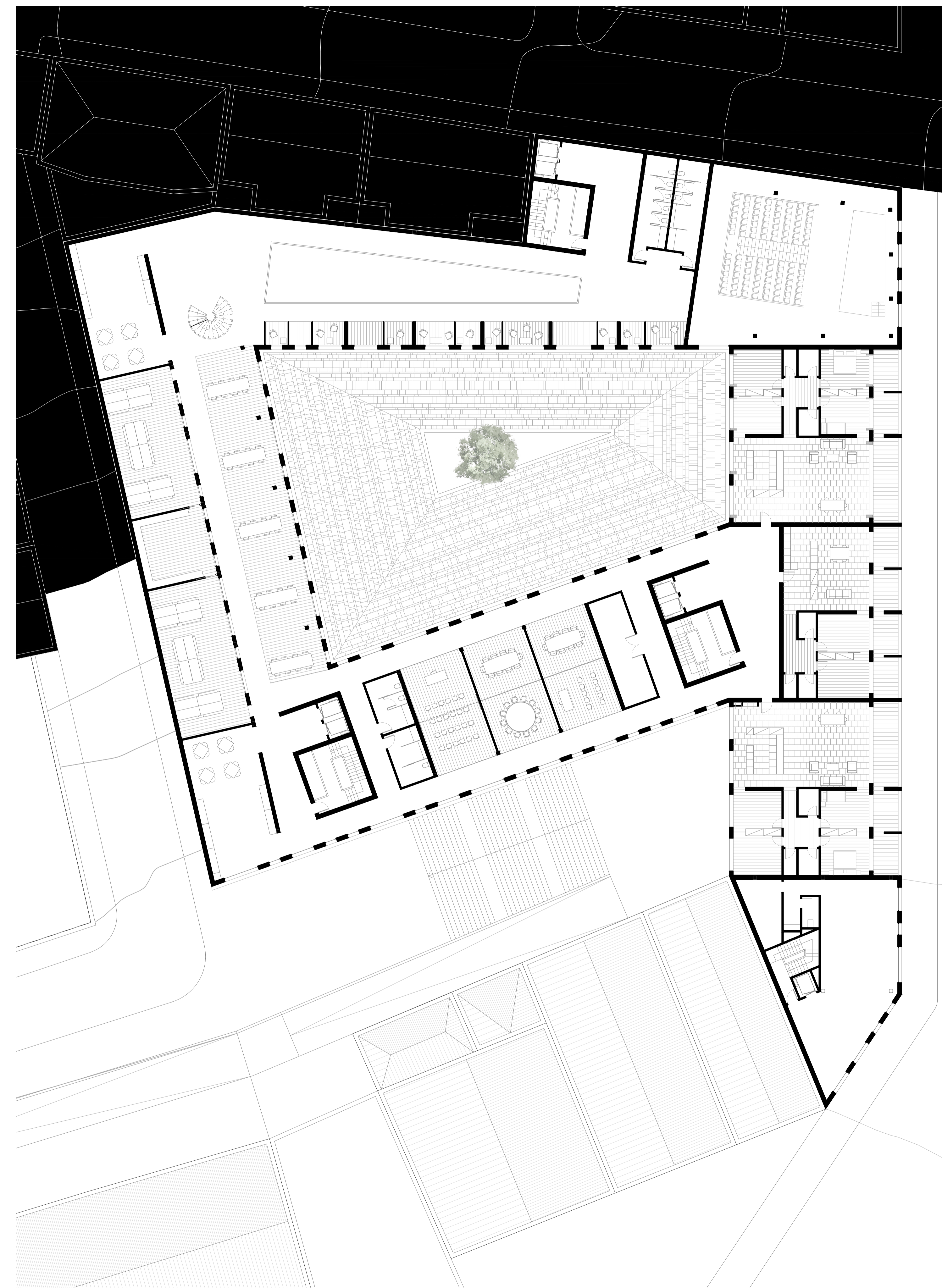
Planta do Estacionamento Subterrâneo (Piso -1)



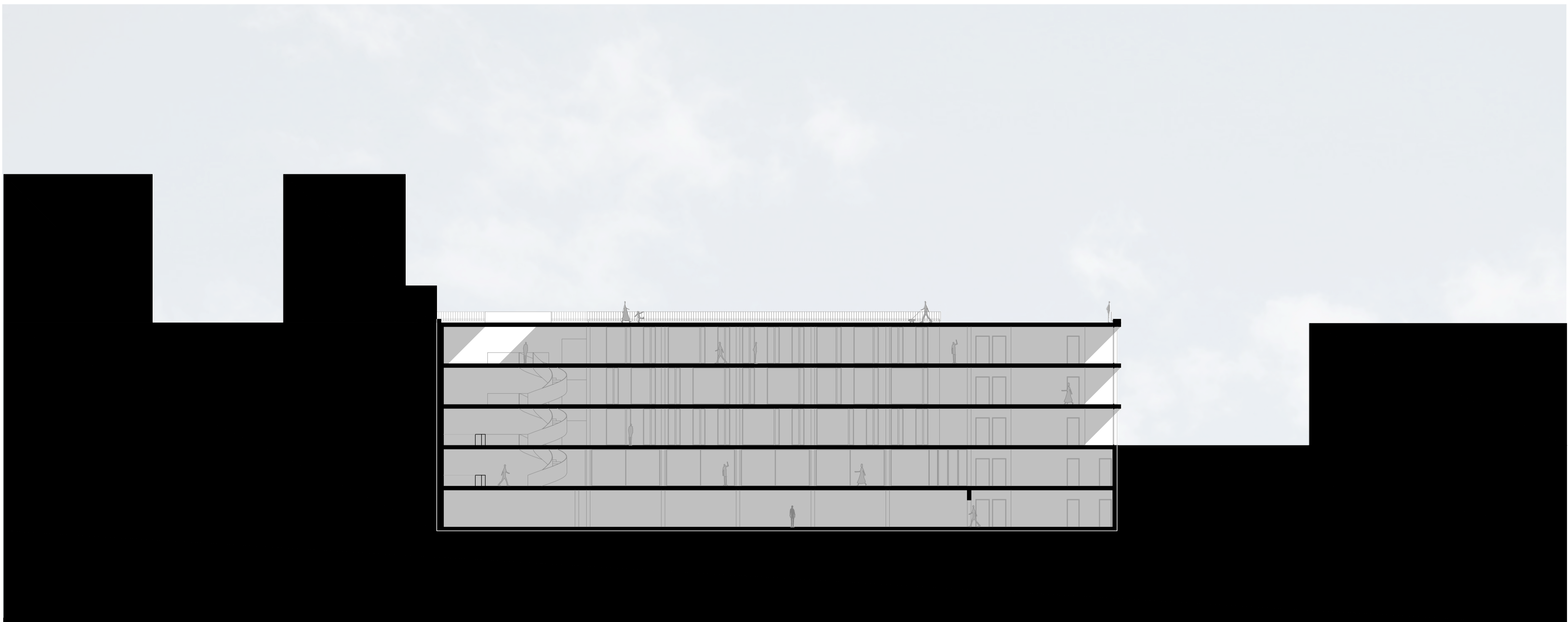
Planta do Piso Térreo



Planta Piso 1



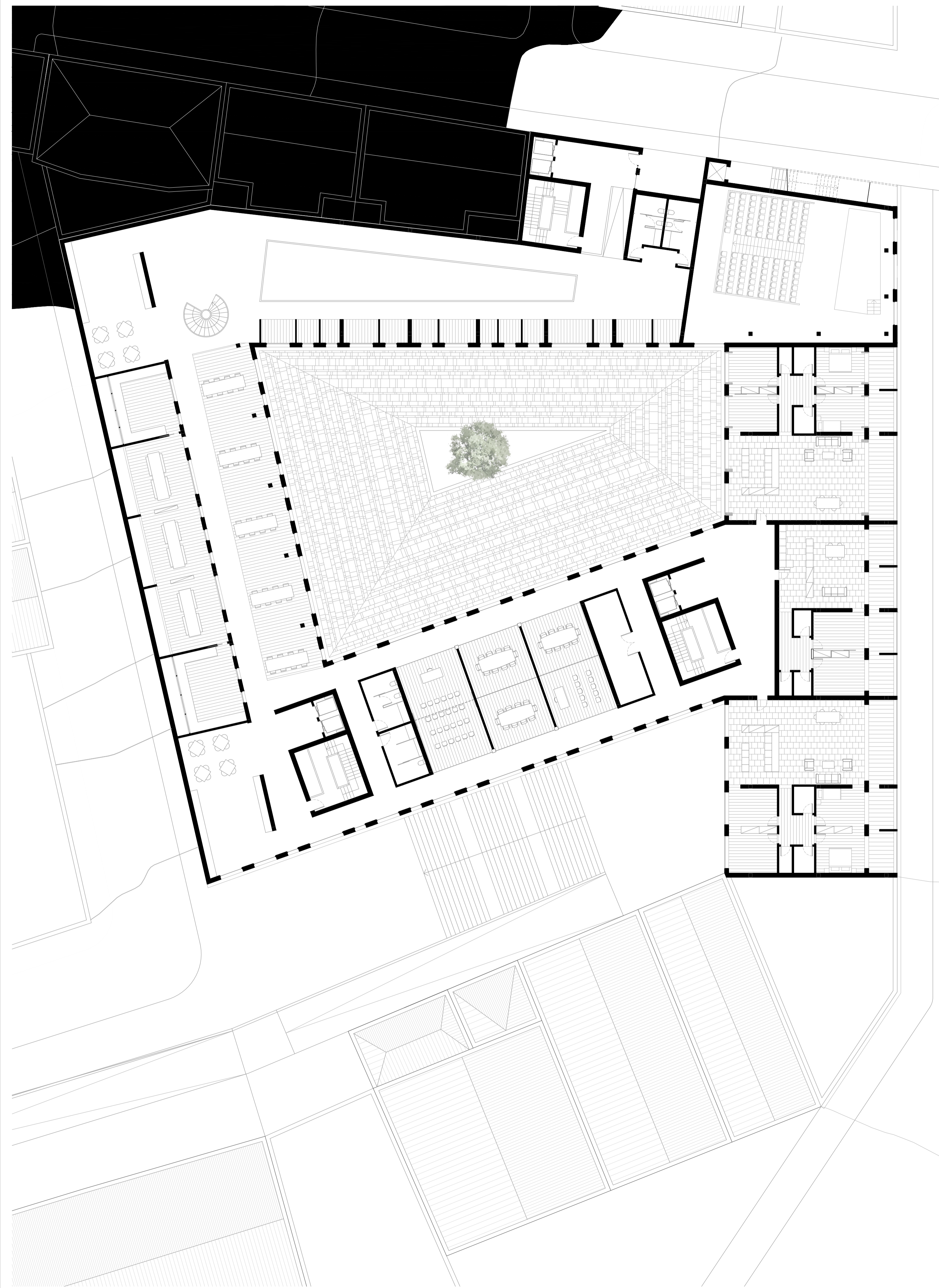
Planta Piso 2



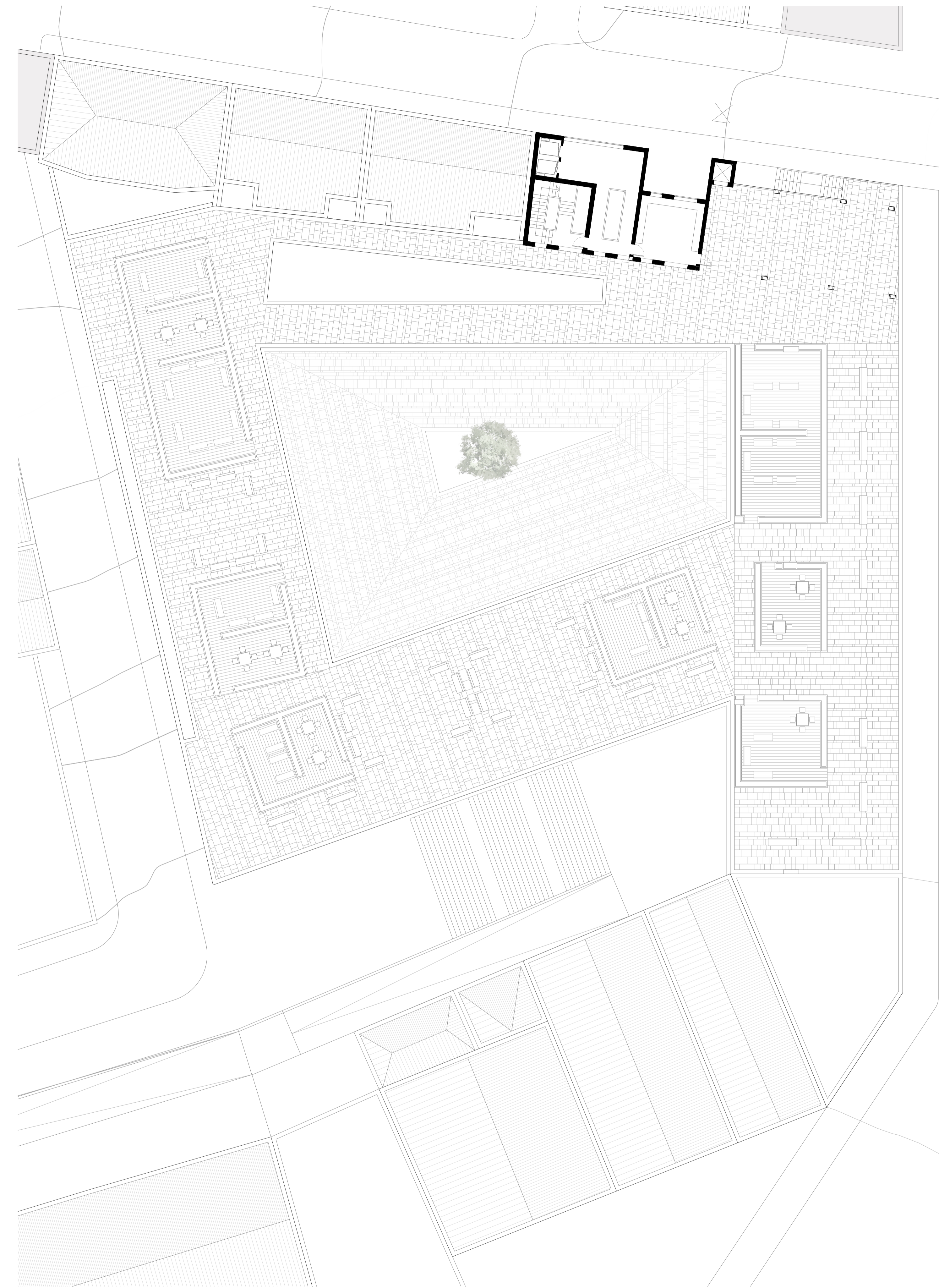
Corte AA'



Corte BB'

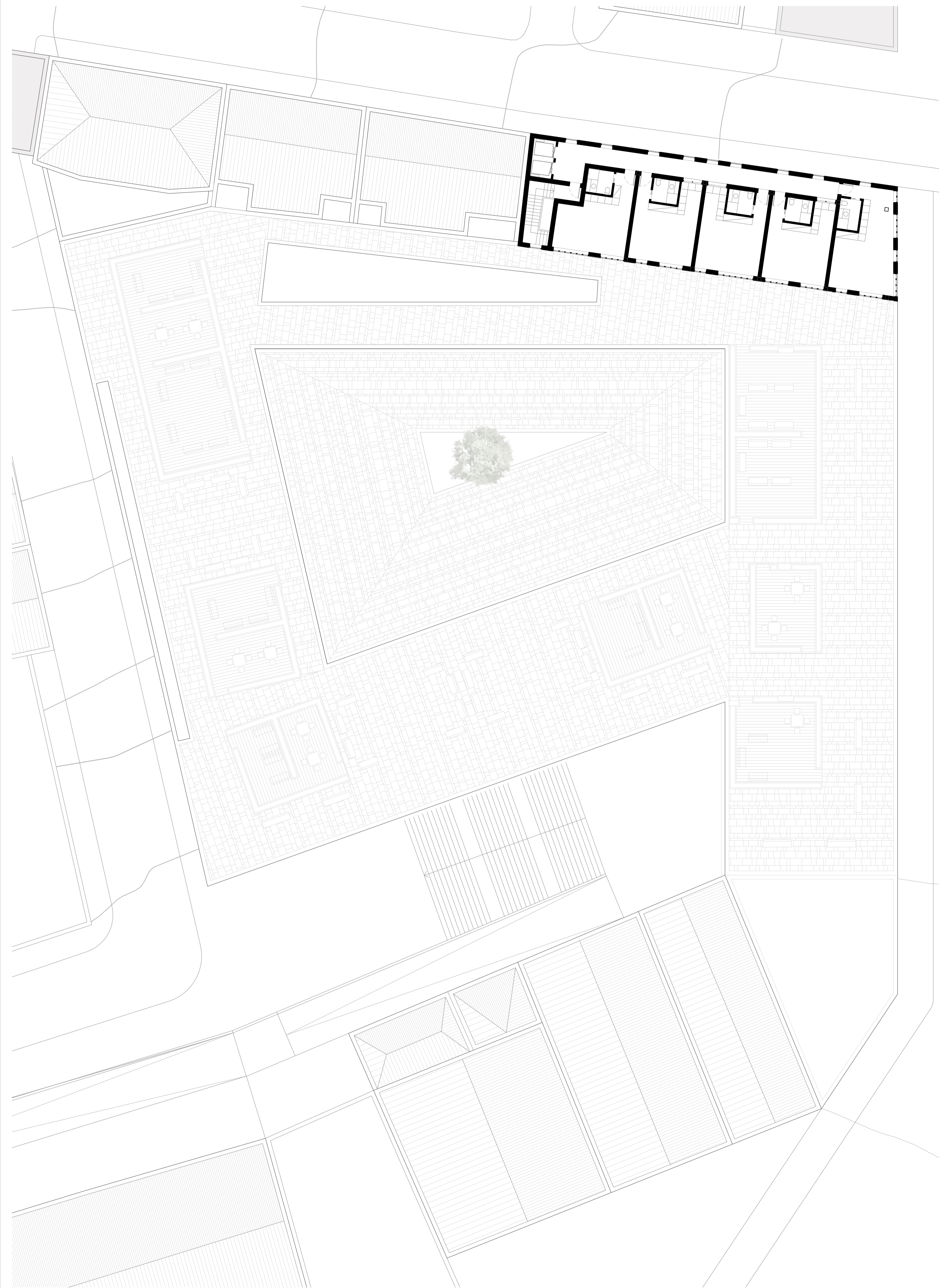


Planta Piso 3

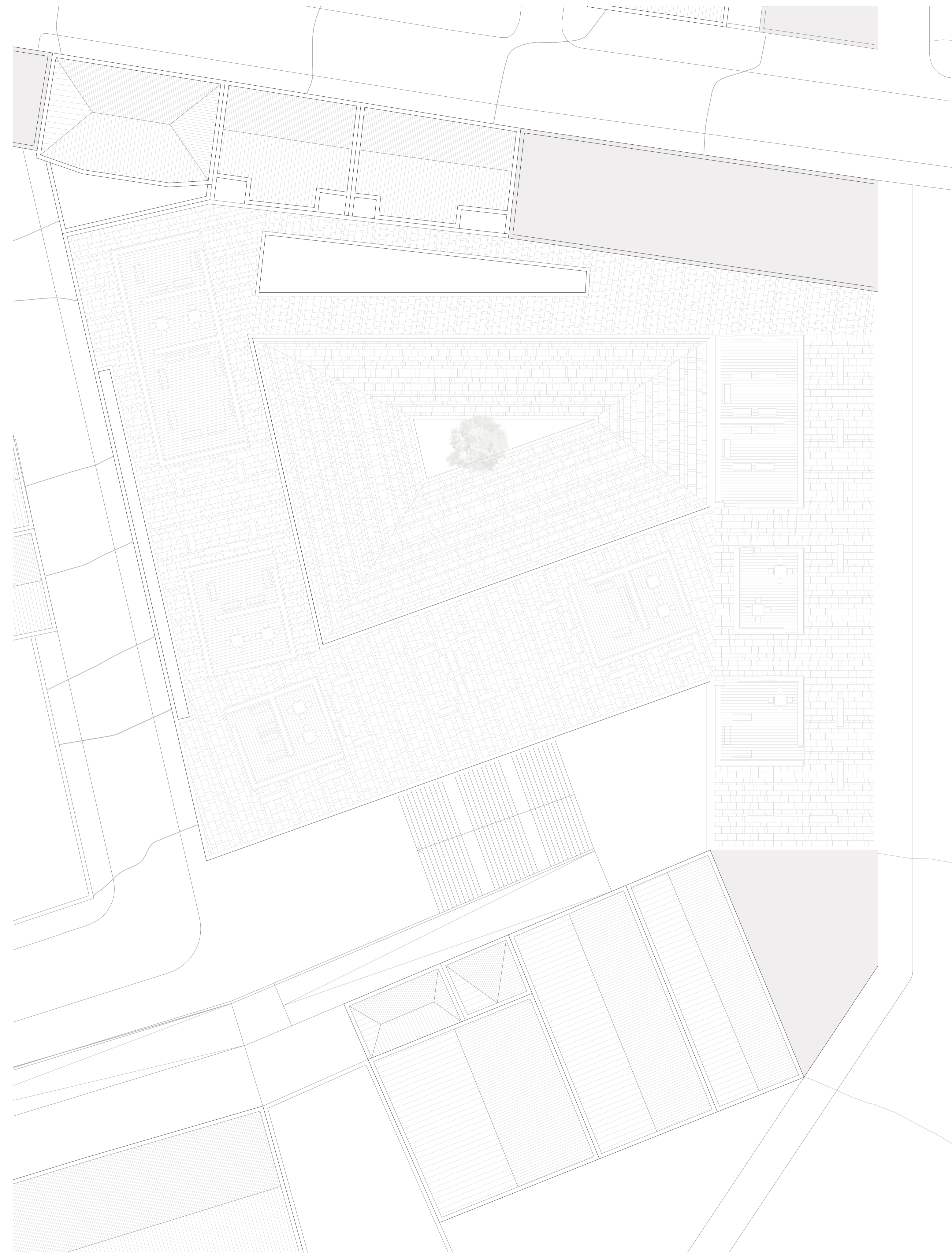


Planta Piso 4



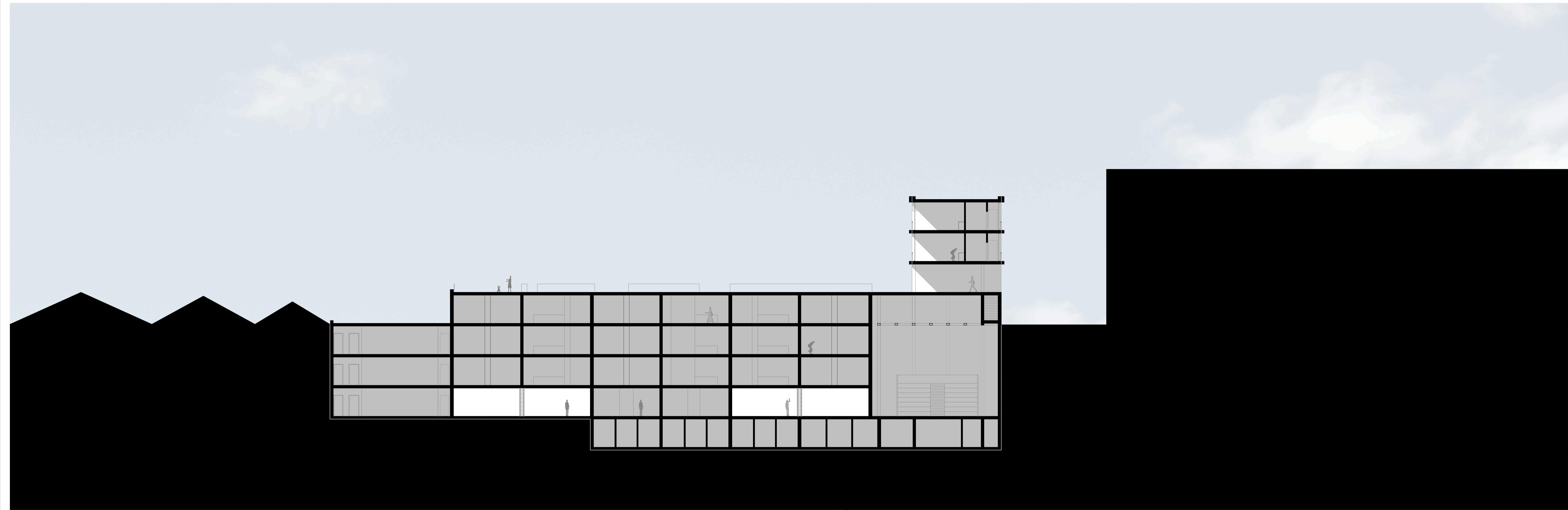


Planta Piso 5

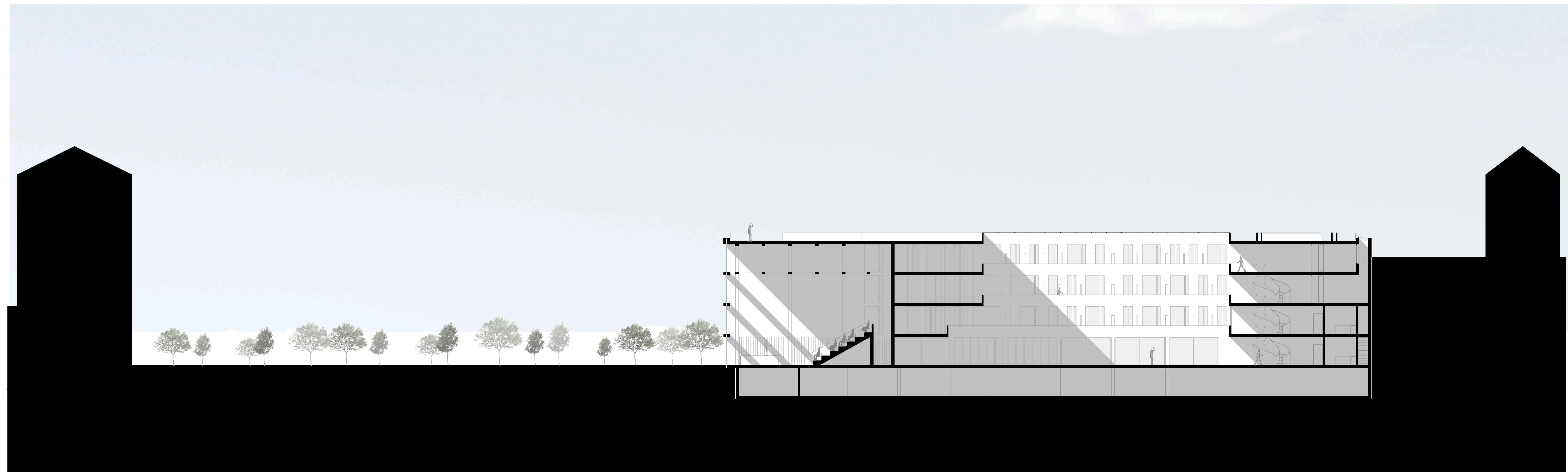


Planta Piso 6



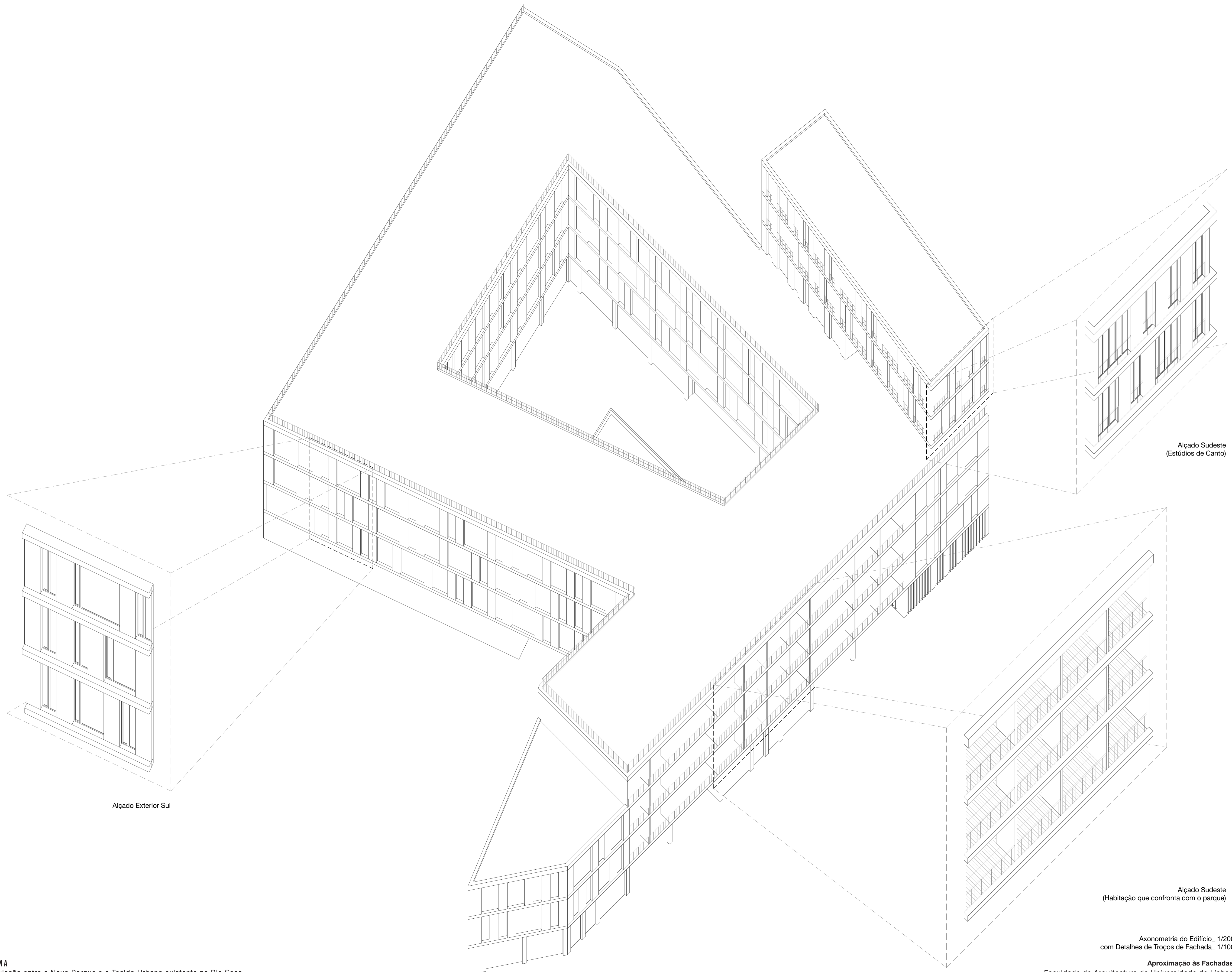


Corte BB'



Corte DD'





Alçado Exterior Sul

Alçado Sudeste
(Estúdios de Canto)

Alçado Sudeste
(Habitação que confronta com o parque)

Axonometria do Edifício_ 1/200
com Detalhes de Troços de Fachada_ 1/100

Aproximação às Fachadas
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa
Orientador: Doutor Arquitecto Nuno Mateus | Co-orientador: Doutor José Crespo



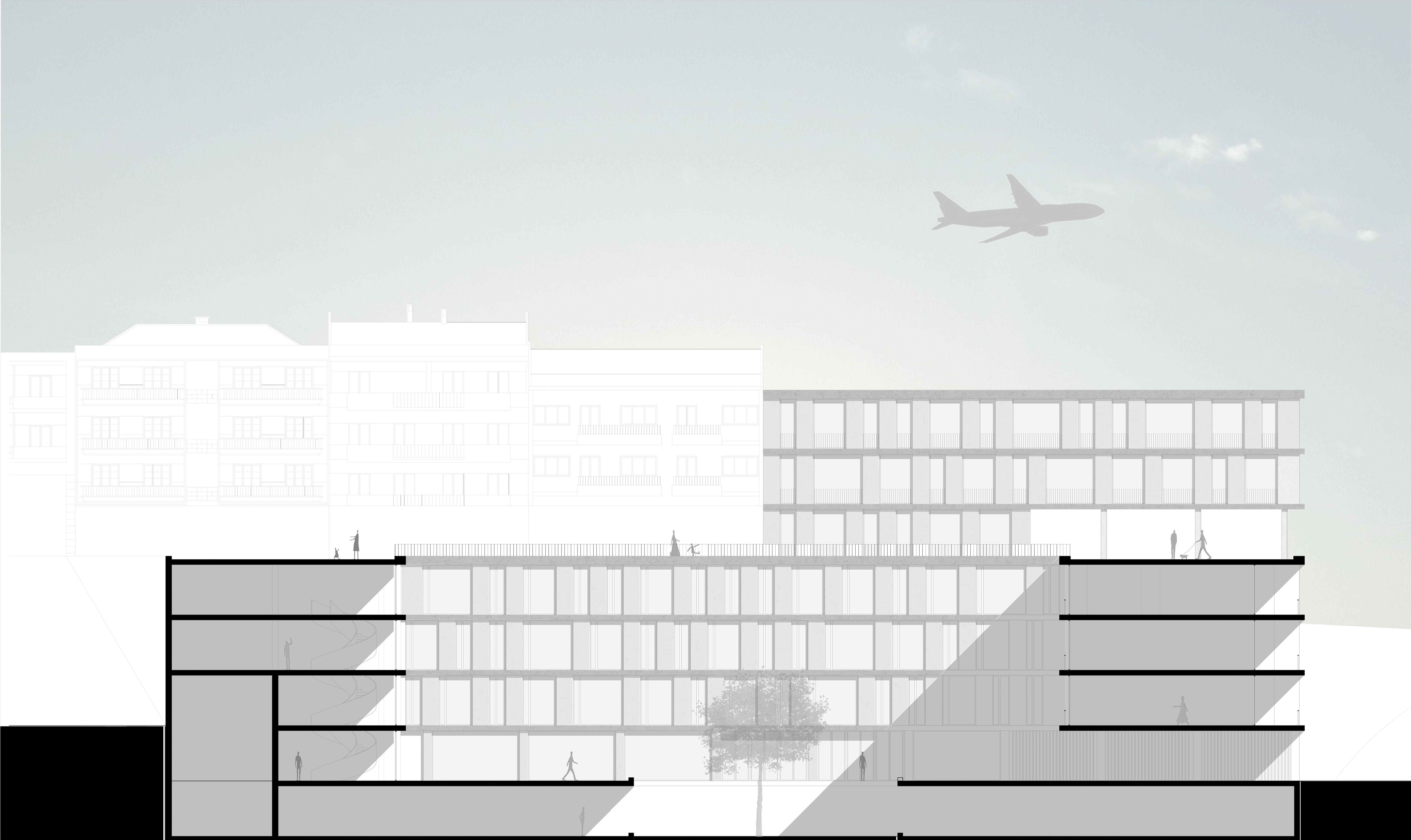


Alçado Norte



Alçado Nordeste





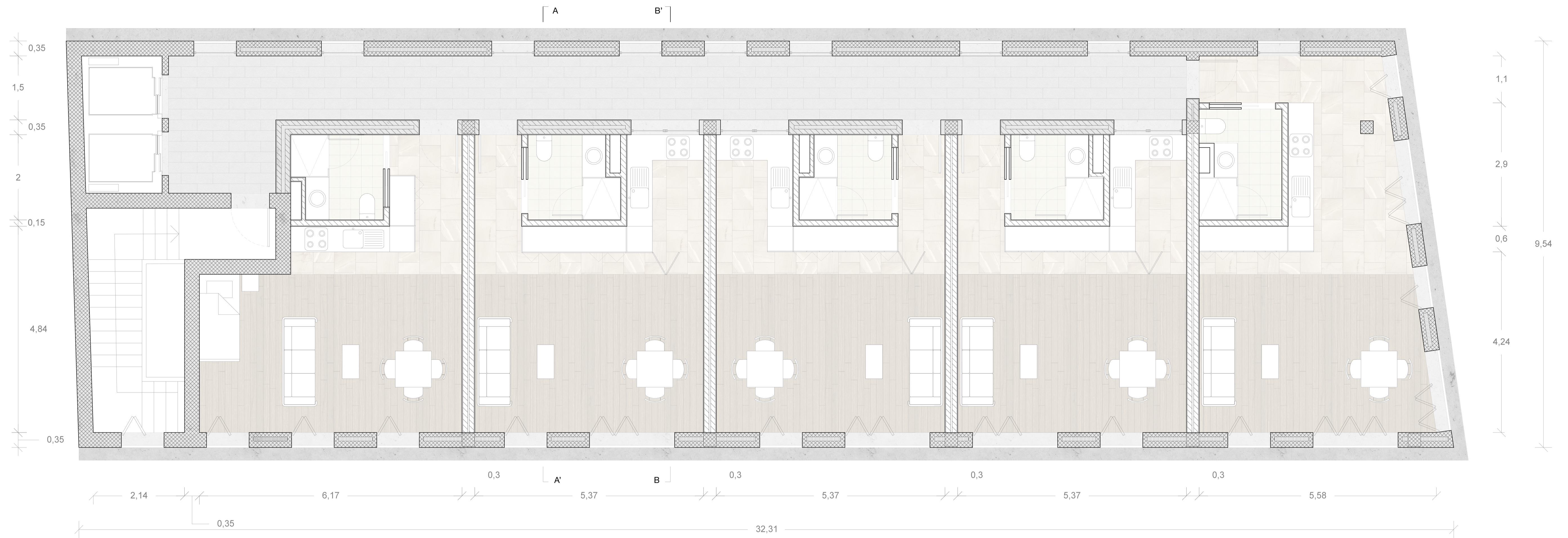
Alçado Interior Norte do Pátio



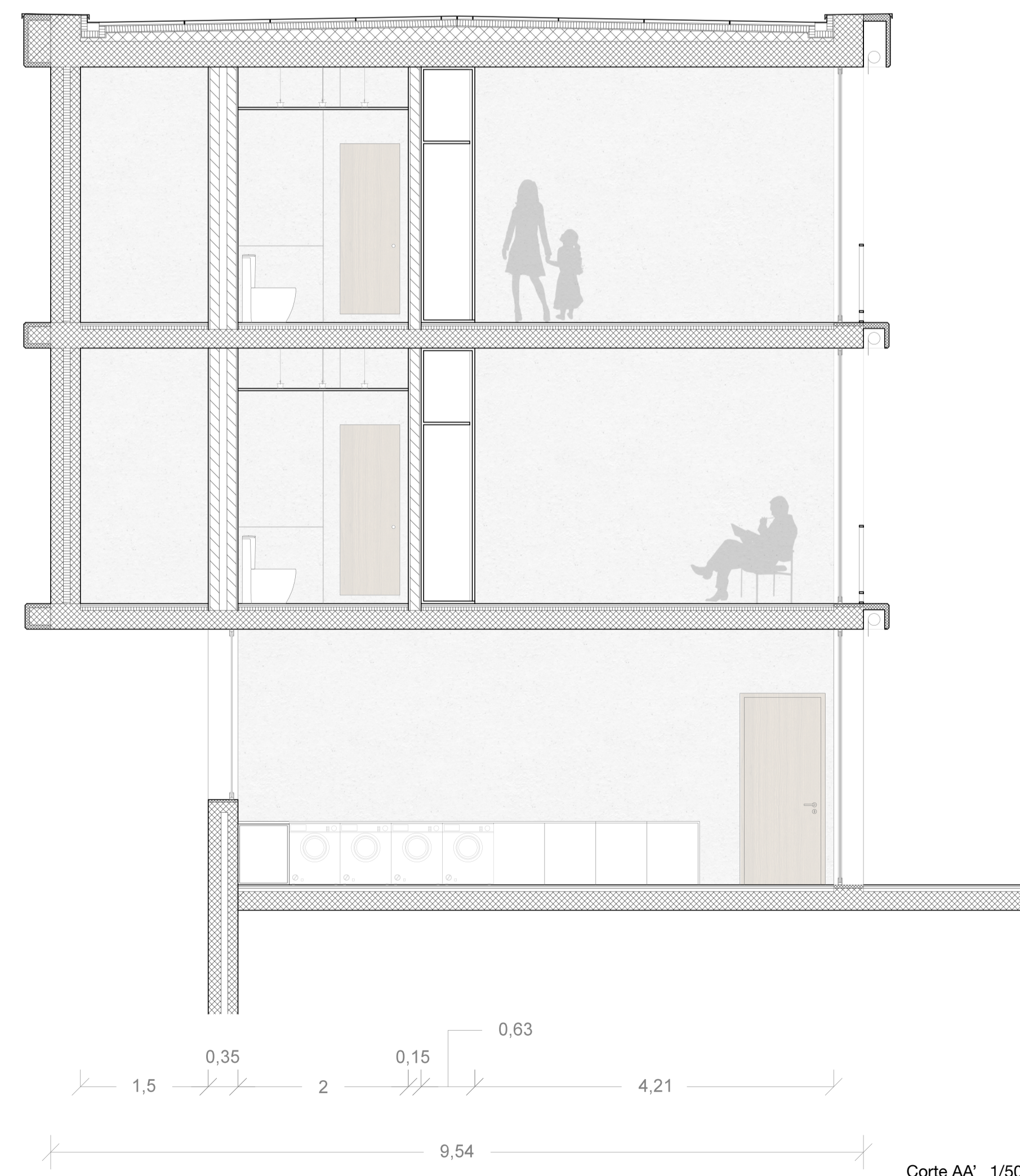
REGENERAÇÃO URBANA

O Híbrido como articulação entre o Novo Parque e o Tecido Urbano existente no Rio Seco
João Henrique de Melo Alves nº 20101411

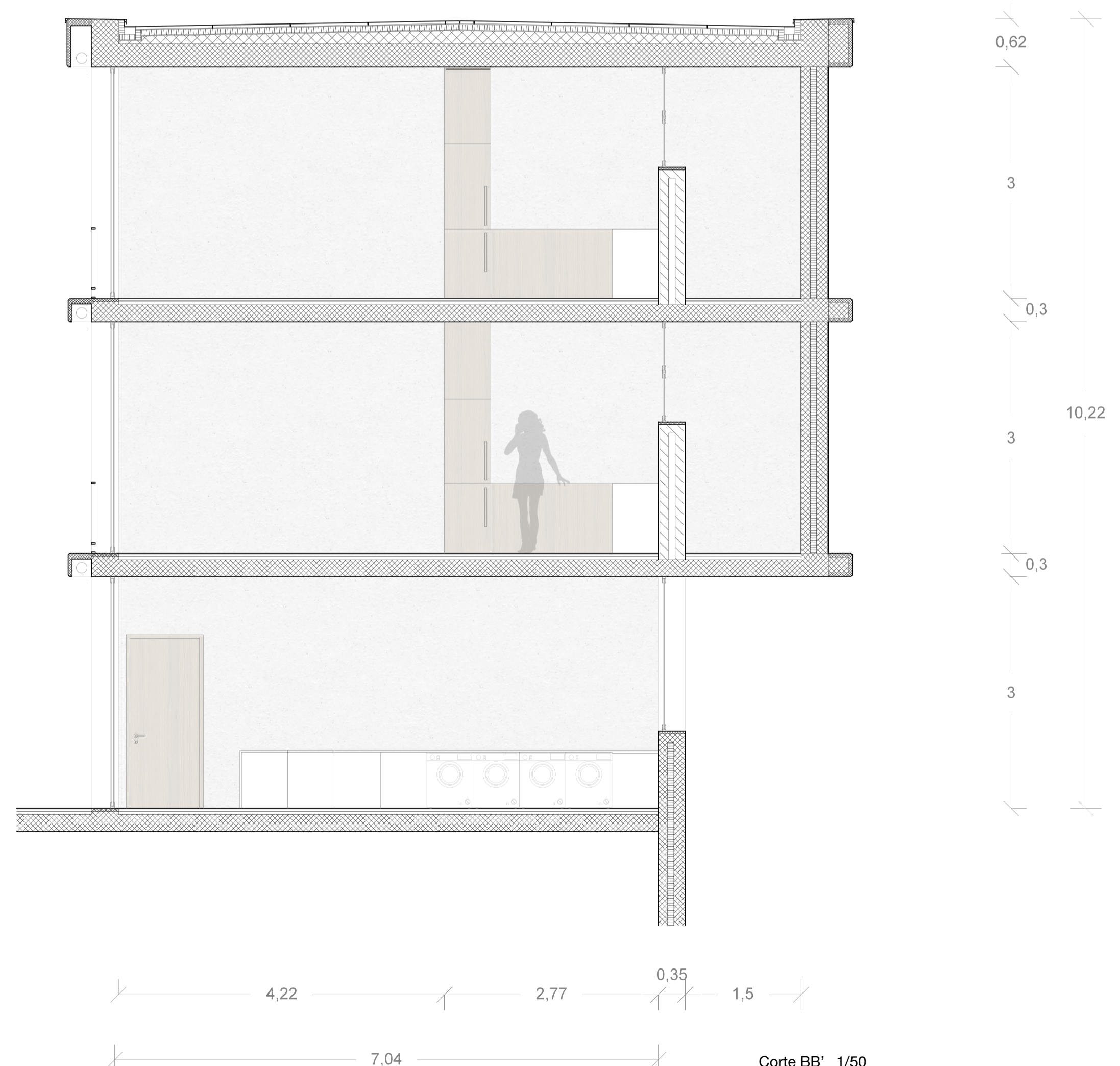
Aproximação às Fachadas
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa
Orientador: Doutor Arquitecto Nuno Mateus | Co-orientador: Doutor José Crespo



Planta do Piso Tipo do Corpo dos Estúdios_ 1/50

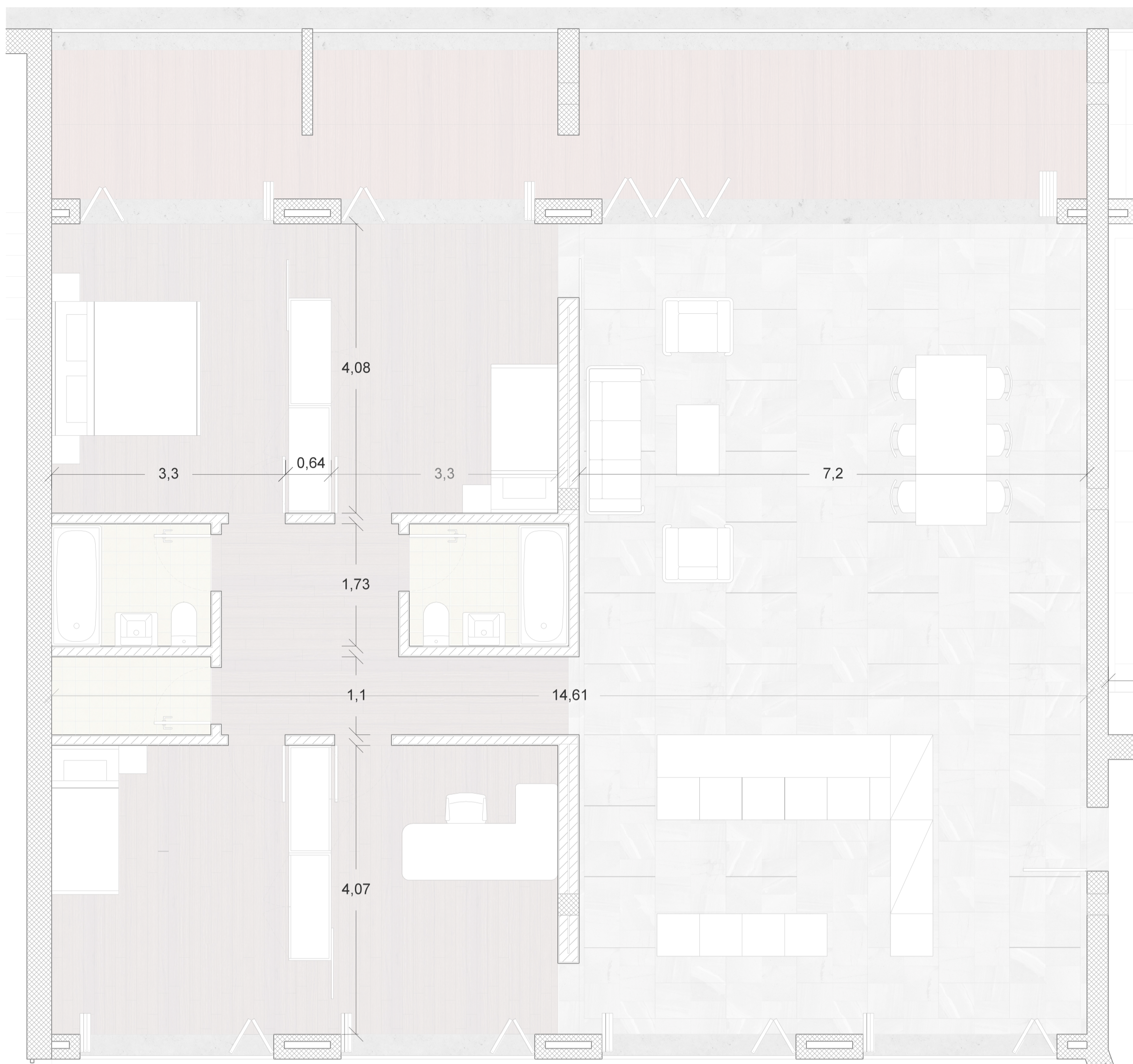


Corte AA'_ 1/50

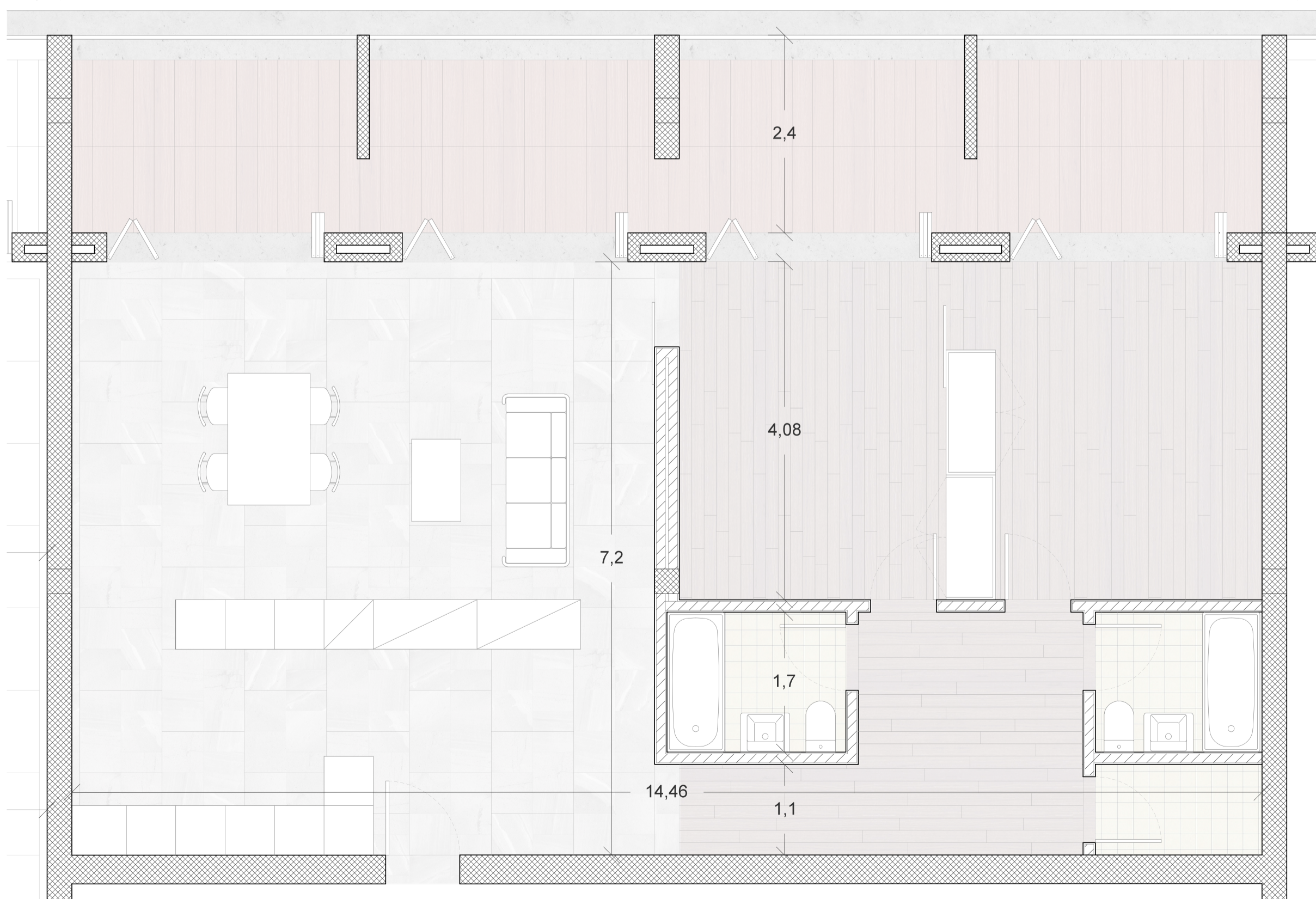


Corte BB'_ 1/50

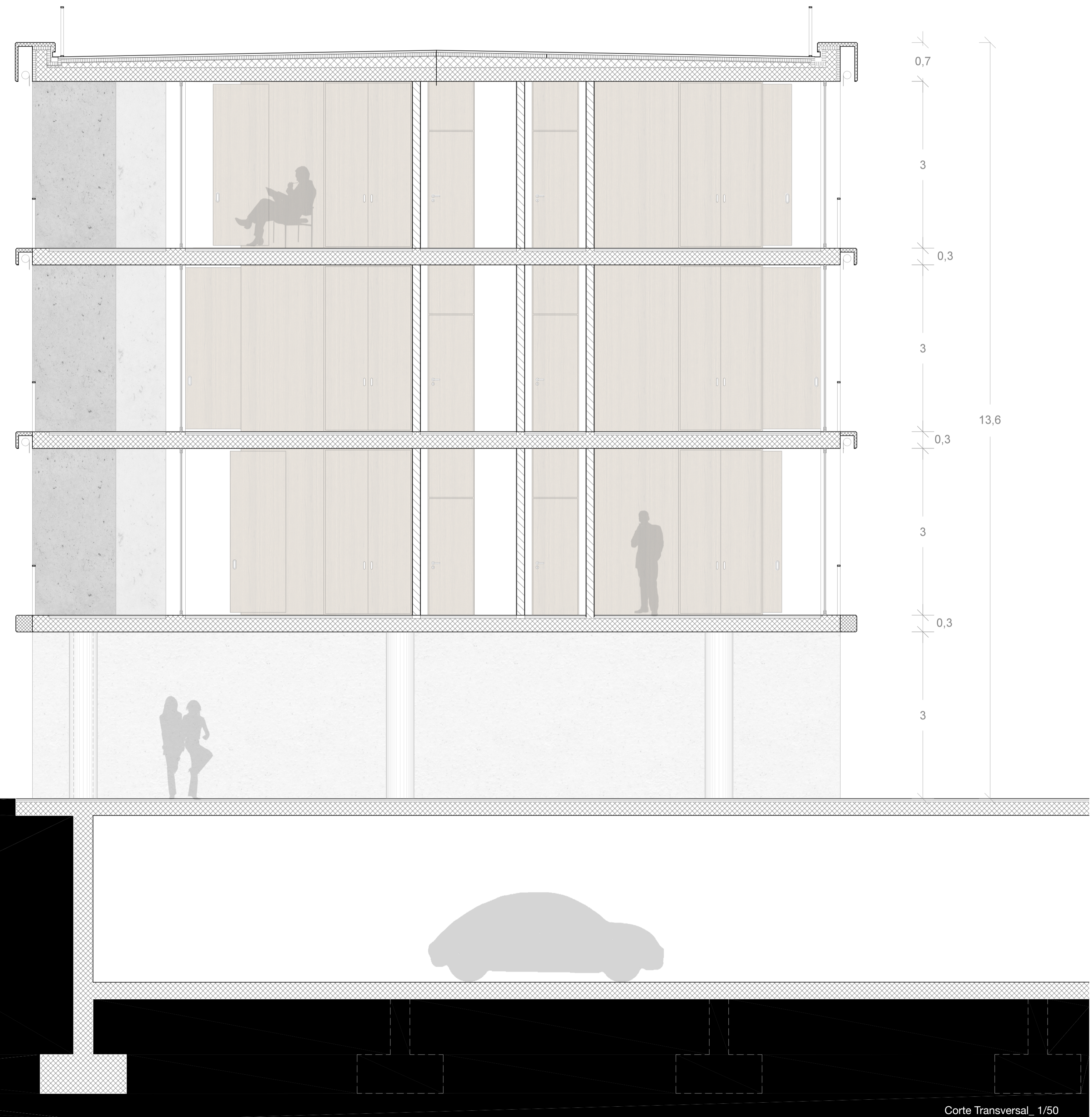
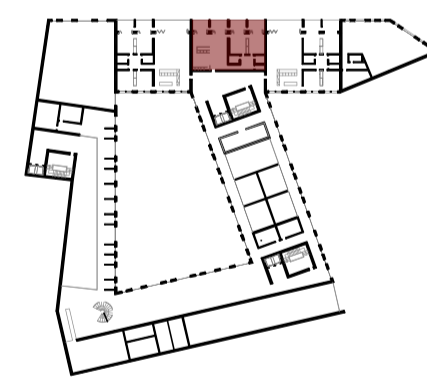
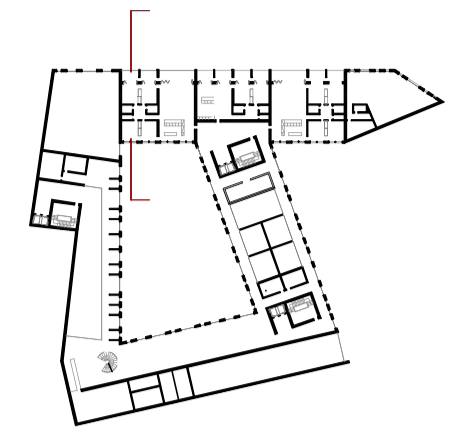
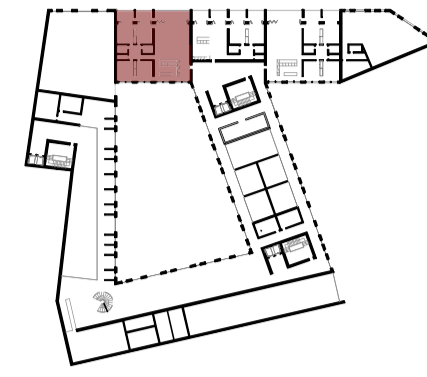




Planta da Tipologia de duas Frentes_ 1/50



Planta da Tipologia de uma Frente_ 1/50



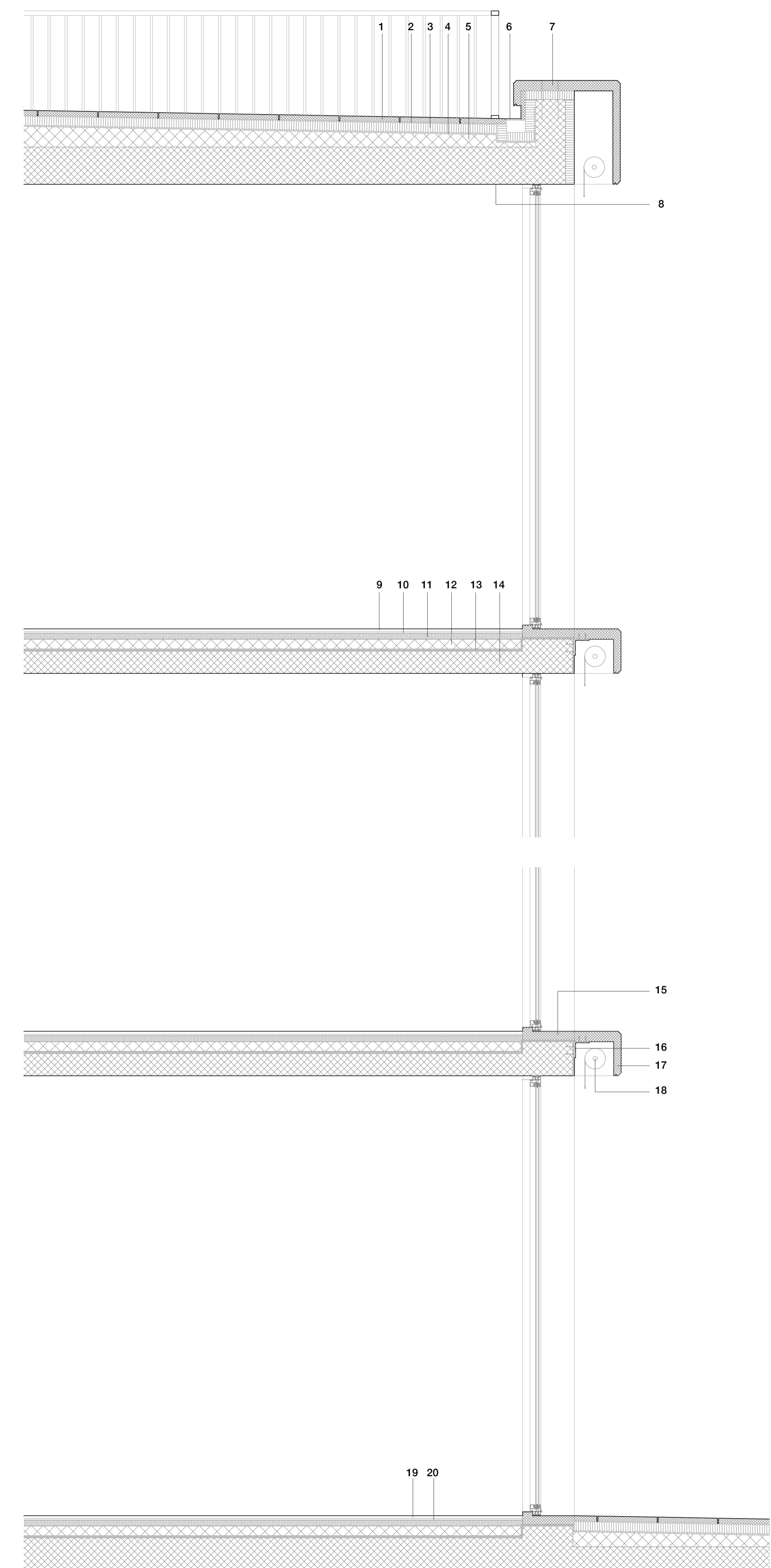
Corte Transversal_ 1/50



Visualização do Braço das Mesas Partilhadas



Visualização dos Nichos de Maior Privacidade



1. Lajetas de Betão 2. Elemento de Dessolidarização 3. Isolamento Térmico 4. Tela de Impermeabilização 5. Camada de Forma 6. Grelha Metálica 7. Elemento em Betão Premoldado 8. Betão à Vista 9. Pavimento em Parquet 10. Camada de Fixação 11. Isolamento Acústico 12. Camada de Regularização 13. Tela de Impermeabilização 14. Laje de Betão 15. Soleira em Betão 16. Suporte de Fixação 17. Elemento em Betão Premoldado 18. Tela de Sombreamento 19. Lajetas de Grés 20. Camada de Fixação

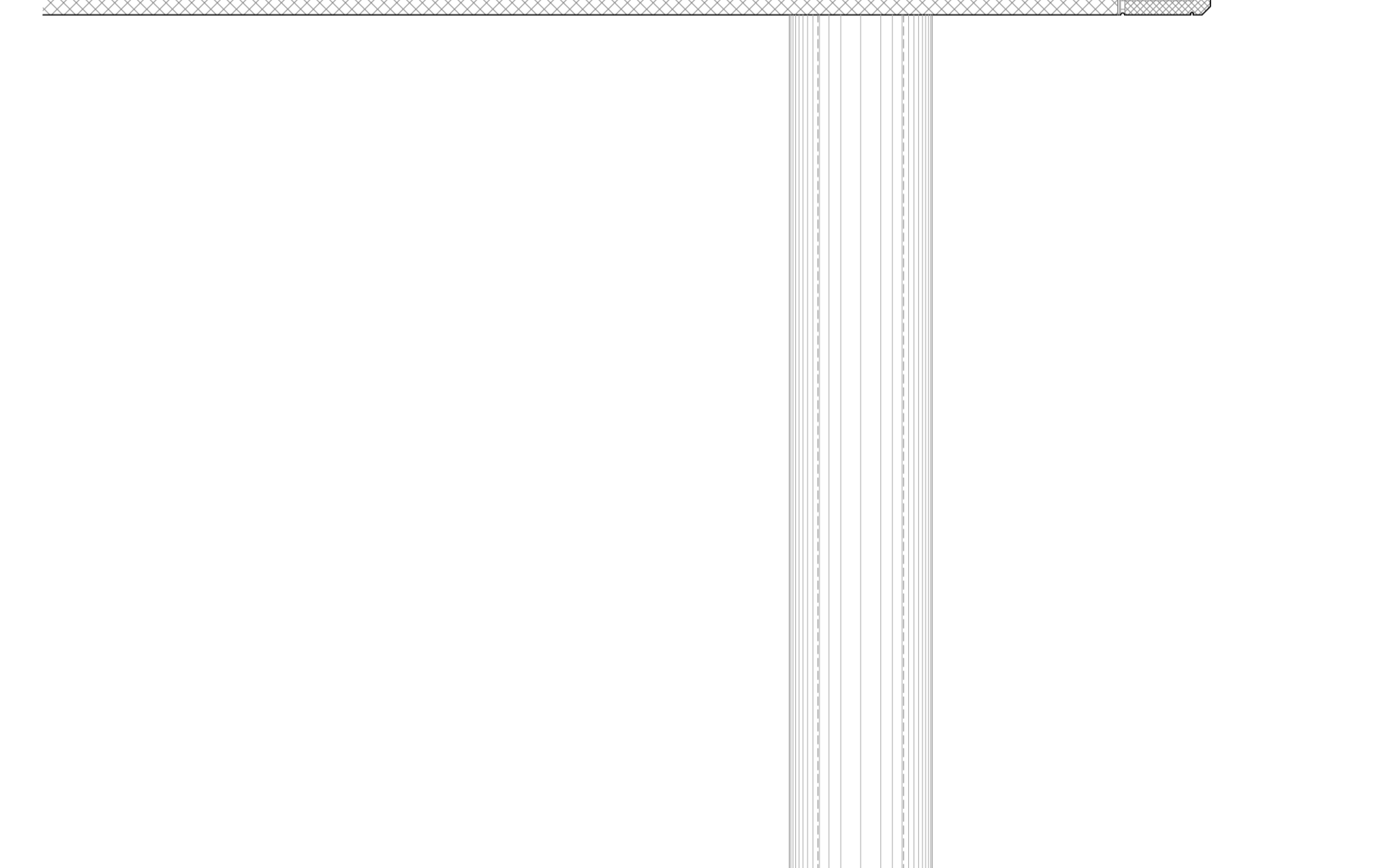
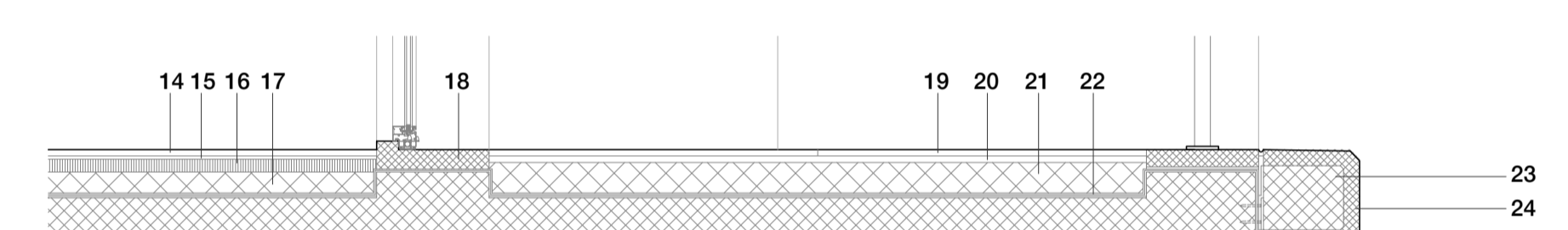
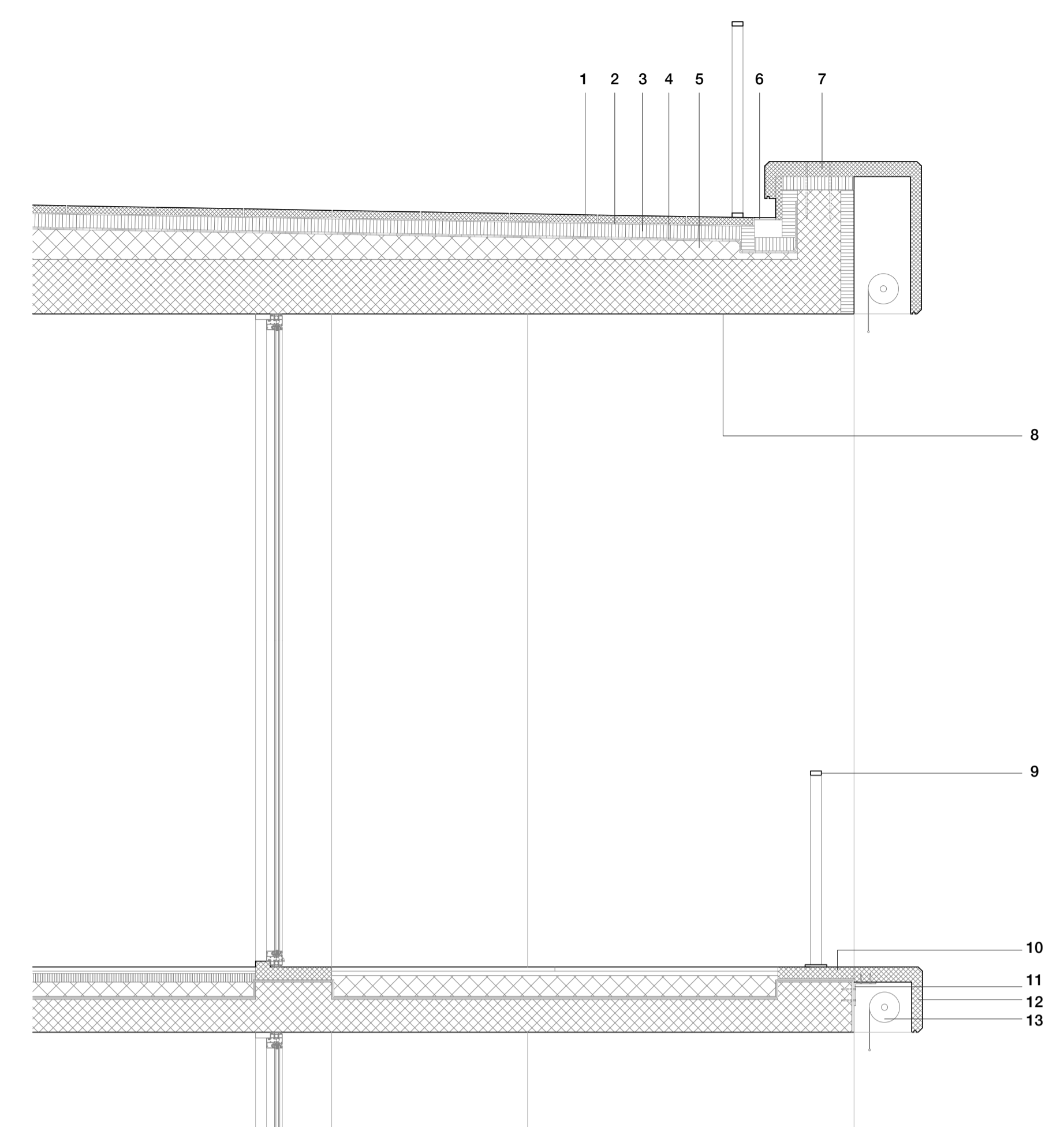
Troço de Fachada em Alçado e Corte_ 1/20



REGENERAÇÃO URBANA
O Híbrido como articulação entre o Novo Parque e o Tecido Urbano existente no Rio Seco
João Henrique de Melo Alves nº 20101411

Construtividade da Fachada
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa
Orientador: Doutor Arquitecto Nuno Mateus | Co-orientador: Doutor José Crespo





1. Lajetas de Betão 2. Elemento de Dessolidarização 3. Isolamento Térmico 4. Tela de Impermeabilização 5. Camada de Forma 6. Grelha Metálica 7. Elemento em Betão Premoldado 8. Betão à Vista 9. Guarda em Aço Inox 10. Soleira em Betão Premoldado 11. Suporte de Fixação
 12. Elemento de Betão Premoldado 13. Tela de Sombreamento 14. Lajetas de Grés 15. Camada de Fixação 16. Isolamento Acústico 17. Camada de Forma 18. Soleira em Betão Premoldado 19. Deck de Madeira 20. Sistema de Fixação do Deck 21. Camada de Forma
 22. Tela de Impermeabilização 23. Betão Armado 24. Betão de Capreamento com Pigmento Cinzento Escuro 25. Sapata em Betão Armado 26. Geotextil 27. Dreno



Visualização da Sala das Tipologias Grandes



Visualização do Sistema de Varanda das Tipologia Grandes